



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PEDRO JÚNIOR DOS SANTOS SILVA**

**SERAFINA CINQUE: TRAJETÓRIAS DE UMA  
EDUCADORA E RELIGIOSA NA  
TRANSAMAZÔNICA (1970 – 1988)**



**Belém - Pará**  
**2024**

**PEDRO JÚNIOR DOS SANTOS SILVA**

**SERAFINA CINQUE: TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA E  
RELIGIOSA NA TRANSAMAZÔNICA (1970 – 1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França.

**Belém - Pará  
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**

**Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA**

---

Silva, Pedro Júnior dos Santos

Serafina Cinque: trajetórias de uma educadora e religiosa na Transamazônica (1970-1988) / Pedro Júnior dos Santos Silva; orientação de Maria do Perpétuo Socorro G. de S. A. de França. – Belém, 2024.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-graduação em Educação. Belém. 2024.

1.Educação-História-Altamira-PA.2.Educadoras-Amazônia.3.Freiras-Amazônia.I.França, Maria do Perpétuo Socorro G. de Souza (orient.). II. Título.

---

CDD. 23º ed. 370.98115

Regina Coeli A. Ribeiro – CRB-2/739

**PEDRO JÚNIOR DOS SANTOS SILVA**

**SERAFINA CINQUE: TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA E  
RELIGIOSA NA TRANSAMAZÔNICA (1970 – 1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade do Estado do Pará como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro G.  
de Souza Avelino de França.

Data de defesa: 17/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França  
Doutora em História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Universidade do Estado do Pará

---

Examinadora Interna: Profa. Dra. Tânia Regina Lobato dos Santos  
Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)  
Universidade do Estado do Pará

---

Examinador Externo: Prof. Dr. Rogério Andrade Maciel  
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará  
Universidade Federal do Pará

*A todos aqueles que, como Serafina Cinque,  
fazem da sua vida uma expressão autêntica de  
louvor a Deus e dedicação ao próximo.*

## AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a Deus, fonte de todo bem e toda graça, pelo dom da minha vida, pela minha profissão e pelo desejo de buscar o conhecimento que Ele mesmo suscita constantemente em meu coração.

É conveniente também afirmar que, nestes momentos finais dessa jornada incrível que trilhei ao lado de pessoas tão especiais, não consigo tirar da memória uma frase atribuída a Isaac Newton: “Se enxerguei mais longe, foi porque me apoiei em ombros de gigantes”. Assim, é mais do que justo render a eles meus agradecimentos.

Depois de Deus, serei sempre grato a meus pais, Luiz Correia da Silva e Maria de Fátima dos Santos Silva, que com sua simplicidade me ensinam muito todos os dias. Estudar para mim faz parte do mandamento que me ensina a honrar pai e mãe. Meus pais foram privados da possibilidade de estudar, mas nem por isso negaram essa possibilidade aos filhos. Se cheguei até aqui, foi porque meu pai e minha mãe não mediram esforços e, graças a Deus, eu pude aproveitar todas as oportunidades que eles me ofereceram com muito suor.

Um agradecimento especial a todas as religiosas da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, mas, de modo especial, a ir. Jerusa (a primeira religiosa da congregação que me atendeu), ir. Marília de Menezes, ir. Maria Paniccia (que não cansaram de me incentivar desde o momento do processo seletivo para o mestrado), ir. Benedita (que não mediu esforços para me ajudar com as entrevistas), ir. Luzia (que me acolheu com muito carinho na Casa Divina Providência), ir. Ivone e ir. Socorro, pelo carinho de sempre e pelas memórias reveladas para essa pesquisa.

Um agradecimento mais que especial às irmãs Jandira e Zélia, por todo o cuidado, acolhimento, partilhas, obras indicadas e emprestadas. Ao longo desses dois anos de mestrado, fui tratado por vocês como um filho. Sem vocês, essa pesquisa não teria sido possível e, de fato, eu não tenho palavras para expressar o quanto sou grato. Só posso dizer que vocês duas foram e são o sinal visível do cuidado de Deus para comigo nesse tempo. Gratidão! Minha gratidão a irmã Analice pela amizade, acolhimento e pelos diálogos sempre pertinentes.

Meu agradecimento a Dom João Muniz, bispo da diocese de Altamira, pelo incentivo, carinho e orações. A Dom Erwin, pela entrevista e por seus incentivos no desenvolvimento da pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer o sr. Orange, por todas as informações acerca da família Cinque e, juntamente a ele, estendo meu agradecimento especial a todos os entrevistados; suas memórias formaram este grande mosaico repleto de sentidos e vivências especiais.

Meu agradecimento à CAPES, pelo incentivo financeiro para esta pesquisa. A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Gratidão a todos os colegas da turma 19, que, com leveza, trilharam comigo estes dois anos de mestrado. Obrigado por todas as risadas, diálogos, almoços, partilhas. Gratidão!

Um agradecimento mais que especial à minha orientadora, professora Dra. Socorro França, por todo zelo e orientações no processo de construção desta pesquisa. Sua expertise e paciência foram fundamentais para meu crescimento acadêmico.

Meu agradecimento especial à banca pelas contribuições valiosas no processo de qualificação e defesa dessa dissertação.

Minha gratidão a todas as pessoas que, desde o processo seletivo, intercederam por mim com suas orações valiosas. Que Deus lhes pague! Carrego cada um de vocês com muito zelo em meu coração.

*“Quem sabe que o tempo está fugindo descobre,  
subitamente, a beleza única do momento que  
nunca mais será”.*

*Rubem Alves*

## RESUMO

Esta pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, na linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia e no Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia, a partir da linha História das Instituições Educativas, Intelectuais e Impressos, tem como problema de investigação: Como se deu a formação educacional e religiosa que embasou as práticas educativas e ações missionárias de Serafina Cinque no contexto de colonização da Amazônia em Altamira-Pará, no período de 1970 - 1988? Tem como objetivo geral: analisar a formação educacional e religiosa que embasou as práticas educativas e ações missionárias de Serafina Cinque no contexto de colonização da Amazônia em Altamira-Pará, no período de 1970 – 1988. Possui como objetivos específicos: analisar os caminhos e descaminhos da chegada dos Cinque no Brasil e os motivos da emigração para o interior da Amazônia, os primeiros anos da infância e adolescência de Serafina Cinque; traçar a trajetória estudantil, profissional e religiosa de Serafina Cinque; identificar os desafios enfrentados por Serafina na realização de suas práticas educativas e ações missionárias. A pesquisa se configura como documental sob a perspectiva da história cultural. As fontes históricas são as duas unidades do documento oficial de beatificação/canonização da professora Serafina Cinque, fotografias, diplomas, cartas e anotações pessoais, relatórios de atendimentos e estatuto da Casa Divina Providência e narrativas de 9 pessoas entrevistadas que conheceram e/ou conviveram com Serafina. Serafina Cinque era filha dos imigrantes italianos Sarah e Vicente Cinque, que vieram para o Brasil no início do século XX, com a intenção de construir riqueza no período áureo da borracha. Ela nasceu em 31 de janeiro de 1913 no vilarejo Boca das Garças, município de Urucurituba, estado do Amazonas. Enviada para Manaus para estudar em um internato, tendo seu desejo de se tornar religiosa negado pelo pai, formou-se professora aos 20 anos de idade passando a lecionar no interior do estado do Amazonas e, posteriormente, em inúmeras escolas da capital. No ano de 1946, viajou para os Estados Unidos para se tornar religiosa, retornando ao Brasil com a missão de abrir conventos na Amazônia. Ao retornar em 1948, atua como professora e diretora de escolas e trabalha para a abertura de escolas da sua congregação religiosa. No estado do Pará, no contexto de colonização da Amazônia na década de 1970, se torna conhecida como o anjo da Transamazônica, pelo trabalho social desenvolvido na cidade de Altamira e região do Xingu. A trajetória formativa de Serafina e os embasamentos filosófico-educacionais que sustentaram teórica e metodologicamente suas práticas educativas e ações missionárias estão entrelaçadas por um humanismo que tem na pedagogia do amor e nos valores cristãos católicos sua pedra de toque.

**Palavras-chave:** Serafina Cinque. Religiosa. Educadora. Altamira. História da Educação.

## ABSTRACT

This research, developed in the Postgraduate Program in Education at the State University of Pará, in the line Cultural Knowledge and Education in the Amazon and in the Research Group History of Education in the Amazon, from the line History of Educational Institutions, Intellectuals and Printed Matters, has as its research problem: How did the educational and religious formation that underpinned the educational practices and missionary actions of Serafina Cinque take place in the context of the colonization of the Amazon in Altamira-Pará, in the period 1970 - 1988? Its general objective is to analyze the educational and religious formation that underpinned Serafina Cinque's educational practices and missionary actions in the context of the colonization of the Amazon in Altamira-Pará, from 1970 to 1988. Its specific objectives are: to analyze the ways and means of the Cinque's arrival in Brazil and the reasons for their emigration to the interior of the Amazon, the early years of Serafina Cinque's childhood and adolescence; to trace Serafina Cinque's student, professional and religious career; to identify the challenges faced by Serafina in carrying out her educational practices and missionary actions. The research is documentary from the perspective of cultural history. The historical sources are the two units of the official document for the beatification/canonization of Professor Serafina Cinque, photographs, diplomas, letters and personal notes, attendance reports and the statutes of Casa Divina Providencia and the narratives of nine people interviewed who knew and/or lived with Serafina. Serafina Cinque was the daughter of Italian immigrants Sarah and Vicente Cinque, who came to Brazil at the beginning of the 20th century with the intention of building wealth in the golden age of rubber. She was born on January 31, 1913 in the village of Boca das Garças, in the municipality of Urucurituba, in the state of Amazonas. Sent to Manaus to study at a boarding school and denied her wish to become a nun by her father, she trained as a teacher at the age of 20 and went on to teach in the interior of the state of Amazonas and, later, in numerous schools in the capital. In 1946, she traveled to the United States to become a nun, returning to Brazil with the mission of opening convents in the Amazon. On her return in 1948, she worked as a teacher and school principal, opening schools for her religious congregation. In the state of Pará, in the context of the colonization of the Amazon in the 1970s, she became known as the angel of the Transamazon, for her social work in the city of Altamira and the Xingu region. Serafina's educational background and the philosophical-educational foundations that theoretically and methodologically underpinned her educational practices and missionary actions are intertwined with a humanism that has its cornerstone in the pedagogy of love and Catholic Christian values.

**Keywords:** Serafina Cinque. Religious. Educator. Altamira. History of Education.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                               |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1</b> – Sarah e Vicente Cinque .....                                                | 45  |
| <b>Figura 2</b> – Manchete de jornal italiano sobre os Cinque.....                            | 47  |
| <b>Figura 3</b> – Fachada do Colégio Santa Doroteia, Manaus-AM .....                          | 52  |
| <b>Figura 4</b> – Noemy Cinque na juventude .....                                             | 61  |
| <b>Figura 5</b> – À esquerda Aura Cinque, no centro Noemy, à direita Yolanda Cinque .....     | 62  |
| <b>Figura 6</b> – Fachada do Centro de Educação Especial Irmã Serafina - Coari-AM .....       | 66  |
| <b>Figura 7</b> – Irmãs do Noviciado de 1947 - Wichita EUA .....                              | 73  |
| <b>Figura 8</b> – À esquerda Ir. Serafina, Ir. Johana, Madre Ventura, Ir. Marie Leiker .....  | 74  |
| <b>Figura 9</b> – Primeiras Adoradoras brasileiras .....                                      | 76  |
| <b>Figura 10</b> – Fachada atual do Instituto Maria de Mattias.....                           | 77  |
| <b>Figura 11</b> – Ir. Serafina e Ir. Patricia Viana - 1958, Altamira-Pará.....               | 78  |
| <b>Figura 12</b> – Colégio São Raimundo Nonato, Santarém-Pará .....                           | 80  |
| <b>Figura 13</b> – Carta das ASC pelo reconhecimento no IDEB 2023 .....                       | 88  |
| <b>Figura 14</b> – A construção da Rodovia Transamazônica .....                               | 92  |
| <b>Figura 15</b> – Serafina Cinque em atendimento a uma criança com um médico dos EUA .....   | 95  |
| <b>Figura 16</b> – Organização das equipes da prelazia do Xingu - 1973 .....                  | 100 |
| <b>Figura 17</b> – Segunda sede da Casa Divina Providência.....                               | 106 |
| <b>Figura 18</b> – Terceira sede da Casa Divina Providência – Trav. Comandante Castilhos..... | 107 |
| <b>Figura 19</b> – Quarta sede da Casa Divina Providência – Trav. Pedro Gomes.....            | 107 |
| <b>Figura 20</b> – Fachada atual da Casa Divina Providência – Julho de 2023 .....             | 108 |
| <b>Figura 21</b> – Quantitativo de atendimentos – Julho de 2023 .....                         | 111 |
| <b>Figura 22</b> – Mulheres acolhidas na Casa Divina Providência .....                        | 112 |
| <b>Figura 23</b> – Refúgio São Gaspar e Casa Divina Providência .....                         | 112 |
| <b>Figura 24</b> – Embarque de grávidas e doentes na Casa Divina Providência .....            | 113 |
| <b>Figura 25</b> – Título de Cidadã Altamirense .....                                         | 115 |
| <b>Figura 26</b> – Homenagem Lions Clube .....                                                | 115 |
| <b>Figura 27</b> – Honra ao mérito Casa Divina Providência .....                              | 116 |
| <b>Figura 28</b> – Honra ao mérito - Baile do Ano .....                                       | 117 |
| <b>Figura 29</b> – Diploma Amigo do 51º BIS .....                                             | 117 |
| <b>Figura 30</b> – EMEF Irmã Serafina Cinque.....                                             | 118 |
| <b>Figura 31</b> – Manchete sobre a inauguração da escola Ir. Serafina Cinque .....           | 118 |
| <b>Figura 32</b> – Centro Social Irmã Serafina. ....                                          | 119 |
| <b>Figura 33</b> – Homenagem da Câmara municipal de Altamira-Pará.....                        | 119 |
| <b>Figura 34</b> – Comenda Honorífica de Honra ao Mérito .....                                | 120 |
| <b>Figura 35</b> – Homenagem Gente Que Faz .....                                              | 120 |
| <b>Figura 36</b> – Homenagem do Instituto Federal do Pará .....                               | 121 |
| <b>Figura 37</b> – Creche Irmã Serafina Cinque .....                                          | 121 |
| <b>Figura 38</b> – Placa de Inauguração do berçário Irmã Serafina Cinque.....                 | 122 |
| <b>Figura 39</b> – Rua Irmã Serafina Cinque .....                                             | 122 |

## **LISTA DE QUADROS**

|                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1</b> – Mapa das práticas educativas e ações missionárias abordadas nesta pesquisa ... | 24 |
| <b>Quadro 2</b> – Descritor Anjo da Transamazônica .....                                         | 32 |
| <b>Quadro 3</b> – Descritor Mulheres religiosas .....                                            | 34 |
| <b>Quadro 4</b> – Descritor Ações sociais no Xingu .....                                         | 37 |

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabela 1</b> – Notas da primeira série .....                       | 56  |
| <b>Tabela 2</b> – Notas da segunda série.....                         | 57  |
| <b>Tabela 3</b> – Notas da terceira série.....                        | 57  |
| <b>Tabela 4</b> – Notas da quarta série.....                          | 58  |
| <b>Tabela 5</b> – Notas da quinta série.....                          | 59  |
| <b>Tabela 6</b> – Atendimentos a pessoas doentes no ano de 2008 ..... | 109 |
| <b>Tabela 7</b> – Atendimentos a gestantes no ano de 2008 .....       | 110 |

## SUMÁRIO

|                                                                                    |            |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                                                | <b>12</b>  |
| 1.1 Motivações do estudo, problema e objetivos da pesquisa                         | 12         |
| <b>2 PERCURSO METODOLÓGICO: A HISTÓRIA ORAL E SUAS POSSIBILIDADES</b>              | <b>19</b>  |
| 2.1 O <i>Lócus</i> da pesquisa                                                     | 23         |
| 2.2 Interlocutores da pesquisa                                                     | 24         |
| 2.3 Uma história vista de baixo                                                    | 29         |
| 2.4 Incursão teórico-metodológica sobre a temática                                 | 31         |
| <b>3 SERAFINA CINQUE: FAMÍLIA, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA</b>                         | <b>43</b>  |
| 3.1 Caminhos e descaminhos: remontando a origem dos Cinque                         | 44         |
| 3.2 A infância                                                                     | 49         |
| 3.3 Adolescência                                                                   | 54         |
| <b>4 TRILHAS FORMATIVAS: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EDUCATIVAS</b>                      | <b>63</b>  |
| 4.1 Jovem professora                                                               | 64         |
| 4.2 Os primeiros passos na vida religiosa                                          | 70         |
| 4.3 A pedagogia do amor                                                            | 84         |
| <b>5 A ATUAÇÃO DE SERAFINA NO CONTEXTO DE ALTAMIRA-PA: 1970 - 1988</b>             | <b>89</b>  |
| 5.1 “Integrar para não entregar”: as feridas causadas pelo ideal de progresso      | 90         |
| 5.2 Educação em saúde: conscientização sobre práticas de saúde, higiene e nutrição | 98         |
| 5.3 A Casa Divina Providência                                                      | 103        |
| 5.4 Títulos e honrarias                                                            | 114        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES</b>                                                             | <b>123</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                 | <b>127</b> |
| <b>ANEXOS</b>                                                                      | <b>133</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Motivações do estudo, problema e objetivos da pesquisa

Seguir os passos que Serafina Cinque percorreu nos possibilita caminhar por trilhas que marcaram de maneira emblemática a história da educação na Amazônia, sobretudo, quando analisamos sua atuação em cidades como Altamira-Pará, Santarém-Pará e em cidades do interior do estado do Amazonas, como Coari, Manacapuru, Codajás, dentre outras.

Apesar de sua importância tanto para o âmbito educacional quanto religioso, Serafina Cinque, era absolutamente desconhecida para mim até meados de março de 2022. Porém, naquele ano, meu interesse em ingressar em um programa de pós-graduação, inicialmente no campo da antropologia, encurtou os caminhos que me possibilitaram chegar até ela.

Naquele ano, ao pensar em um recorte específico na/da Amazônia que me possibilitasse construir um projeto de pesquisa circunscrito ao âmbito dos estudos antrópicos, fui instigado a pesquisar figuras emblemáticas que marcaram épocas e (re)definiram trajetórias políticas, educacionais e sociais no contexto da Amazônia paraense.

Nesta busca, deparei-me com notícias acerca da professora e religiosa Serafina Cinque. A primeira notícia que tive acesso relatava a abertura de um processo de beatificação do “Anjo da Transamazônica”, que já estava em curso há muitos anos e que, em 2014, tinha passado por uma movimentação importante no Vaticano; suas “virtudes heroicas” no trabalho desenvolvido com os pobres, grávidas, doentes e menores abandonados no contexto da abertura da Transamazônica haviam sido reconhecidas pelo Vaticano, e esse era um passo absolutamente importante para o processo que tem por objetivo torná-la santa no catolicismo romano.

Uma vez reconhecidas suas virtudes, Serafina está a um passo de ser beatificada. Assim, descobri que se tratava de uma professora, religiosa e enfermeira natural do estado do Amazonas que havia ganhado notoriedade, sobretudo no estado do Pará, na década de 1970.

Fui tocado pela história de Serafina Cinque pelas seguintes questões: a) a possibilidade de uma santa amazônica; b) o interesse em entender o processo de construção da santidade no catolicismo; c) o desejo por saber quem eram os responsáveis pela condução do processo de santificação da religiosa; d) o interesse em conhecer as práticas educativas desenvolvidas por ela como professora e suas concepções de educação.

Após leituras realizadas em sites de notícias que ora relatavam as obras sociais de Serafina e sua fama de santidade, ora falavam de maneira entusiasta sobre a (possível) primeira

santa da Amazônia brasileira, resolvi que meu projeto de mestrado se concentraria no processo de santificação dessa mulher educadora.

Para saber mais detalhes sobre os trâmites do processo, entrei em contato com a congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo – ASC –, cuja sede fica em Manaus – AM. Esse primeiro contato se deu por meio de uma ligação. Fui atendido pela irmã Jerusa e lhe informei do meu desejo de conhecer melhor a história de Serafina Cinque e o processo que estava em curso e que tinha por objetivo torná-la santa.

Irmã Jerusa, muito solícita, me informou que a pessoa ideal para me passar todas as informações que eu desejasse seria irmã Marília de Menezes, que era a responsável pelo processo de Serafina. Contudo, me informou que se tratava de uma senhora de 90 anos que já estava na casa de repouso da congregação em Manaus, mas que ainda possuía lucidez e que, certamente, ficaria feliz em saber de meu interesse em realizar um estudo sobre Serafina Cinque. Neste primeiro momento, irmã Jerusa me passou o número do telefone móvel da irmã Marília de Menezes.

Logo em meu primeiro contato com a irmã Marília, me chamou atenção a sua lucidez, sua simpatia e seu desejo pelo conhecimento. Aos poucos fui conhecendo sua trajetória na congregação e seu trabalho como vice-postuladora<sup>1</sup> do processo de Serafina Cinque.

Ao longo de nossas conversas, descobri que irmã Marília era filha do poeta paraense Bruno de Menezes, jornalista, professora, poetisa, falava fluentemente o italiano e outros idiomas. Ela foi escolhida pela superiora geral da congregação para ser a responsável pelo processo de Serafina, provavelmente pela sua fé, erudição, disponibilidade e habilidade para a escrita, bem como pelo fato de ter convivido com a própria Serafina Cinque.

A irmã Marília informou que não passou por um processo de formação oficial para ser vice-postuladora, mas aprendeu todos os trâmites do processo com a irmã Maria Paniccia, que era a postuladora oficial da congregação e do processo de Serafina. Irmã Maria Paniccia reside na Itália, mas esteve no Brasil algumas vezes por ocasião das etapas do processo de Serafina.

Irmã Marília revelou, nas primeiras conversas que realizei com ela, que já atuava no processo de Serafina Cinque há mais de duas décadas e que sua estada na casa de repouso lhe tirou um pouco as possibilidades de acompanhar e mobilizar forças para a movimentação do processo. Interessada pela minha ideia de projeto de pesquisa, articulou com a irmã Maria

---

<sup>1</sup> O/a postulador/a é uma das muitas personas indispensáveis para o processo de beatificação/canonização. É o/a responsável imediato/a pelo processo – recolhe todas as informações sobre a vida do candidato à santidade, reúne provas, encontra e ouve testemunhas, anexa ao processo os prováveis milagres atribuídos à intercessão do candidato à santidade etc. Torna-se, de certo modo, uma espécie de advogado do candidato à santidade.

Paniccia a possibilidade de um “triálogo” (esse foi o termo que ela utilizou para que eu pudesse compreender melhor o atual estágio do processo).

Nosso triálogo se deu ainda no mês de março de 2022 e foi realizado via videochamada; Irmã Maria Paniccia estava na Itália, eu, em Santa Maria do Pará, e irmã Marília, em Manaus. Passamos mais de uma hora conversando sobre o processo de Serafina. Como eu não falo italiano e irmã Paniccia não fala português, o trabalho da irmã Marília se deu em traduzir nossa conversa, e apenas vez ou outra, trazia alguma informação que escapava do alcance da irmã Paniccia.

Este momento inicial foi importante para mim; além de me aproximar do processo de santificação de Serafina Cinque, pude ter contato com pessoas que conviveram com ela e que guardavam boa parte da documentação pertinente à sua vida e obras.

Este contato também permitiu compreender a forma como a Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo está organizada nos estados do Amazonas e Pará. Neste último, possuem uma casa e o hospital Guadalupe em Belém, uma casa e uma escola em Santarém; em Altamira, são responsáveis pela Casa Divina Providência (idealizada pela própria Serafina Cinque) e o Instituto Maria de Mattias, no qual Serafina foi diretora.

O contato com as irmãs Jandira e Zélia em Belém permitiu ter acesso às obras que tratam sobre Serafina Cinque, a história das adoradoras na Amazônia brasileira e o trabalho da congregação nos dias atuais.

Ao longo do desenvolvimento do projeto de pesquisa, precisei realinhar alguns detalhes sobre minha escolha acerca do programa de pós-graduação que eu optaria em realizar a seleção. Apesar de a opção inicial em antropologia me chamar muito atenção, meu interesse maior sempre foi cursar o mestrado em educação.

Na ocasião da abertura do processo seletivo para ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará<sup>2</sup> em 2022, reorganizei minha proposta de pesquisa, uma vez que percebi que, dentro da linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, eu conseguiria investigar as ações missionárias e educacionais da professora Serafina Cinque e seu processo de beatificação.

Esta linha de pesquisa concentra seus estudos nas temáticas educacionais inseridas no contexto da Amazônia brasileira, tendo como ponto de reflexão os saberes, as representações, os imaginários e os conhecimentos produzidos em ambientes escolares e não escolares.

---

<sup>2</sup> <https://propesp.uepa.br/ppged/>.

Conforme foram ocorrendo as orientações para a pesquisa, foi ficando cada vez mais clara a minha investigação, dada a abrangência da minha ideia inicial e o curto tempo para desenvolver o mestrado. Assim, foi necessário redesenhar o caminho para centrar minha investigação na pessoa de Serafina Cinque, sua formação e algumas de suas ações.

Do mesmo modo, ficou claro que eu haveria de passar também, vez ou outra, pelo processo de beatificação de Serafina, contudo, não mais como foco principal da pesquisa, objetivando mensurar seus impactos culturais e religiosos para e na Amazônia paraense, como havia planejado anteriormente, mas buscando compreender quem foi Serafina; mulher nortista, professora e religiosa engajada com as causas sociais em um contexto absolutamente hostil de colonização da Amazônia.

Do ponto de vista pessoal, esta pesquisa encontra justificativa à luz da pedagogia cultural e dos estudos antrópicos, sobretudo pelo meu desejo de estudar figuras nortistas que construíram um legado e que podem ter contribuído com a transformação social, política, educacional, ou religiosa no contexto em que estavam inseridas.

É interessante salientar que o conceito de pedagogia cultural na perspectiva de Wortmann *et al.* (2015, p. 37) comporta a possibilidade de uma “multiplicidade de processos educativos em curso, para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar (como é o caso da escola, da família, da igreja, etc)”.

Fernandes e Fernandes (2018) afirmam que os estudos antrópicos podem ser compreendidos de duas maneiras diferentes: a primeira compreende algo “relativo, ou pertencente ao homem, ou ao seu período de existência na Terra”; e a segunda, por sua vez, como “relativo à ação do homem e às modificações provocadas por este no meio ambiente”. (Fernandes e Fernandes, 2018, p. 96). Nesse sentido, Serafina Cinque possui características emblemáticas que despertam um interesse peculiar; era educadora no sentido genuíno e prático do termo, religiosa e missionária.

Assim como na vida de Serafina, a educação é uma constante em minha vida. Não me fiz educador por acaso: trilhei caminhos e descaminhos que me possibilitaram chegar em um programa de pós-graduação em educação, com o objetivo de ampliar horizontes, realizar pesquisas, inovar práticas pedagógicas, compartilhar inquietações, esperar e construir melhorias na qualidade da educação no contexto da Amazônia.

Minha história de vida tem sido marcada pela certeza de que a educação será sempre o caminho que me possibilitará romper com os muros da desigualdade, do atraso e do conformismo ao *status quo*. Sou filho de um agricultor analfabeto e de uma dona de casa que estudou até a 4ª série.

Meus pais, embora não tenham tido oportunidades de estudo, sempre me incentivaram e não mediram esforços para que eu tivesse acesso a uma educação de qualidade, possibilitando-me sonhar e alcançar meus objetivos. Assim, ainda quando morávamos no interior da cidade de Santa Maria do Pará e eu era apenas um estudante de escola multisseriada, o desejo de ir além, de terminar meus estudos e oferecer a meus pais conforto e melhores condições de vida já era uma constante em minha vida.

Ao completar a quarta série, precisei ser transferido para uma escola na cidade de Santa Maria do Pará, em 2006. Os desafios, assim como os níveis de estudos, iam crescendo: lembro bem da rotina de acordar todos os dias às 05h30min da manhã, tomar apenas alguns goles de café (quando era possível), pegar o ônibus escolar e seguir para a cidade.

Eram 12 quilômetros que, normalmente, no inverno, me desafiavam com a lama e os atoleiros e, no verão, com a poeira que ficava marcada no meu uniforme escolar. Meu retorno se dava por volta das 13h ou 13h30min em dias normais, isto é, quando os desafios do deslocamento e os problemas mecânicos no transporte escolar resolviam dar uma trégua.

Graças ao esforço dos meus pais, essa realidade não perdurou por muito tempo, haja vista o fato de que, tão logo lhe foi possível, meu pai adquiriu um terreno na cidade, alugou uma casa ao lado deste terreno e foi construindo nossa casa aos poucos. Uma das principais prerrogativas para essa decisão de meu pai e minha mãe era para que eu tivesse melhores condições de terminar meus estudos. E assim o fiz.

Concluí o ensino médio na escola Severiano Benedito de Souza, no ano de 2012. Estudei nessa escola desde a 5ª série. Tive, ao longo desses anos, professores que me inspiraram a ser quem sou e a estar onde estou hoje. No ano de 2013, pude dar a meus pais a alegria indescritível de ver um filho comemorando por ter passado no vestibular.

Ingressei no curso de Licenciatura Plena em Filosofia, na Universidade do Estado do Pará, campus XI – São Miguel do Guamá –, no ano de 2013. Os desafios só aumentavam. O deslocamento para a universidade todas as tardes e noites me fazia recordar, com frequência, de quando eu pegava o ônibus no interior para vir para a cidade. Eu pensava: “estou conseguindo ir mais longe e não vou retroceder”.

Me formei no ano de 2017 e, na sequência, decidi cursar a especialização em Docência do Ensino Superior, em Belém, na Universidade da Amazônia – UNAMA. Me especializei no ano de 2020, em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI. Neste pouco tempo atuando na área, pude viver experiências da educação infantil ao ensino superior. Sigo ampliando horizontes, apoiado na premissa e

experiência socrática de que aquilo que sei é apenas a constatação de que me falta muito ainda para aprender.

Além disso, julgo pertinente destacar que, como Serafina, sou católico e possuo inúmeras inquietações missionárias – o desejo de uma educação humanista, a luta pela justiça, pela qualidade de vida, pela boa formação da juventude, dentre outros fatores –, o que lança sobre mim e minha sujeita de estudos fios e teias que nos entrelaçam facilitando a tecitura e a vivacidade no desenvolvimento desta pesquisa.

À maneira acadêmica e filosófica, esta pesquisa encontra justificativa na necessidade de trazer do anonimato uma mulher, religiosa e educadora que não mediu esforços para desenvolver o que julgava ser necessário para as pessoas que se localizam às margens da rodovia Transamazônica. Reconstituir sua história de vida e formação constitui-se como fundamental nesta investigação. Permite também captar o ideal de colonização propagado na década de 1970 e o contexto de caos social na cidade de Altamira-Pará.

Desse modo, circunscrevo o problema de pesquisa no seguinte questionamento: Como se deu a formação educacional e religiosa que embasou as práticas educativas e ações missionárias de Serafina Cinque no contexto de colonização da Amazônia em Altamira-Pará, no período de 1970 - 1988? Contudo, outras questões nos permitem andarilhar por caminhos e vicinais da história da educação na Amazônia, tal qual outrora fizera a professora Serafina com certa inquietação interior, ao explorar os diferentes contextos e territórios às margens da Transamazônica.

Dentre essas questões, destaco: Quem foi Serafina Cinque? Quais as estratégias utilizadas por ela para evangelizar e educar? Quais os desafios enfrentados para tornar-se professora e religiosa?

A investigação tem como objetivo geral: analisar a formação educacional e religiosa que embasou as práticas educativas e ações missionárias de Serafina Cinque no contexto de colonização da Amazônia em Altamira-Pará, no período de 1970 – 1988.

Configuram-se como objetivos específicos:

- a) Analisar os caminhos e descaminhos da chegada dos Cinque no Brasil e os motivos da emigração para o interior da Amazônia, os primeiros anos da infância e adolescência de Serafina Cinque;
- b) Traçar a trajetória estudantil, profissional e religiosa de Serafina Cinque;
- c) Identificar os desafios enfrentados por Serafina na realização de suas ações missionárias e práticas educativas.

Assim, a dissertação está organizada da seguinte forma: Na seção 1, *Introdução*, apresento as motivações do estudo, o problema e os objetivos da pesquisa. Na seção 2, *Percorso Metodológico: a história oral e suas possibilidades*, apresento o *lôcus* da pesquisa, o perfil dos interlocutores, a perspectiva de uma história vista de baixo – o tipo de pesquisa, a incursão teórico-metodológica e as fontes documentais.

Na seção 3, *Serafina Cinque: família, infância e adolescência*, abordo a chegada da família Cinque ao Brasil, os motivos da emigração, os negócios da família no interior do estado do Amazonas e os primeiros anos da infância e adolescência de Serafina.

Na seção 4, *Trilhas Formativas: concepções e práticas educativas*, perpasso alguns aspectos da juventude de nossa sujeita de estudos e sua formação como professora normalista no Instituto de Educação do Amazonas. Destaco ainda aspectos da trajetória profissional, bem como seus primeiros passos na vida religiosa. Além disso, no percurso trilhado nesta seção, procuro descrever as bases pedagógicas e filosóficas que fundamentaram sua formação e suas práticas educativas e missionárias.

Na seção 5, *Atuação de Serafina no contexto de Altamira-PA: 1970 - 1988*, abordo aspectos da conjuntura social da região da Transamazônica, destacando os motivos da ocupação daquele território, a dor e o desespero do povo mais simples, seduzido pelo ideal de progresso, o enfrentamento às doenças infectocontagiosas, fome, desemprego e demais intempéries bem como as atividades desenvolvidas por Serafina em Altamira e região do Xingu, entre os anos 1970 a 1988, frente a essas problemáticas.

Neste sentido, constata-se que a visão de educação de Serafina Cinque era caracterizada por uma pedagogia do amor, que buscava não apenas educar o intelecto e formar mão de obra para o mercado de trabalho, mas, sobretudo, transformar vidas e sociedades, refletindo um compromisso profundo com a dignidade humana e a justiça social.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO: A HISTÓRIA ORAL E SUAS POSSIBILIDADES

Freitas (2006) compreende que a principal finalidade da História Oral consiste na criação de fontes históricas. Neste sentido, para a autora é fundamental que a documentação produzida a partir dessa história seja armazenada, conservada e que a abordagem inicial seja pautada pelo estabelecimento dos objetivos da pesquisa.

A autora concebe três gêneros distintos para a História Oral, sendo eles: Tradição Oral, História de Vida e História Temática. É conveniente salientar que a tradição oral, na perspectiva da autora, “não está presente apenas nas comunidades tidas como “iletradas” ou tribais.” É possível afirmar que “ela pode também ser identificada em sociedades rurais e urbanas pela metodologia de História Oral” (Freitas, 2006, p. 10). Ela aponta como possibilidades desse gênero, cantigas de rodas, brincadeiras e histórias infantis que, segundo ela, são transmitidas oralmente e perpassam, desse modo, de uma geração para outra.

A História Oral não deve ser confundida com a história de vida. Esta, por sua vez, consiste na narrativa autobiográfica elaborada pelo próprio indivíduo acerca de sua trajetória. “Esse relato que não é necessariamente conduzido pelo pesquisador pode abranger a totalidade da existência do informante” (Freitas, 2006, p. 21). Nos últimos anos, outros autores enriqueceram a argumentação e alargaram suas percepções acerca dos caminhos teórico-metodológicos adotados nas pesquisas com histórias de vida.

O terceiro gênero da história oral, na perspectiva de Freitas (2006), é a história oral temática. A partir desse gênero, “a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico” (Freitas, 2006, p. 21). Não se tem a intenção, neste sentido, de abranger a totalidade da vida do informante, mas há uma centralidade em pontos-chave que serão definidos de acordo com o objetivo inicial da pesquisa.

Chizzotti (1991), assim como Freitas (2006), destaca que a história de vida pode assumir forma autobiográfica, na qual o autor relata suas percepções pessoais, sentimentos íntimos e acontecimentos vividos em sua trajetória de vida. Contudo, o autor menciona também a possibilidade de o discurso autobiográfico ser livre de percepções subjetivas ou de recorrer a fontes documentais para fundamentar os relatos pessoais.

É pertinente trazer à baila a perspectiva de Closs e Antonello (2012), que compreendem que, embora cada narrativa de vida seja única e contenha uma perspectiva individual, também reflete e é influenciada por uma série de dimensões sociais, culturais, históricas e econômicas.

Neste sentido, busco trabalhar com história de vida, com a finalidade de compreender a trajetória pessoal de Serafina Cinque, mas também a sociedade em que ela viveu, seus sentimentos, valores e seu trabalho missionário e educativo.

Nesta perspectiva, Pineau e Le Grand afirmam que:

Construir uma história de vida é constituir um terceiro-tempo histórico pessoal que articula de modo singular vestígios, lugares e datas no curso da vida social e cósmica. [...] requer do sujeito que ele tenha vivido e ousado diferenciar-se desse vivido para construir e, mais tarde, incluir nessa construção um terceiro-tempo singular, situado entre a particularidade e a universalidade (Pineau; Le Grand, 2012, p. 114).

A construção de uma história de vida não se resume a uma simples narração de eventos passados, mas se concretiza em um processo complexo de reflexão, interpretação e reconstrução que envolve a articulação entre a particularidade da experiência individual e a busca por significados mais amplos e universais.

Nóvoa (2014), ao pensar essa temática articulada à educação e à formação, afirma:

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia de que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida” (Nóvoa, 2014, p. 153).

Para o autor, ao integrar as histórias de vida e o método autobiográfico no processo de formação, abre-se espaço para uma abordagem mais holística e, consequentemente, contextualizada, que considera não apenas o conhecimento teórico, mas também as vivências, os valores, as crenças e as experiências de vida dos indivíduos. Dessa forma, a reflexão sobre os percursos de vida se torna elemento essencial para compreender as trajetórias formativas e para promover uma educação mais significativa e conectada com a realidade e com as necessidades dos sujeitos envolvidos.

Nas Ciências Sociais, Souza (2006) afirma que:

[...] as pesquisas com história de vida têm utilizado terminologias diferentes e, embora considerem os aspectos metodológicos e teóricos que as distinguem como constituintes da abordagem biográfica que utiliza fontes orais, delimitam-se na perspectiva da História Oral. **Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica História Oral** (Souza, 2006, p. 23, grifos nossos).

O autor ressalta a importância de reconhecer a diversidade de abordagens e terminologias utilizadas nas pesquisas com história de vida, ao mesmo tempo em que destaca a centralidade da História Oral como um campo interdisciplinar que engloba e dá sentido a essas diferentes modalidades de expressão biográfica.

Faz-se necessário destacar que há uma diversidade de tipos de narrativas de vida que podem ser investigados em uma variedade de contextos: a biografia, a autobiografia, o relato de vida ou a história de vida podem ser entendidas como categorias de narrativa de vida que apresentam características e propósitos específicos.

Desse modo, é conveniente salientar:

A diversidade de correntes e contracorrentes é indicadora da força de um movimento. Que o movimento biográfico seja multiforme mais que uniforme é talvez o indício de que a expressão da experiência vivida respeita a complexidade da biodiversidade. No entanto, esse respeito não impede a diferenciação de modelo (Pineau, 2006, p. 341).

Apesar dessa diversidade, o respeito pela complexidade não impede a existência de modelos e abordagens específicas dentro desse contexto, permitindo a diferenciação e a especialização conforme as necessidades e os objetivos de cada investigação ou prática.

Assim, Pineau (2006), ao problematizar as histórias de vida em formação como gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial apresenta uma visão panorâmica da emergência das práticas de trabalho com histórias de vida entre os anos de 1980 a 2005. Identifica, neste sentido, três momentos emblemáticos: “um período de eclosão (os anos de 1980), um período de fundação (os anos de 1990) e, finalmente, um período de desenvolvimento diferenciador” (Pineau, 2006, p. 331).

Ao realizar algumas diferenciações terminológicas, o autor as pontua apresentando os principais autores que foram responsáveis pela difusão desses termos e abordagens. Desse modo, a escrita da vida de outra pessoa é chamada de biografia, e, segundo Pineau (2006), Christine Delory-Momberg é responsável pelo crescimento do termo, no início dos anos 2000.

A autobiografia, isto é, a escrita da nossa própria história tem ancoragem em Philippe Lejeune que, posteriormente, se torna promotor da Associação pelo Patrimônio Autobiográfico. Pineau (2006, p. 340) destaca ainda que a autobiografia, contrapondo-se à biografia, “constitui um modelo no qual, no limite, ator e autor se superpõem sem um terceiro mediador explícito”. É digno de nota, contudo, que esse fato não exclui totalmente o outro no processo da construção autobiográfica, pois ele se destacará na história de vida narrada, ainda que seja apenas na maneira como interpreta e atribui significados a ela.

Ainda de acordo com Pineau (2006), o relato de Vida:

[...] aponta para a importância da expressão do vivido pelo ‘desdobrar narrativo’, quer essa enunciação seja oral ou escrita. A aparição e o aumento da expressão no século XX acompanha a revolução técnica das multimídias: o cinema e o vídeo liberam a palavra do (texto) escrito e ampliam os modos de coleta e de tratamento da informação. Um pioneiro do desenvolvimento do relato de vida na França, Daniel Bertau (Pineau, 2006, p. 340).

É pertinente, na fala do autor, o fato de que o surgimento e a expansão da expressão relato de vida no século XX coincidem com o avanço tecnológico das mídias audiovisuais. O cinema e o vídeo ampliam as possibilidades de coleta e análise de informações: Daniel Bertaux, um dos pioneiros no desenvolvimento do relato de vida na França, enfatiza essa prática.

É conveniente salientar segundo Bragança (2012) que:

A prática da narrativa de vida, como possibilidade de partilha e compreensão do próprio sentido da vida e da história pessoal e coletiva, está colocada no percurso da filosofia e nas práticas sociais amplas como movimento humano, razão pela qual essa abordagem veio tomando diferentes contornos metodológicos nas ciências humanas e sociais (Bragança, 2012, p. 38).

A autora situa as narrativas de vida no caminho da filosofia e em “práticas sociais mais amplas como um movimento humano”. Assim como Pineau (2006), Bragança (2012) compreende os diferentes contornos metodológicos das narrativas de vida nas ciências humanas e sociais.

É neste sentido, portanto, que, para as ciências humanas e sociais, a incorporação das narrativas de vida como abordagem metodológica revela

o desafio de trabalhar fora do quadro lógico-formal e positivista, reenviando o olhar para uma perspectiva aberta à incorporação da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do saber nesse campo do conhecimento, já que fundada na interação social, no olhar do sujeito (Bragança, 2012, p. 38).

Conforme mencionamos há pouco, a diversidade metodológica nas pesquisas envolvendo histórias de vida prefigura inúmeras abordagens nas ciências humanas com variações significativas na concepção da pesquisa, no desenvolvimento do processo e na análise dos dados. Nesse contexto, fica claro que as bases conceituais, a disciplina do pesquisador e a questão central investigada são elementos essenciais que influenciam a metodologia adotada e a perspectiva interpretativa (Bragança, 2012).

Nesta pesquisa, optamos pela história de vida temática elencando a formação educacional e religiosa de Serafina Cinque e o embasamento filosófico-educacional que serviu de base para suas ações religiosas e práticas educativas. Muito embora essas ações religiosas e práticas educativas tenham sido vivenciadas por Serafina Cinque de maneira praticamente inseparáveis, optei, apenas por questões didáticas, por classificá-las e analisá-las de forma separada visando uma melhor abordagem e compreensão.

## 2.1 O *Locus* da pesquisa

O *locus* principal da pesquisa é a cidade de Altamira-Pará, sobretudo, quando trato das ações religiosas e educativas de Serafina Cinque, a partir dos atendimentos na área da saúde e assistência à população carente da Prelazia do Xingu, bem como nas atividades desenvolvidas na Casa Divina Providência. Este município, palco de inúmeras disputas e conflitos envolvendo questões ambientais, econômicas e sociais, figura entre os maiores municípios do mundo em termos de organização territorial.

Repleto de belezas naturais é, conforme expressam Jônatas Baptista e Durcila Baptista (1928), na letra do hino do município: “Terra vasta, fecunda e grandiosa da natura esplendor, maravilha”. Terra que abriga inúmeras comunidades indígenas e gente de todas as partes do Brasil que migraram para a região, influenciados pela propaganda neodesenvolvimentista do governo militar, na década de 1970, e com esperança de dias melhores.

Segundo dados das pesquisas mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), Altamira conta com uma população de 126.279 pessoas e uma área territorial de 159.533,306km<sup>2</sup>, o que a caracteriza como o Município mais extenso do Brasil.

Embora o *locus* da pesquisa seja Altamira – Pará, é digno de nota que outros locais serão apresentados no texto, pois Serafina Cinque também desenvolveu suas ações missionárias e práticas educativas em Santarém-Pará, Coari, Codajás e Manaus no estado do Amazonas, dentre outros.

Faz-se necessário destacar que, quando me refiro às ações missionárias, trato do seu trabalho de evangelização. Essas ações são amplas e foram realizadas nos mais diferentes lugares por onde Serafina Cinque passou, por isso, dada a impossibilidade de analisar a totalidade dessas ações, optei por trabalhar as desenvolvidas na cidade de Altamira, enquanto Serafina estava à frente da equipe social e de promoção humana na Prelazia do Xingu e, conseqüentemente, as atividades que desenvolveu na Casa Divina Providência em Altamira – Pará, entre os anos de 1970 e 1988.

As práticas educativas presentes nessas ações também são diversas, o que me levou a centrar meus estudos apenas naquelas voltadas para o âmbito administrativo, como: abertura de escolas e autorização para funcionamento de curso de ginásio e formação de professores, nos cursos profissionalizantes para mães e na pedagogia do amor.

É conveniente salientar que, por práticas educativas, compreendemos “o conjunto das ações socialmente planejadas, organizadas e operacionalizadas em espaços intersubjetivos destinados a criar oportunidades de ensino e aprendizagem” (Marques; Carvalho, 2016, p. 123).

**Quadro 1** – Mapa das práticas educativas e ações missionárias abordadas nesta pesquisa

| <b>PRÁTICAS EDUCATIVAS</b>                                                                                                                                                                                                             | <b>AÇÕES MISSIONÁRIAS</b>                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura de escolas e autorização para funcionamento de curso de ginásio e formação de professores.</li> <li>- Cursos profissionalizantes para mães.</li> <li>- Pedagogia do amor.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atendimentos na área da saúde</li> <li>- Promoção Humana</li> <li>- Construção e atuação na Casa Divina Providência.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado pelo autor.

As práticas educativas e ações missionárias de Serafina Cinque, conforme delineadas no quadro acima estarão diluídas ao longo de todo o texto. Essa escolha reflete, na verdade, a realidade de que, em muitos momentos, essas duas dimensões, de sua vida e trabalho não se separaram, mas se entrelaçam de forma intrínseca. No entanto, se o leitor, por um esforço de organização e sistematização optar por separar tais ações no texto, perceberá as práticas educativas do quadro acima de forma mais delineadas na seção 4. Do mesmo modo, poderá afirmar que as ações religiosas desenvolvidas entre os anos 1970 e 1988 estão descritas na seção 5 e seus subtópicos.

Nossa perspectiva aponta para o fato de que a interconexão entre a atuação como educadora e a vocação religiosa é fundamental para compreender a profundidade do impacto da vida e das ações de Serafina, uma vez que suas práticas educativas eram frequentemente impregnadas de valores e princípios espirituais. Assim, ao longo da análise, buscaremos evidenciar como essas ações se complementam e se reforçam mutuamente, contribuindo para uma visão integral da educação que Serafina promovia.

## **2.2 Interlocutores da pesquisa**

Para Freitas (2006, p. 67), “em História Oral o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Nesse sentido, é importante compreender sua visão acerca de sua própria

experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou”. Desse modo, o critério de escolha dos entrevistados consistiu basicamente no fato de terem convivido com Serafina.

Neste sentido, inicialmente, estabelecemos esse critério entre as religiosas da congregação cuja Serafina fazia parte, as irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo. Posteriormente, ao realizarmos nossa visita aos arquivos da Casa Divina Providência na cidade de Altamira-Pará, fomos tomando conhecimento de pessoas que haviam convivido com Serafina e que, corriqueiramente, relatavam suas experiências. Assim, contamos com 9 entrevistados, sendo eles 3 religiosas ASC, o bispo emérito Dom Erwin Krautler, que abriu o processo de beatificação de Serafina, e os demais são pessoas que conheceram Serafina e usufruíram dos serviços por ela oferecidos.

É pertinente trazer à baila o fato que parte das entrevistas foram realizadas presencialmente na cidade de Altamira e Belém, e outra parte foi realizada de maneira on-line, haja vista que alguns entrevistados que residiram em Altamira no contexto da década de 1970 já não se encontravam mais naquele município quando essa pesquisa estava sendo realizada. Como resguardavam muitas memórias daquele período e de Serafina Cinque, foram mencionados por outros entrevistados que nos passaram gentilmente os seus contatos para agendarmos nossas entrevistas.

Para o contato e encontro com esses entrevistados, foi de importância ímpar a atuação da Ir. Benedita, religiosa da Congregação das Adoradoras do Sangue de Cristo, recém-chegada para a sua primeira missão na Casa Divina Providência em Altamira-Pará, que, com expertise, ouvia e, por vezes, perscrutava os entrevistados acerca de suas memórias da convivência com a professora Serafina.

Estes fatos e intervenções se davam de maneira absolutamente natural, uma vez que a oralidade livre nos possibilitava uma conversação leve e, por vezes, descontraída. Contudo, essas circunstâncias não me faziam olvidar do caráter científico e acadêmico com que escutava o relato de tais memórias. Abaixo, conforme combinado com os entrevistados, destaco seus nomes completos e uma biografia resumida:

**Orange Ribeiro Cinque** – Nasceu em 02 de outubro de 1940, é natural da cidade de Manaus, Amazonas. É sobrinho paterno e afilhado de Batismo de Serafina Cinque. Biblioteconomista, membro e ex-presidente da Associação dos Escritores do Amazonas – ASSEAM. Ex-presidente do Conselho Fiscal do Sindicato dos Urbanitários do Amazonas, ex-secretário do Conselho Regional de Biblioteconomia; Ex-chefe da Secretaria Geral da CEAM Cia. energética do Amazonas. As memórias e os arquivos do sr. Orange se constituíram como fonte indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa.

**Irene Maia Valentim** (Nome de religiosa - Ir. Zélia Maia Valetim) – Natural de Santarém-Pará, nasceu em 19 de outubro de 1937. Entrou na congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo em 1958, quando tinha 21 anos de idade. Irmã Zélia passou pelas diversas comunidades e missões das Adoradoras no estado do Pará e Amazonas. A missão em que passou mais tempo foi na Casa Divina Providência, atuando como coordenadora de 1991 a 2005 e de 2009 a 2022. Em decorrência do tempo que passou atuando em Altamira-Pará e pelos relevantes serviços prestados naquele contexto, irmã Zélia, hoje com 87 anos, é bastante conhecida na região de Altamira e Xingu. O atual bispo da diocese do Xingu, Dom João Muniz, costuma chamá-la de Serafina II. Atualmente, irmã Zélia reside na missão Nossa Senhora de Guadalupe em Belém-Pará.

**Ir. Maria do Socorro Moreira Rocha** – Natural da cidade de Belterra-Pará, nasceu em 19 de junho de 1957 e faz parte da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo desde 1982. Serviu em várias comunidades no Amazonas, Pará e Argentina; foi membro da comunidade internacional da Congregação em Roma-Itália (por 6 anos, em dois períodos diferentes). É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas com as habilitações: Administração escolar e Orientação educacional. Coursou Teologia Pastoral pelo Instituto de Teologia Pastoral do Pará (IPAR). Atualmente, está em missão na cidade de Manacapuru-AM, servindo na Paróquia Nossa Senhora de Nazaré.

**Tarcisio Feitosa da Silva** – Nasceu em Altamira-Pará, em 02 abril 1971, é filho de uma Seringueira do Seringal dos Dantas em Codajás no Amazonas e de um catador de caranguejo de Curuçá, no nordeste paraense. Nosso entrevistado é consultor, pesquisador e empreendedor social em sustentabilidade e floresta. Licenciado em Ciências Exatas e Naturais, mestre em Agricultura Amazônica e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Atuou em várias organizações no Brasil, como Conselho Indigenista Missionário (1988 – 2002) e Comissão Pastoral da Terra (2002 a 2006). Faz parte da Articulação Nacional das Pastorais de Ecologia Integral do Brasil e é Conselheiro Municipal de Meio Ambiente e Clima no biênio de 2024, da Cidade do Rio de Janeiro (CONSEMAC).

**Lucenir de Jesus Brito Pereira** – É natural da cidade de Bragança-Pará, mas se mudou para o município de Altamira-Pará, quando tinha 10 anos de idade, e permaneceu naquela cidade até os 15 anos. Atualmente, reside na cidade de Criciúma, extremo sul do estado de Santa Catarina. Realizou o curso de magistério, mas não chegou a trabalhar na área da docência. Ainda no começo da juventude, realizou um curso de costura, oferecido por Serafina Cinque, na Casa Divina Providência, passando a trabalhar como autônoma na área da costura e

artesanato. A sra. Luci, como é conhecida, tem 57 anos de idade, é mãe de dois filhos e avó de três netos. Sua fonte de renda ainda hoje é a costura e o artesanato.

**Antônio Rocha de Moura** – É natural da cidade de Altamira-Pará e tem 65 anos. Formado em Geografia pela Universidade Federal do Pará, leciona desde o início dos anos 2000, na rede pública estadual do Pará pelo Sistema Organizacional Modular de Ensino – SOME. Na juventude, participava de grupos de jovens na paróquia da Imaculada Conceição, na cidade de Altamira, onde conheceu Serafina Cinque. Em 1984, fundou o Grupo de Teatro do Bairro Brasília que se tornou uma entidade reconhecida como Utilidade Pública por meio de Lei Municipal e até hoje realiza trabalhos artísticos na cidade de Altamira e região. A experiência com a escrita de textos teatrais e outros trabalhos e livros com temáticas da cidade de Altamira e região do Xingu lhe possibilitou a entrada na Academia Altamirense de Letras no ano de 2011, ocupando a cadeira de número 09 como membro efetivo.

**Teresa Paiva Pereira** – A senhora Teresa tem 67 anos, é natural da cidade de Palmácia-Ceará. Migrou para Altamira na década de 1970. É aposentada e reside ainda hoje naquele município. Seu contato com Serafina Cinque se deu quando tinha 17 anos de idade. Segundo os relatos da própria sra. Teresa, Serafina a resgatou de uma casa de prostituição no município de Altamira. Teresa escutou, por inúmeras vezes, a religiosa falar dos desafios que tinha enfrentado para seguir seu sonho de um dia se tornar freira, as características da família Cinque, os desafios que enfrentava naquele contexto da Transamazônica, dentre outros assuntos. Outro ponto forte dos relatos da sra. Teresa está na forma como ela descreve Serafina Cinque: mulher firme, decidida, mas que, por vezes, também chorava pela incompreensão das demais religiosas que conviviam com ela.

**Ir. Ivone de Freitas** – Natural da cidade de Manacapuru-Amazonas, nasceu em 18 de agosto de 1944. Está na Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo há 58 anos. É enfermeira e já esteve nas missões de Manaus, Santarém, Coari, Itacoatiara, Peru, Belém (onde passou mais tempo trabalhando como enfermeira no Hospital Guadalupe). Atualmente, é coordenadora da Casa Divina Providência em Altamira-Pará. Suas memórias acerca de Serafina Cinque remontam, sobretudo, detalhes das características de nossa sujeita de estudos, a forma como Serafina lidava com as pessoas, como exercia a fé, seus trajes e a maneira como lidava com as próprias limitações.

**Dom Erwin Krautler** – Nasceu na Áustria em 12 de julho de 1939, naturalizado brasileiro no ano de 1981; foi ordenado sacerdote em 3 de julho de 1965 em Salzburg, Áustria. Ainda jovem, chegou em Belém em 25 de novembro de 1965 e, em 21 de dezembro de 1965, mudou-se para a região do Xingu onde até os dias atuais reside. Como padre, atuou como

vigário cooperador de Altamira (1965-1979); pároco de São Francisco Xavier de Souzel (1979-1980); reitor da Escola Apostólica São Gaspar, Altamira, (1967-1974); professor de Filosofia Educacional e Psicologia Educacional no Instituto Maria de Mattias, Altamira (1966-1980); ecônomo da Prelazia do Xingu; encarregado pastoral de Vila Vitória. Em 7 de novembro de 1980, o Papa João Paulo II nomeou o padre Erwin Kräutler para a função de prelado coadjutor da Prelazia do Xingu. Recebeu a ordenação episcopal em Altamira, no dia 25 de janeiro de 1981, pelas mãos de Dom Carmine Rocco, Dom Alberto Gaudêncio Ramos e de Dom Eurico Kräutler.

O contato com os entrevistados e suas memórias nos possibilitou, em certa medida, dialogar com os documentos e relatórios oficiais. É conveniente destacar que alguns dos nossos entrevistados, a saber, as religiosas ir. Zélia, ir. Socorro, ir. Ivone, o sr. Orange, a sra. Tereza Pereira e Dom Erwin Krautler, foram ouvidos no tribunal que construiu o processo de beatificação da professora Serafina. Portanto, suas falas estão todas registradas nas duas unidades da *Positio*.

É conveniente destacar que, para Portelli:

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são - assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes - exatamente iguais (Portelli, 1997, p. 16).

É necessário salientar que, se compararmos a nossa entrevista com a oitiva do processo de beatificação (que resultou no documento oficial), o contexto e a finalidade distam de forma veemente o que, evidentemente, também nos possibilita realizar em pequenas medidas o cotejamento entre os relatos coletados na nossa entrevista e aqueles apresentados no documento oficial.

Neste sentido, Cassab e Ruscheinsky afirmam que

a busca pelas fontes orais diz respeito à possibilidade da interpretação de temas da história ainda insuficientemente registrada por outros tipos de informações, a fatos relevantes cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulo diverso do habitual. Um dos momentos mais sublimes da pesquisa pode ser caracterizado como um momento em que as relações sociais já vividas são dilapidadas e recriadas, quando o hoje visita o ontem com outros olhares e perspectivas, construindo o passado pelo presente e reconstruindo o próprio presente (Cassab; Ruscheinsky, 2004, p. 25).

Embora haja, em certo sentido, vasta documentação acerca das ações da professora, enfermeira e religiosa Serafina Cinque, sobretudo se levarmos em consideração os documentos oficiais para a sua beatificação, compreendemos a necessidade de trabalharmos com aspectos

da história oral, principalmente para analisarmos uma história vista de baixo, conforme salienta Burke (1991).

Além disso, é fundamental salientar que o suscitar da oralidade livre dos entrevistados pode trazer à tona questões e problemáticas que não foram pormenorizadas no documento de beatificação por inúmeros motivos, dentre os quais, talvez os mais recorrentes sejam espaço e a possibilidade de um silenciamento de fatos e falas indesejáveis para um processo que tem por objetivo provar a santidade de alguém.

### **2.3 Uma história vista de baixo**

Nossa intenção em mergulhar na história de vida da professora Serafina Cinque perpassa, inevitavelmente, por um movimento de análise da história a partir de baixo. Tal perspectiva implica um posicionamento e, conseqüentemente, um procedimento investigativo que leva em consideração as diferentes nuances da história cultural. Neste sentido, as entrevistas, documentos e fotografias que compõem o arcabouço das fontes desta pesquisa serão analisados à luz da perspectiva da história cultural.

Assim, optamos por não estabelecermos um autor específico para construirmos uma análise acerca dos dados encontrados e produzidos por esta pesquisa, haja vista considerarmos esse procedimento deveras ortodoxo e, conseqüentemente, pouco conveniente para as pesquisas à luz da história cultural. Nossa opção, heterodoxa tanto quanto a própria história cultural, procura tecer análises e reflexões à medida que encontra e apresenta os fatos. Vez ou outra, a critério de embasamento das perspectivas levantadas, utiliza-se de alguns autores que construíram suas reflexões a partir do bojo da história cultural. Contudo, nosso foco não se restringe a esses autores, mas envolve a aplicação dos conceitos e metodologias que essa corrente oferece.

Portanto, utilizo os princípios da história cultural como base para a análise das fontes coletadas, reconhecendo que essa abordagem permite uma compreensão mais ampla e contextualizada das práticas educativas e missionárias de Serafina Cinque. Essa perspectiva me permite captar a riqueza e a complexidade das narrativas que emergem das ações de Serafina Cinque e de seu contexto, promovendo uma análise que valoriza a multiplicidade de significados e a historicidade das práticas educativas e missionárias em questão.

É importante ressaltar que a história cultural pode contribuir para o avanço da história da educação ao explorar dimensões pouco conhecidas fora da escola e da escolarização. Neste

contexto, para Lima e Fonseca (2003), a história cultural permite uma análise das práticas culturais relacionadas à educação, utilizando conceitos, como circulação, apropriação, representação, saberes e culturas escolares.

Metodologicamente, esta pesquisa se configura como documental, mergulhando em aspectos temáticos da história de vida de Serafina Cinque. Assim, além dos documentos “oficiais” que tratam do processo que objetiva tornar Serafina Cinque santa, os relatórios de atendimentos na Casa Divina Providência e relatórios de suas ações político-administrativas para o funcionamento dos cursos normais rurais nas escolas de sua congregação nos estados do Amazonas e Pará, também serão tomados como documentos, livros, fotografias e correspondências de Serafina com seus familiares e amigos.

Sobre o uso de fotografias, Burke (2017, p. 25), nos recorda que “assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular”. Borges (2003, p. 69), entretanto, chama atenção para o fato de que “longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade”.

Neste sentido, é conveniente salientar que fotografias podem forjar fatos e interpretações e, para não incorrerem nos entraves dessa fragilidade no uso de fotografias como evidência histórica, se faz necessário, segundo Burke (2017, p. 26), a “consciência das suas fragilidades” e uma análise acurada do contexto e da intenção por trás da imagem produzida.

Se faz necessário destacar, ainda, que os primeiros contatos com a história de vida da professora Serafina me possibilitou a percepção da riqueza de detalhes na oralidade de pessoas que conviveram com minha sujeita de pesquisa. Neste sentido, percebi que a entrevista não estruturada possibilitava a oralidade livre e seria uma via profícua para a pesquisa. Sobre esse tipo de entrevista, é conveniente salientar:

[...] as Entrevistas Livres são feitas através de um relato oral que coleta informações em que o interlocutor desenvolve suas ideias quase sem interferência do Entrevistador. Tem-se, nesse caso, uma narrativa que segue uma sequência em função do que e como o sujeito recorda, da seleção que ele faz de acontecimentos e pessoas a ele relacionadas e do que ele pretende relatar (Rosa; Arnoldi, 2008, p. 31).

O fato de não os interromper enquanto suscitavam suas memórias nos permitiu analisar e compreender de maneira natural como nossos entrevistados enxergavam e lidavam com a professora Serafina Cinque, como percebiam suas principais virtudes, como lidavam com suas limitações.

Concordamos, portanto, com Ludke e Andre (1986, p. 34), quando afirmam: “parece-nos claro que o tipo de entrevista adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados”.

A preferência das autoras pela entrevista não estruturada se explica, porque, para investigações no campo da educação, é preferível adotar abordagens que permitam maior flexibilidade e liberdade de expressão por parte dos participantes, possibilitando uma compreensão mais profunda e rica dos temas em estudo. Compreendemos com Pedro e Venson (2012, p. 129) que “a tradição oral, a oralidade, é um objeto teórico constitutivo do arcabouço teórico da antropologia e é um meio de interpretação das culturas abordadas”.

Portanto, a trilha metodológica é tecida pela pesquisa documental à luz da história cultural, aliada às narrativas de 9 entrevistados, já destacados anteriormente. Segundo Le Goff (1994), a memória se caracteriza como uma propriedade que nos permite acessar e atualizar informações do passado e que não é um mecanismo passivo. Assim, Venson e Pedro (2012) nos recordam que “a ideia central no campo da história oral é dotar a memória de historicidade, mostrar que ela é possível num dado contexto em que é provocada” (Venson; Pedro, 2012, p. 132).

Albuquerque (2021), apoiada nessa mesma perspectiva e parafraseando as autoras supracitadas, chama a atenção para a não pretensão de estabelecer a memória como uma fonte que possa “revelar ou desvelar o real” (*apud* Albuquerque, 2021, p. 32). Neste sentido, reafirmando o pensamento das autoras, não objetivamos estabelecer a memória dos entrevistados desta pesquisa como uma verdade absoluta, mas como partes de experiências pessoais, particulares, vivenciadas com nossa sujeita de estudos.

## **2.4 Incursão teórico-metodológica sobre a temática**

Para conhecer o que já foi produzido sobre Serafina Cinque, dei início, no ano de 2023, a uma busca no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), estabelecendo como limite as áreas de Ciências humanas e Sociais Aplicadas e como parâmetro de busca os descritores: “Serafina Cinque” e “anjo da Transamazônica”

Considerei, a priori, as relações de similitudes entre os títulos e a temática. Contudo, posteriormente, realizei as aproximações necessárias entre o resumo e as palavras-chave, os objetivos e os resultados das pesquisas encontradas neste banco de dados. Esse procedimento

me possibilitou encontrar trabalhos que sustentassem teórica e metodologicamente minha pesquisa.

Considerei como parâmetro de busca o que havia sido produzido nos últimos dez anos (2013 a 2023). A plataforma me apresentou como resultado temas de pesquisas que foram realizados fora deste parâmetro temporal de uma década, e resolvi analisá-las, dada a pertinência da temática e a relação com minha sujeita de estudo.

Com o descritor *Serafina Cinque*, foram apresentados 188 resultados. Contudo, após a análise acurada em todas as páginas, foi possível perceber que o banco de dados estava fazendo referência às pesquisas realizadas no âmbito do município Serafina Corrêa e não especificamente sobre minha sujeita de estudo. O descritor *anjo da Transamazônica* apresentou um total de 1349682 resultados.

Esse número de pesquisa se explica, sobretudo, pelo fato de o banco de dados estar levando em consideração o termo Transamazônica. Foram consultadas todas as páginas com a intenção de encontrar pesquisas afins à nossa temática. Todavia, apenas 04 dissertações se relacionavam de alguma forma com nossa pesquisa, sendo elas;

**Quadro 2 – Descritor Anjo da Transamazônica**

| <b>Levantamento de teses e dissertações no banco de dados da CAPES</b>                                                                                       |                                             |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------|------------|
| <b>Título / Autor</b>                                                                                                                                        | <b>Universidade</b>                         | <b>Ano</b> |
| <b>Mulheres na Transamazônica: Construção da ocupação e do fazer política</b><br>Maria Ivonete Coutinho da Silva                                             | Universidade Federal do Pará                | 2008       |
| <b>Caminhos da Educação pela Transamazônica: ressignificando o saber cotidiano e as práticas educativas de educadores(as) do Campo</b><br>Rosimeri Scalabrin | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | 2008       |
| <b>A estrada invisível: Memórias da Transamazônica</b><br>Cezar Augusto Martins de Souza                                                                     | Universidade Federal Fluminense             | 2012       |
| <b>Transamazônica: Memórias e silêncios da migração</b><br>Sonia Aparecida Feiteiro Portugal                                                                 | Universidade Federal do Pará                | 2021       |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A pesquisa de doutorado de Maria Ivonete Coutinho da Silva, intitulada *Mulheres na Transamazônica: Construção da ocupação e do fazer política*, defendida no ano de 2008, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, apresenta relatos da história de vida das mulheres que fazem e perfazem a Transamazônica. A autora salienta que sendo ela mesma originária daquele meio, mergulhou de forma assaz intimista na pesquisa buscando em cada texto e contexto “réstias, resquícios, marcas visíveis e simbólicas que revelassem as trajetórias vividas pelas mulheres na Transamazônica” (Silva, 2008, p. 23).

É interessante destacar que a perspectiva da autora não consiste em analisar de maneira objetiva “as estruturas, econômicas, políticas e ideológicas” que perpassam as narrativas sobre a Transamazônica, mas busca a descrição e a interpretação minuciosas acerca das lacunas “textuais, discursivas e representativas que não mostram a mulher trabalhadora rural, professora, catequista, agente de saúde, líder comunitária, vereadora, sindicalista, entre outras funções” (Silva, 2008, p. 23).

Assim, reveste-se de particular importância salientar o fato de que a análise minuciosa das histórias de vida das mulheres migrantes na região da Transamazônica, realizada pela autora, apresenta as experiências individuais e coletivas que influenciaram suas trajetórias. Essa análise, sem dúvida, carrega em si um potencial ímpar que poderá ser utilizado como referência para inúmeras pesquisas que objetivem compreender as dinâmicas sociais e culturais daquela região e de outras regiões do país (Silva, 2008).

Rosimeri Scalabrin, em sua pesquisa de mestrado, intitulada *Caminhos da Educação pela Transamazônica: ressignificando o saber cotidiano e as práticas educativas de educadores (as) do Campo*, defendida em 2008, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, apresenta a partir da técnica de grupo focal em pesquisa qualitativa envolvendo grupos de educadores, educandos e movimentos sociais, a tentativa de compreender as estratégias utilizadas por esses educadores do campo na construção de processos ressignificados a partir do saber cotidiano. O recorte temporal da pesquisa da autora se dá entre os anos de 2005 e 2008.

Neste sentido, salientamos que o contexto e o pretexto de sua dissertação se aproximam, em alguma medida, com os objetivos de nossa pesquisa, uma vez que se trata de compreender a ressignificação de saberes e práticas pedagógicas no contexto da Transamazônica, ponto focal de atuação de nossa sujeita de pesquisa. Eis o motivo pelo qual, dentre as muitas pesquisas que apresentam o descritor “Transamazônica”, destacamos a pesquisa de Scalabrin.

A tese de Cezar Augusto Martins de Souza, intitulada *A estrada Invisível: memórias da Transamazônica*, defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, em 2012, entre outros detalhes valiosos, nos permite compreender os debates acerca da construção deste colosso na Amazônia, a chegada dos colonos, a forma como os colaboradores da obra e a população local viviam, a forma como foram construídas as memórias sobre aquele contexto e a maneira como o povo lidava com a ditadura. Souza (2012) destaca que estudar a memória e as visões sobre a Transamazônica possibilita um conhecimento mais profundo desta que é uma das partes mais importantes do país e que atravessa momentos significativos na história do Brasil.

A dissertação de Sonia Aparecida Feiteiro Portugal, intitulada *Transamazônica: memórias e silêncio da migração*, defendida em 2021, no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará, nos apresenta, por meio de um trabalho de memória, as tensões na chegada, os deslocamentos para a rodovia e os anos iniciais do processo de colonização. Neste sentido, a autora nos ajuda a compreender, através da memória dos trabalhadores da obra, por meio da história oral e entrevistas estruturadas e semiestruturadas, a realidade e os desafios da construção da rodovia, em contraponto com a memória nacional.

Dada a pouca quantidade de pesquisas encontradas com as expressões mais específicas de nossa temática, resolvi ampliar a busca e estabelecer como indicadores os seguintes termos: “mulheres religiosas” e “ações sociais no Xingu”. Assim, o descritor mulheres religiosas apresentou um resultado de 95.716 pesquisas.

De modo geral, essas pesquisas levam em consideração a forma de construir e viver a religiosidade a partir da figura feminina. Algumas pesquisas centralizam o discurso entre catolicismo e protestantismo com enfoque especial para o lugar que ocupa a mulher nesses contextos. Outras pesquisas, por sua vez, estão relacionadas às vivências e práticas espirituais de mulheres em comunidades quilombolas, ribeirinhas e demais comunidades tradicionais.

Dentre as inúmeras pesquisas encontradas neste sentido, destacamos as seguintes:

**Quadro 3 – Descritor Mulheres religiosas**

| <b>Levantamento de teses e dissertações no banco de dados da CAPES</b>                                    |                     |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|------------|
| <b>Título / Autor</b>                                                                                     | <b>Universidade</b> | <b>Ano</b> |
| <b>Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta alto Juruá, acre (1870-1945)</b> |                     |            |

|                                                                                                                                                                                                                         |                                         |      |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|------|
| Cristina Scheibe Wolff                                                                                                                                                                                                  | Universidade de São Paulo               | 1998 |
| <b>Vida Religiosa Ribeirinha: um estudo sobre a igreja católica e evangélica no Amazonas.</b><br>Liliane Costa de Oliveira                                                                                              | Universidade Federal do Amazonas        | 2012 |
| <b>As relações de poder nas pastorais do catolicismo romano pós-concílio vaticano II. Um estudo de gênero a partir do trabalho das mulheres na Arquidiocese de Porto Velho-RO</b><br>Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon | Universidade Metodista de São Paulo.    | 2009 |
| <b>Santos da porta ao lado: os caminhos da santidade contemporânea católica.</b><br>Maria Cristina Leite Peixoto                                                                                                        | Universidade Federal do Rio de Janeiro. | 2006 |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Cristina Scheibe Wolf apresenta, em sua tese de doutorado *Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta alto Juruá, Acre (1870-1945)*, defendida em 1998, na Universidade de São Paulo, um contexto que, embora seja expressamente anterior àquele vivenciado por Serafina se assemelha a ele, em alguma medida, sobretudo, se levarmos em consideração a realidade de exploração nos múltiplos sentidos que esse termo comporta.

A autora analisa a ocupação da região do Alto Juruá, no Acre, por seringueiros nordestinos a partir da década de 1870, trazidos por empresas comerciais e por particulares que se apropriavam dos seringais nativos. Wolf (1998) empreende como método de pesquisa a interpretação de documentos judiciais, entrevistas, história oral e a bibliografia.

Embora não enfoque especificamente o recorte mulheres religiosas, fica claro na tese da autora a forma “como as mulheres índias, em meio a esta situação de franca opressão, foram personagens ativas na criação do modo de vida dos seringais, que, através delas, incorporou muito da cultura indígena” (Wolf, 1998, p. 195). Neste sentido, dado o protagonismo dos sujeitos de estudo da autora e a relevância de sua tese para a compreensão da realidade amazônica, resolvemos apresentá-la como aporte teórico para nossa pesquisa.

Na dissertação intitulada *Vida Religiosa Ribeirinha: um estudo sobre a igreja católica e evangélica no Amazonas*, defendida no ano de 2012 no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, a autora Liliane Costa de Oliveira analisa a vida religiosa das comunidades ribeirinhas do estado do Amazonas, com foco nas igrejas

católica e evangélica investigando, sobretudo, como essas religiões influenciam a vida social, cultural e política dessas comunidades.

Para Oliveira (2012, p. 149), “as transformações no campo religioso brasileiro são respostas à população que está inserida num contexto que passa por crises sociais”. É neste sentido e contexto que a dissertação da autora se aproxima com a temática de nossa dissertação e embasa, sobremaneira, algumas de nossas reflexões.

Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon, ao problematizar em sua tese *As relações de poder nas pastorais do catolicismo romano pós-concílio vaticano II: um estudo de gênero a partir do trabalho das mulheres na arquidiocese de Porto Velho - RO*, nos possibilita uma análise da condição da mulher, bem como a relevância de seu trabalho no contexto da igreja católica.

A tese da autora apresenta nuances pertinentes à nossa pesquisa, ao destacar o entrelaçamento contextual com o Concílio Vaticano II que muito influenciou a vida, a congregação e as ações de Serafina Cinque. Outro ponto digno de nota, além da temática de gênero, é o *locus* da pesquisa de Santinon, a saber, a arquidiocese de Porto Velho, região norte do Brasil.

Maria Cristina Leite Peixoto, em sua tese intitulada *Santos da porta ao lado: os caminhos da santidade contemporânea católica*, defendida em 2006, no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro apresenta a temática da santidade balizando essa questão no catolicismo e sua persistência em um mundo plural e secularizado. Na ocasião, a autora tem como pressuposto a análise de duas propostas de canonização no Brasil, visando a compreender o modelo de santidade sustentado pela igreja católica, bem como a forma como este modelo é constituído.

Para a autora, este modelo de santidade é pautado basicamente na prática das virtudes, fato comum e rotineiro a todos os cristãos. Essa constatação, por outro lado, nos faz enxergar, segundo afirma a autora, o distanciamento na atualidade daqueles aspectos mais rústicos e tradicionais que outrora marcaram a existência dos santos. Uma vez que nossa sujeita de estudo, pela fama de suas ações, foi submetida, após sua morte em 1988, a um processo que objetiva torná-la santa no catolicismo romano; a tese de Peixoto (2006) apresenta um importante pressuposto teórico e metodológico para nossa análise.

O descritor *ações sociais no Xingu* apresentou como resultado 907.159 pesquisas. De modo geral, estes trabalhos retratam e problematizam as ações, perseguições e conquistas empreendidas por diferentes movimentos sociais que atuam na região do Xingu, historicamente marcada por disputas e violências humanas e ambientais. Relacionando títulos e expressões das quais achamos pertinentes à nossa temática, destacamos apenas 03 trabalhos, a saber:

Quadro 4 – Descritor Ações sociais no Xingu

| Levantamento de teses e dissertações no banco de dados da CAPES                                                                                                                                   |                                        |      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|------|
| Título / Autor                                                                                                                                                                                    | Universidade                           | Ano  |
| <b>As lutas e resistências do movimento Xingú vivo para sempre diante do projeto hidrelétrico Belo Monte: o padrão de desenvolvimento da Amazônia em disputa.</b><br>Sérgio Roberto Moraes Corrêa | Universidade Federal de Campina Grande | 2014 |
| <b>Uma Cicatriz na Selva: Da propaganda aos Impactos Sociais e Sanitários da Rodovia Transamazônica (1969-1979)</b><br>Erika Marques de Carvalho                                                  | Fundação Oswaldo Cruz                  | 2022 |
| <b>Políticas de assistência, proteção e educação à infância pobre, abandonada e órfã e as ações da prelazia do Xingu no município de Altamira – Pará (1970-1979)</b><br>Leia Gonçalves de Freitas | Universidade Federal do Pará           | 2019 |

Fonte: Elaboração própria.

A tese de Sergio Roberto Moraes Corrêa, intitulada *As lutas e resistências do movimento Xingú vivo para sempre diante do projeto hidrelétrico Belo Monte: o padrão de desenvolvimento da Amazônia em disputa*, defendida no ano de 2014, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, apresenta a atuação do movimento Xingu Vivo Para Sempre frente ao projeto hidrelétrico Belo Monte.

Para tal, o autor combinou diferentes estratégias metodológicas como, por exemplo, pesquisa bibliográfica, documental, de campo com observação participante e entrevistas semiestruturadas com ênfase em história oral. Para Corrêa (2014, p. 471), os movimentos sociais “se revelam para que sejam tomados como campos férteis de estudo para interpretar a sociedade”.

Neste sentido, para o autor, o movimento Xingu Vivo Para sempre traz para debate a relação *desenvolvimento e democracia*. Uma vez que a estrutura de ocupação da Amazônia brasileira encontra historicamente seus pressupostos teórico-metodológicos na lógica neodesenvolvimentista, se faz necessário balizar e equacionar essas relações que, em boa parte, sobretudo no território às margens do rio Xingu, são regadas à violência, exploração e violação de direitos (Corrêa, 2014).

Ao problematizar esses padrões de ocupação da Amazônia na atualidade, a tese de Sérgio Corrêa corrobora enfaticamente para compreendermos o contexto do Xingu e as dinâmicas sociais, políticas e estruturais que, historicamente, permeiam a região, ponto fulcral da atuação de nossa sujeita de pesquisa.

É digno de nota que a tese de doutoramento de Erika Marques de Carvalho, intitulada *Uma cicatriz na selva: da propaganda aos impactos sociais e sanitários da rodovia Transamazônica (1969-1979)*, está circunscrita no campo da história das ciências e foi defendida no ano de 2022, no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz.

O banco de dados da CAPES provavelmente levou em consideração o termo “impactos sociais” no tema da pesquisa e a relacionou com o nosso descritor “ação social”. Salientamos ainda o fato de termos optado por selecioná-la pelo recorte temporal que a autora decidiu estabelecer em sua pesquisa, a saber, o período de 1969-1979.

É interessante salientar o fato de que Serafina Cinque, por ser enfermeira, lidou inúmeras vezes com os mais diversos tipos de doenças originadas da abertura da rodovia Transamazônica. Neste sentido, compreender com a autora os impactos sanitários decorrentes da enorme “ferida na selva” possui importância fundamental para nossa pesquisa.

Faz-se necessário destacar que das muitas pesquisas relacionadas ao contexto político, histórico, religioso, social e educacional da Amazônia paraense na década de 1970, apenas a tese de doutorado da professora Leila Gonçalves de Freitas, defendida no ano 2019 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, nos apresenta detalhes sobre alguns aspectos da vida e da obra de Serafina Cinque.

A pesquisa de Freitas (2019), intitulada *Políticas de assistência, proteção e educação à infância pobre, abandonada e orfã e as ações da prelazia do Xingú no município de Altamira - Pará (1970-1979)*, evidencia, além dos cuidados com a infância, o contexto social e os trabalhos da prelazia<sup>3</sup>, circunscrição religiosa sob responsabilidade de um bispo católico. É

---

<sup>3</sup> De acordo com o Código de Direito Canônico, a prelazia, ou prelatura territorial é descrita no cânone 370 como um território “cujo cuidado pastoral, em virtude de circunstâncias especiais, é cometido a um Prelado ou Abade, que a governa como seu pastor próprio, à maneira de Bispo diocesano” (Código de Direito Canônico, p. 67). Em 06 de novembro de 2019, a prelazia do Xingu-Altamira foi elevada à categoria de diocese, tendo como primeiro bispo diocesano Dom João Muniz. De acordo com informações contidas no site da diocese, ela é constituída por 12 paróquias e 05 Áreas Pastorais. Abarca um território de 10 municípios: 06 Paróquias ao longo da Rodovia Transamazônica, sendo Altamira (03 Paróquias e 04 Áreas Pastorais), Anapu (01 Paróquia), Brasil Novo (01 Paróquia), Medicilândia (01 Paróquia), Uruará (01 Paróquia), Placas (01 Paróquia). E quatro (04) municípios localizados às margens dos rios Tucuruí, Xingu e Amazonas: Vitória do Xingu, (01 paróquia e uma Área Pastoral), Senador José Porfírio, (01 Paróquia) Porto de Moz, (01 Paróquia) e Gurupá, (01 Paróquia).

importante salientar que, ao longo dos anos, a prelazia do Xingu tem se envolvido diretamente com as questões sociais dos mais variados aspectos.

Freitas (2019), ao identificar os múltiplos meios de atuação da prelazia do Xingu, no contexto da década de 1970, perpassa inevitavelmente pelas ações da professora Serafina Cinque. Neste sentido, destaca a importância das ações de Serafina, sobretudo, porque “sabia bem o que fazer quando era solicitada” (Freitas, 2019, p. 205).

Segundo a autora, Serafina Cinque adquiria novos conhecimentos diariamente e os testava constantemente. Cada dia era um novo começo, uma nova batalha. Ao assumir um papel de liderança no contexto social e político dos excluídos de Altamira, Transamazônica e Xingu, ela transbordava toda a sua experiência de vida (Freitas, 2019).

Outro ponto digno de nota é que a tese de doutorado de Freitas (2019) nos possibilitou contato com o artigo intitulado *As ações sociais da Irmã Serafina Cinque na Transamazônica (1970-1979) e as aproximações teóricas de Paul Ricoeur sobre o sentido de esperança*, publicado na revista do Centro de Memória de Santa Catarina, por ocasião dos 50 anos da Transamazônica.

Freitas, Mileó, Parente (2021), ao relacionar as ações da professora Serafina no trabalho com as grávidas no município de Altamira-Pará procuram identificar o sentido da esperança presente nessas ações, articulando com as discussões teóricas de Paul Ricoeur. Deste modo, salientamos que tanto a tese de Freitas como o artigo supracitado são de fundamental importância para o embasamento teórico de nossa dissertação. Nossa pesquisa se diferencia da pesquisa de Freitas (2019) por voltarmos o nosso olhar para a história de vida e formação de Serafina Cinque, com a finalidade de compreender a base filosófico-educacional que permeou seu trabalho educativo e religioso.

Outrossim, além dos trabalhos acadêmicos há pouco apresentados, julgamos pertinente trazer à baila os livros encontrados nos arquivos das adoradoras do sangue de Cristo, em Belém do Pará, que tiveram importância ímpar para o desenvolvimento dessa dissertação e serão tomados como documentos à luz dos conceitos da história cultural.

Na obra *Adoradoras do Sangue de Cristo: lançando raízes na Amazônia*, fruto das pesquisas da Ir. Evelina Trindade, é possível ter um panorama dos anos de ouro da congregação no Brasil, sobretudo no Amazonas. Trata-se de um trabalho construído com inúmeras fotografias que destacam, entre outras coisas, o florescimento das vocações, as construções dos conventos, formações, celebrações religiosas, o trabalho nos orfanatos e o dia a dia das religiosas entre os anos de 1947 a 1962.

Theresa do Socorro Pereira Trindade (Ir. Evelina Trindade) nos apresenta na obra *Sangue Redentor nas trilhas da Esperança* inúmeros detalhes da realidade da congregação na Amazônia brasileira. A obra se caracteriza como uma celebração jubilar dos 50 anos das irmãs ASC no estado do Amazonas. Desse modo, a autora apresenta o registro das etapas desse caminho de ousadia na expansão missionária na Amazônia relacionando com os desafios dos anos iniciais enfrentados pelas religiosas que foram pioneiras nesse processo, os tempos atuais (década de 1990 - período de publicação da obra) e futuros na evangelização.

Convém frisar que o jubileu dos 50 anos das ASC no Amazonas realizou-se em 1997. A congregação tem sofrido mudanças drásticas ao longo das décadas, o que nos possibilita inferir que a realidade e os desafios na atualidade são outros com tamanhos e pertinências talvez jamais imaginados pelas religiosas pioneiras no processo de expansão da congregação na Amazônia brasileira e, conseqüentemente, pela própria Ir. Evelina Trindade, quando escrevia a obra *Sangue redentor nas trilhas da esperança*. A obra de Trindade (1997), porém, é fundamental para conhecermos os trilhos das adoradoras em terras brasileiras.

O poeta Antônio Juraci Siqueira expressou em versos sua percepção sensível sobre os detalhes amiúdes da vida de Serafina Cinque. Assim, na obra *irmã Serafina Cinque: o anjo da transamazônica*, inspirado no livro (cujo título é o mesmo) de irmã Marília de Menezes que trata aspectos gerais da vida de Serafina, Siqueira (2011) nos apresenta, de maneira leve e lírica, os caminhos e descaminhos da professora Serafina na sua busca incessante de fazer o bem.

Um livreto intitulado *Nós poetas amazônidas* – antologia poética –, organizado por João Castro também se apresentou com importância ímpar para nossa pesquisa, pois contém uma poesia de Irmã Marília de Menezes, intitulada “*O Xingú impulsionou Serafina*”, que nos possibilita mergulhar no contexto do Xingu e nas ações da professora Serafina.

Peter Burke (1991) nos instiga a pensar os moldes pelos quais a história é escrita e interpretada ao longo do tempo. Sua perspectiva de transformação das noções de tempo e espaço possibilita, neste sentido, uma visão mais ampla e abrangente da história e embasa, sobremaneira, a construção teórico-metodológica dessa dissertação.

Rodrigues e França (2010) enfatizam a relação do historiador com documentos que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que já foram analisados, mas que podem passar por novas análises que, conseqüentemente, ganharão novas nuances a partir dos objetivos das novas pesquisas.

Não menos importante que essa consideração é o questionamento que as autoras levantam acerca do que pode ser considerado documento. Para as autoras, a noção de documento, restrita aos escritos e manuscritos resguardados normalmente em arquivos públicos

da União, dos estados, ou dos municípios não pode ser tomada como verdade absoluta. Desse modo, fica explícito o fato de que existem diferentes modos de fazer história e guardar as memórias de um povo, uma cultura.

Assim, se reveste de particular importância considerar o fato de que “os documentos assumem hoje as mais variadas formas e podem ser encontrados nos mais diferentes lugares” (Rodrigues; França, 2010, p. 56). Compreende-se, neste sentido, que “a diversidade das fontes enriquece a leitura do objeto de estudo” (Rodrigues; França, 2010, p. 59).

Le Goff (1994) corrobora essa perspectiva, ao afirmar que:

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, especializado para esse uso... Que historiador das religiões se contentaria em consultar os tratados de teologia ou as recolhas de hinos? Ele sabe bem que sobre as crenças e as sensibilidades mortas, as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário das tumbas, têm pelo menos tanto para lhe dizer quanto muitos escritos (Le Goff, 1994, p. 540).

Quanto à prática da pesquisa documental, salienta-se:

Quando se inicia uma pesquisa documental, é preciso conhecer a história do documento que se tem em mãos, buscando apreender sob que condições ele foi produzido, quem o escreveu e com que propósito. Além disso, deve identificar-se a sua forma material e o conteúdo que aborda (Rodrigues; França, 2010, p. 60).

Neste sentido, para Rodrigues e França (2010), fica claro que não existe neutralidade nos documentos. Quem os produziu imprimiu, de certo modo, direta ou indiretamente uma subjetividade no sentido e no significado de tal produção. Levando em consideração essa perspectiva corroborada, sobretudo pela visão de Flick (2008), na análise dos documentos pertinentes a minha sujeita de estudo, posiciono-me de maneira crítica acerca de quem os produziu, quais seus objetivos, para quem e com quais intenções os produziu.

A pesquisa documental foi realizada nos arquivos da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, localizado na rua padre Prudêncio nº 748, bairro Campina, Belém-Pará, e nos arquivos da Casa Divina Providência, localizada na rua Padre Antônio Vieira nº 214, bairro Brasília, Altamira-Pará.

Este *corpus* documental é constituído, sobretudo, por duas unidades da *Positio* (documento oficial de beatificação / canonização da professora Serafina Cinque), inúmeras fotografias do tempo de sua juventude, dos votos como religiosa, fotografias de seus pais e demais familiares próximos, diplomas, relatórios, bilhetes e anotações pessoais da professora Serafina que nos permitem tecer construções e reflexões acerca da sua história de vida.

Sobre o documento de beatificação e canonização, faz-se necessário destacar que se trata de um documento restrito, a que leigos, de modo geral, não têm acesso. No processo de

Serafina Cinque, a *Positio* é constituída de duas unidades. A primeira apresenta informações gerais sobre a causa de beatificação, sua origem, alguns decretos, relatos testemunhais, detalhes acerca da comissão histórica para o processo, dentre outras informações sobre a vida e fama de santidade de nossa sujeita de estudo.

A segunda unidade, por sua vez, muito mais extensa que a primeira, procura apresentar uma espécie de biografia documentada aliada às inúmeras falas de testemunhas. A análise dessas falas objetiva apontar, nos relatos das testemunhas, elementos de santidade na vida e nas ações de Serafina Cinque. Dois pontos se apresentaram de forma emblemática no trato com este documento. Primeiramente, a dificuldade de ter acesso a ele: este fato só foi superado após a ida de uma das religiosas ASC à Itália, em julho de 2022, recuperando para as Adoradoras do Brasil este documento.

O segundo ponto se constitui no fato de que todo o documento está escrito em italiano, o que resultou em um tempo muito maior requerido para analisá-lo. Para a leitura, realizamos a tradução via google tradutor, fazendo foto de cada página. Vez ou outra, se fez necessário consultar o sentido de algumas palavras mais especificadas no italiano visando, desse modo, a minimizar possíveis erros de tradução e/ou interpretação.

As duas unidades são constituídas por folhas tamanho A4 e revestidas com uma capa com um tecido vermelho que em muito se assemelha a um jeans. Os títulos na capa escritos em letras de forma de cor dourada identificam o local da origem do processo – “AMAZONEN” – e especificidade do documento – “BEATIFICATIONIS et CANONIZATIONS SERVAE DEI”. Mais ao centro da capa, destaca-se: “SERAPHINAE CINQUE (in século: Noemis) SONORIS PROFESSAE – CONGREGATIONIS SORORUM ADORATRICIUM SANGUINIS CHISTI (1913-1988)”.

Na parte de baixo da capa, destaca-se: “POSITIO – SUPER VITA, VIRTUTIBUS ET FAMA SANCTITATIS” e, mais embaixo, o respectivo volume I e II. Embora os textos da capa estejam grifados em latim, todo o conteúdo do documento está em Italiano. O Vaticano conserva até os dias atuais o latim como língua oficial para a emissão de documentos. Este que tivemos acesso, no entanto, conserva as características descritas há pouco.

Esta pesquisa foi construída sob o viés da abordagem qualitativa. Neste sentido, Goldenberg (1997) destaca que essa abordagem não se caracteriza pela preocupação com uma representatividade numérica, mas essencialmente com o aprofundamento das questões acerca de um grupo social, uma organização etc.

É conveniente salientar que, para o autor, “os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as

ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria” (Goldenberg, 1997, p. 34). Ratifica-se, neste sentido, a recusa a métodos positivistas no trato com pesquisas sociais.

Para Minayo (2007), o objeto de estudo das ciências sociais é predominantemente qualitativo. Para a autora, a realidade social que tece a vida dos indivíduos

[...] é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. [...] Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de conter a totalidade da vida social (Minayo, 2007, p. 14).

Neste sentido, portanto, são as ciências sociais que, na visão da autora, possibilitam uma melhor aproximação da realidade da vida dos sujeitos, uma vez que “possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade da existência dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória” (Minayo, 2007, p. 14). Esta pesquisa perpassa, portanto, por caminhos que ligam a história e a educação, marcada pela perspectiva da história cultural, tomando como base diferentes aportes, como a pesquisa bibliográfica, documental e a história oral para aprofundar a investigação sobre nossa sujeita de estudo.

### **3 SERAFINA CINQUE: FAMÍLIA, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

Nesta seção, abordo aspectos da origem da família Cinque, os motivos da mudança da Itália para o Brasil, na passagem do século XIX para o XX, e as características da infância e adolescência de Noemy (Serafina Cinque). É necessário destacar que, por vezes, farei referência a nossa sujeita de estudo por seu nome cível, Noemy Cinque, e, em outros momentos, me reporto ao onomástico adotado por ela na vida religiosa, isto é, Serafina Cinque.

Este fato se explica tanto pelo período de sua vida abordado no texto (se antes ou depois da vida religiosa), como pelas falas dos entrevistados e das testemunhas de seu processo de beatificação, contidas no *corpus* documental da *Positio*. Se as testemunhas e entrevistados se reportarem a ela por seu nome civil, replico o nome civil e a mesma forma será adotada para o nome de religiosa independentemente do período da vida que está sendo abordado.

Ao realizar uma pesquisa que utiliza métodos e técnicas da história oral, concordo com Freitas (2006), quando afirma que a história oral se destaca pela capacidade de se integrar a outras fontes possibilitando, neste sentido, a ampliação das análises.

### 3.1 Caminhos e descaminhos: remontando a origem dos Cinque

No final do século XIX e início do século XX, a Itália enfrentava uma explosão demográfica, a unificação do país e a migração em larga escala. Esses elementos moldavam o contexto histórico italiano e exerciam influência nas políticas e perspectivas da época.

Bianchini (2019, p. 311) afirma que “o fenômeno migratório atingiu proporções quase de massa em países como a Itália, e inúmeras famílias encararam a escolha entre emigrar e sonhar com um futuro melhor, ou ficar e aproveitar o que tinham”.

Além do contexto acima destacado, é possível afirmar que a chegada dos Cinque em terras brasileiras, na passagem do século XIX para o século XX, é marcada por dois fatores emblemáticos. Primeiro, os conflitos sociais e econômicos marcados por disputas de terras no sul da Itália. E, segundo, o desejo de prosperar em terras amazônicas com o “ouro negro”, isto é, a borracha.

Conforme salienta Oliveira (2012, p. 22):

A Amazônia desde que fora “descoberta” pelos europeus, foi cenário de histórias mitológicas que a descreviam como o Paraíso Perdido, o El-Dourado, a Fonte da Juventude. Também foi palco de guerras; de escravidão; de disputas políticas e territoriais; de desenvolvimento econômico, como o período da borracha, quando houve intensas imigrações como a nordestina; de exploração em massa das riquezas naturais, como as “drogas do sertão”, da implantação da navegação a vapor e de desigualdades sociais.

O segundo objetivo dos Cinque é marcado por desilusão, pois aportaram em terras brasileiras, mais especificamente no interior do estado do Amazonas, no declínio do período áureo da borracha. No tocante à relação conturbada vivida no sul da Itália por disputas de terras, pouco se sabe sobre essa questão. Menezes (1998, p. 9) é categórica ao afirmar “que o casal Vicente e Sarah Cinque, estava entre essas questões de vida e morte e o sangue não tardou a jorrar”. Sabe-se que as famílias envolvidas nessa disputa, além dos Cinque, eram os De Benedetto, os Bello e os Verderosa. É certo, todavia, que:

[...] os dados sobre o que teria se passado não são muito claros, e pesquisas feitas por familiares dos Cinque junto à embaixada italiana no Brasil não elucidaram bem esse passado sombrio. [...] irmã Leonilda, descendente dos Cinque, religiosa que foi morar em St. Louis, nos Estados Unidos, ao ser consultada sobre o recebimento de uma parte dos bens da família, dissera: “Não quero nem vê-la, pois nesse dinheiro há um preço de sangue!” (Menezes, 1998, p. 9).

Embora posteriormente essa disputa tenha dado uma trégua, é possível mensurar que marcou deveras a vida dos pais de Noemy Cinque. Vicente Cinque e Sarah de Benedetto

contraíram matrimônio em 11 de dezembro de 1905 em Sapri, Itália; Vicente com 26 anos e Sarah com 22.

Apesar da pouca idade, possuíam determinação e persistência características dos italianos, o que os levou a imigrar para o Brasil, logo após o casamento, e alcançar grande prosperidade no estado do Amazonas (Positio 2007, II).

A região que escolheram para morar era marcada, sobretudo, pela natureza tempestuosa que provocava constantemente enchentes no rio Amazonas, causando destruição de casas e criação de animais dos moradores. É possível considerar que os Cinque não mediram esforços para enfrentar os obstáculos em busca de uma vida melhor. Naturalmente, essa mesma tenacidade foi herdada por Noemy. Menezes (1998, p. 11) afirma que a família Cinque era conduzida pela “têmpera dominante de Vicente” e pelo “trabalho silencioso de Sarah”.

**Figura 1** – Sarah e Vicente Cinque



Fonte: Positio, Volume II.

Burke (2017, p. 24) afirma que as “imagens nos permitem imaginar” o passado de forma mais vívida. Sob essa perspectiva, é possível afirmar que a fotografia do casal enseja essa “tempera dominante” do senhor Vicente e a submissão da senhora Sarah, que parece não dispor de autoridade suficiente para encarar a máquina fotográfica tal qual seu esposo. De semblante aparentemente pensativo e distante, Sarah certamente carrega as marcas de uma família em que o marido dita a palavra final.

A vida como imigrante em terras amazônicas certamente lhe proporcionara a paz de que não dispunha em sua terra natal. Mas, teve que enfrentar desafios, como a adaptação ao clima tropical, as doenças da floresta e a educação dos inúmeros filhos que viria a ter.

Embora não tenham experimentado de maneira profícua o período de ouro da borracha, os Cinque empreenderam no ramo dos seringais e conquistaram algumas posses e prestígio como empresários. Segundo relatos (apresentados na Positio) de moradores de Urucurituba que trabalharam com os Cinque, não existia violência nos seus seringais. Essa fala leva à percepção de que a violência e exploração eram comuns nos demais seringais daquele contexto (Positio II, 2007).

Com o declínio da comercialização da borracha no Brasil, a família precisou se reinventar nos negócios. Neste sentido, Menezes (1998) afirma que, em pouco tempo, os Cinque se tornaram um dos maiores produtores de cacau da região de Boca das Garças, interior do município de Urucurituba-AM, e, além disso, possuíam um comércio com proporções consideráveis no qual eram vendidos tecidos, açúcar, café e outros mantimentos.

Ao fazer memória sobre a trajetória dos avós, o senhor Orange Cinque afirmou:

*A única coisa que posso falar sobre eles é que foram de 1916 a 1954, quando meu avô faleceu, os maiores produtores e exportadores de cacau do Brasil, na Fazenda Boca das Garças, a fazenda ficava na entrada do Rio das Garças, no município de Urucurituba, estado do Amazonas (Cinque, 2023).*

As memórias do senhor Orange, expressas no recorte acima, nos possibilitam pormenorizar uma vez mais o que há pouco fora exposto: a têmpera dominante de Vicente. Além disso, apresenta o marco temporal do auge dos Cinque na região de Urucurituba – 1916 a 1954. As conversas posteriores, seguidas da análise acurada do documento do processo canônico de Serafina Cinque nos revelaram que esse fato narrado pelo senhor Orange não era, em hipótese alguma, “a única coisa” que ele poderia falar sobre os avós.

Ele se caracterizava, na verdade, como um guardião das memórias e da história da família Cinque. Contribuiu significativamente com o processo que visa a provar a santidade da professora Serafina, sua tia e madrinha. Afirmou em momentos posteriores já ter recebido inúmeras graças pela intercessão da religiosa.

A manchete abaixo, publicada em italiano, nos apresenta um recorte da dimensão do poderio e do prestígio dos Cinque:

**Figura 2** – Manchete de jornal italiano sobre os Cinque



Fonte: Arquivo da família.

Na primeira linha, em itálico, se lê: “Italianos no Norte do Brasil”; a segunda linha, por sua vez, destaca: “Estado do Amazonas.” O primeiro recorte afirma:

No extremo sudoeste deste Estado, na fronteira com a Bolívia e o Peru, fica o Território do Acre, a uma enorme distância do Atlântico - cerca de 4.000 quilômetros de navegação fluvial - em que vivem alguns raríssimos italianos. Destes Compatriotas que em terras tão distantes têm alto o nome da Itália, como dos poucos que vivem nos Estados do Piauí e do Maranhão, também dependentes do R. Consul de Belém, lamentamos não tratá-los neste volume por motivos de óbvia impossibilidade.

O trecho narra a realidade de alguns italianos no Norte do Brasil, fazendo menção àqueles que vivem no estado do Acre. A notícia enfatiza a localização da região e, para isso, destaca que se trata de um lugar “no extremo sudoeste” do Amazonas, “na fronteira com a Bolívia e o Peru”, estando a uma distância de “4.000 quilômetros de navegação fluvial”.

É possível inferir que o jornal retrata a realidade dos Cinque no estado do Amazonas e suas atividades comerciais. Destaca, ainda, que, por motivos óbvios, não poderia retratar a realidade dos italianos que viviam no Acre, bem como a realidade dos que vivem no Piauí e no Maranhão.

O recorte inferior da manchete apresenta o nome da empresa do senhor Vicente Cinque, em sociedade com o cunhado, Nicola De Benedetto. A manchete apresenta a empresa V. CINQUE & CIA. Comercio em Geral – Importação de Produtos do País como “uma das empresas mais importantes e bem avaliadas do estado do Amazonas”. Destaca, ainda, que a empresa “atua na compra e venda de produtos do país que exporta principalmente para o Pará e sul do Brasil, e possui uma loja de venda ao público de bens em geral que são trazidos diretamente de Belém”.

Segundo o jornal, “a empresa foi fundada em 1906 pelos senhores Vicente Cinque e Nicola, ambos nascidos em Sapri (Salerno)”. Apresenta informações sobre o percurso trilhado por Vicente até as terras amazônicas. Teria vindo “para a América no ano de 1895”, se estabelecendo, inicialmente, na Venezuela e, posteriormente, no Amazonas, se estabelecendo, finalmente, em Urucurituba, em 1906. Nicola, seu cunhado, teria feito um percurso diferente se estabelecendo, inicialmente, em São Paulo e, em seguida, em Urucurituba -AM.

Analisando as datas apresentadas na manchete, comparando-as com a data de casamento de Sarah e Vicente, é possível inferir que este imigrou para a Venezuela, mas retornou para a Itália para se casar com Sarah, no ano de 1905. No ano seguinte, partem para o Brasil. Sobre a quantidade de filhos que tiveram, há certa controvérsia nos documentos oficiais.

Deste casamento nasceram 12 (ou 13) filhos; o primeiro nasceu na Itália, dona Sarah foi visitar os pais justamente no período que deveria dar à luz o primogênito; os demais nasceram todos no Brasil, em Boca das Garças ou Manaus. (Positio II, 2007, p. 68).

O pouco tempo em terras brasileiras é marcado pelo nascimento do primeiro dos doze filhos do casal Sarah e Vicente Cinque. Segundo relatos do Sr. Orange Cinque, filho de Mario, o primogênito dos Cinque, seu pai: “Nasceu na Itália, mas em virtude de problemas com a família Bello, em Sapri, meu avô não o registrou na Itália, só no Brasil!” (Cinque, 2024).

E destaca ainda:

*Ano passado, minha prima Dione Morais Verderosa, de Belém, filha de pai Verderosa e mãe Cinque, esteve na Itália tirando a sua dupla cidadania e quando quis ir à Sapri para conhecer alguma coisa sobre as famílias Bello, Verderosa, Benedetto e Cinque, foi aconselhada não ir à Sapri porque as pessoas lá acham que só vão lá atrás de heranças! (Cinque, 2024).*

A fala do Sr. Orange reverbera o clima de insegurança que ainda paira entre as famílias Cinque, Bello e Verderosa em Sapri. Do mesmo modo, quando se reporta ao nascimento de seu pai, possibilita a tessitura de um panorama acerca dos desafios enfrentados por Sarah, a qual teve que encarar uma longa e difícil viagem para a Itália prestes a dar à luz e, poucos meses depois, retornar para o Brasil com uma criança recém-nascida para o interior da Amazônia.

Na sequência nascem Noemy, José Orestes, Aura, Miguel Atilio, Yolanda, Umberto, Renato, Marieta, Angelina, Jiulieta e Silvio. Segundo informações contidas no volume II da *Positio*, a data de nascimento de todos os filhos não é muito clara, haja vista a impossibilidade de acesso às certidões de nascimento. Sabe-se, contudo, que as irmãs Marieta, Angelina e Jiulieta faleceram quando tinham 20 anos de idade (Positio II, 2007).

Segundo Menezes (1998, p. 12) , “Mario sendo o mais velho, foi enviado, ainda adolescente, para estudar, e todas as esperanças de negócios brilhantes se concentraram em Noemy”, que, por sua vez, não tarda a seguir os passos do irmão mais velho rumo à capital do Amazonas para concluir os estudos.

Os relatos que compõem o *corpus* documental das duas unidades da *Positio* nos permitem compreender os pormenores da família Cinque. Raimunda Vieira, testemunha no processo, afirma:

Lembro-me da sua grande casa paterna, com muitos quartos, onde as crianças brincavam. Os Cinque tinham uma plantação de cacau, uma padaria, uma loja onde vendiam açúcar, pirarucu (um tipo de peixe chamado bacalhau da Amazônia) e café. Eles tinham uma Lancha (barco médio) para transportar os produtos (...). **Vicente era um pouco duro com os filhos, mas cuidava muito bem das filhas. Sarah era gentil e doce** (Positio II, 2007, p. 84, grifos nossos).

O relato acima, além de alargar nossa compreensão acerca das atividades comerciais desenvolvidas pela família, reforça algumas características de Vicente e Sarah. Essa característica mais rude de Vicente veremos que se reafirma inúmeras vezes nas falas dos próprios filhos.

Embora apresentasse mais simpatia com as filhas do que com os filhos, Vicente se apresenta, em determinado momento da infância de Noemy, deveras impaciente com suas travessuras e, em um segundo momento, quando esta lhe apresenta o desejo de ser religiosa, lhe responde aos gritos toda vez que a escuta tocar no assunto.

### 3.2 A infância

A infância de Noemy é traçada por muitas marcas que vez ou outra aparecem de forma bastante evidente ao longo de sua vida, sobretudo às questões relativas à sua saúde frágil, agravadas pela amamentação precária que recebera.

Nasceu em 31 de janeiro de 1913, de um parto um tanto quanto desafiador em todos os sentidos que esse termo possa comportar. Noemy passa seus primeiros anos de vida sob os cuidados de terceiros, haja vista o adoecimento de sua mãe tão logo a menina tenha nascido e o empenho do pai com os negócios da família (Menezes, 1998).

Seu relato autobiográfico escrito em terceira pessoa corrobora os fatos narrados acima:

Seu nascimento foi muito trabalhoso sem a ajuda de um médico, com a consequência de a mãe ficar com as faculdades mentais perturbadas. A menina, no dia seguinte ao seu nascimento, teve que ser afastada da mãe e confiada a uma mulher que, sem experiência em cuidar de um filho recém-nascido e sem higiene, levou a menina a um estado de atrofiamento que quase não tinha forma humana (Positio II, 2007, p. 79).

Estes relatos autobiográficos foram escritos por Noemy já como religiosa por ordem de suas superiores como parte do seu processo formativo na congregação das Adoradoras do Sangue de Cristo. O fato de escrever em terceira pessoa, talvez, signifique humildade da religiosa em não querer fazer desse momento uma espécie de palco para aparecer, ou para justificar certos comportamentos e atitudes (Positio II, 2007).

É interessante salientar que é possível perceber à luz do volume II da *Positio* que a atenção desenvolvida por Noemy tempos mais tarde como enfermeira<sup>4</sup>, principalmente no trabalho com as grávidas, é marcada por suas vivências desde a infância das realidades de sofrimento. Noemy, além de ter experimentado na própria pele os sofrimentos de um parto e pós-parto difíceis, certamente acompanhou as dificuldades da mãe com diversas gestações em meio a um contexto precário.

O fato é que os desafios enfrentados pelos Cinque naquele contexto eram hercúleos e são profundamente emblemáticos para a história de vida de Noemy. Segundo Freitas (2019, p. 199): “desnutrida, Serafina cresceu franzina, raquítica e adoentada, o que demandou atenção dos pais e irmãos”.

Noemy se autodescreve como:

[...] uma criança delicada, a quem foi dada toda a atenção, tanto que se tornou viva; e tendo dois irmãos e sendo, com razão, a irmã do meio, aprendeu a gostar de todas as brincadeiras infantis: jogar futebol, subir em árvores, empinar pipa; e por isso recebeu muitos castigos e surras de sua mãe (Positio II, 2007, p. 88).

Neste recorte autobiográfico, é possível inferir que a relação com os irmãos era agradável. No entanto, fica evidente que a figura de Sarah, há pouco apresentada como “gentil e doce”, parece se transformar, imprimindo certo grau de rigidez, na tentativa de disciplinar a filha.

Segundo os estudos de Menezes (1998) , quando a menina Noemy retorna aos cuidados dos pais, após um período com uma ama de leite, dá-se início a um tempo marcado, sobretudo, por peraltices e por um “temperamento vivaz e irrequieto”.

Aura Cinque, irmã de Noemy, confirma esse fato. Segundo ela: “Noemy, era muito inquieta e turbulenta” (Positio II, 2007, p. 32). Parece conveniente salientar que as travessuras a que Noemy é deveras acusada de praticar não passam de atividades triviais da infância. Segundo os relatos da testemunha Raimunda Vieira, Noemy “era uma criança humilde, não desprezava os caboclos apesar de sua boa situação financeira” (Positio II, 2007, p. 90).

---

<sup>4</sup> Adquire o título de enfermeira prática pelo Departamento de Saúde do Amazonas, no ano de 1943.

A menina cresceu em um ambiente que lhe proporcionava o contato com pessoas de diferentes classes sociais. A fazenda Boca das Garças era referência na região e por ali passavam tanto pessoas mais simples em busca de trabalho, como pessoas da alta sociedade que tinham relações de amizade, ou relações comerciais com o pai de Noemy.

Estas características parecem se estender por toda a vida de nossa sujeita de estudo. O mergulho profundo em seu processo de beatificação nos possibilita o contato com inúmeros relatos semelhantes ao da senhora Ighes de Vasconcellos Dias, que afirma: “sempre fiquei fascinada pela atenção que ela dava à pessoa humana” (Positio II, 2007, p. 210).

Trazer à luz essas características de Noemy se configura como atividade fundamental para compreendermos suas práticas educativas e a filosofia da educação que lhe possibilitava embasamento.

Retomando aos aspectos mais emblemáticos de sua infância, reiteramos a mesma dificuldade enfrentada por Menezes (1998) em encontrar maiores registros acerca desse período. Até o começo da adolescência de Noemy, pouco se sabe: não há, por exemplo, fotografias e maiores detalhes.

Encontra-se apenas os relatos autobiográficos escritos em terceira pessoa já na fase adulta como religiosa, como há pouco destaquei, e algumas falas de testemunhas que conviveram com Noemy contidas no documento de beatificação.

Sabe-se que as primeiras aulas ela recebe em casa por professores particulares. É conveniente destacar que:

Devemos supor, porém, que esses professores de uma cidade tão pequena e tão distante do centro, como Urucurituba, não deviam estar muito bem preparados; daqui entendemos uma certa dificuldade que Noemy sempre expressou em relação à gramática da língua portuguesa. Além disso, os pais italianos não precisavam falar português corretamente e certamente falavam italiano em casa. Também por isso, além de melhorar o comportamento de Noemy, os pais colocaram a filha em um internato em Manaus (Positio II, 2007, p. 74).

Noemy recorda que até os 12 anos ainda brincava com seus irmãos com todos os tipos de brincadeiras pertinentes à sua idade e, segundo afirma em sua autobiografia, esse é um dos motivos pelos quais o pai resolve matriculá-la em um colégio interno na capital. Ao se reportar ao momento em que é levada ao internato das irmãs Dorotéias, na cidade de Manaus, recorda que vivenciou um misto de alegria e espanto.

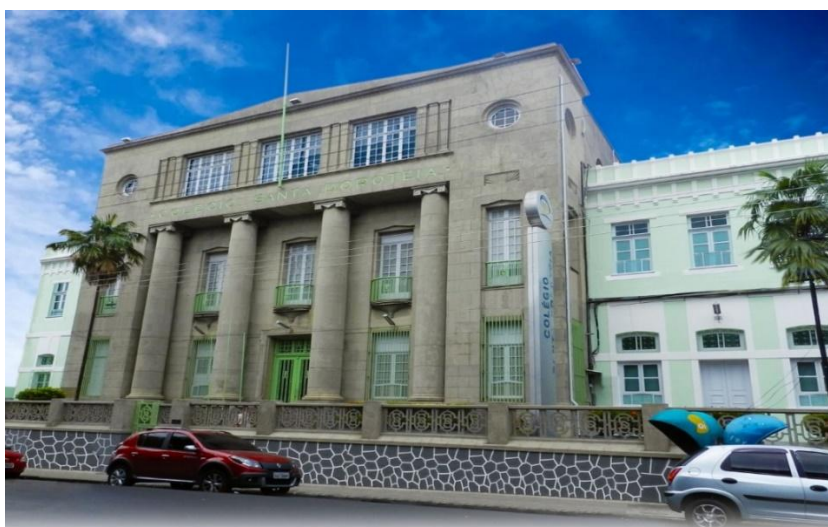
A garotinha estava feliz. Ela nunca tinha saído de Urucurituba e foi um acontecimento ir morar em Manaus. Ao chegar ao colégio viu pela primeira vez uma freira, vestida toda de preto, tão diferente do que imaginava. Foi uma surpresa (Positio II, 2007, p. 88).

Como ela mesma afirma, surpresa maior ainda estava por vir.

Uma surpresa ainda maior, porém, foi o que aconteceu depois da partida do pai: ele explicou à freira que aquela menina estava inquieta, terrível; era uma história completa e, assim que ele saiu, a freira o acompanhou até um armazém muito escuro, um armazém de malas, e disse-lhe: "Este é o lugar onde ficam as safadas; elas dormem aqui, e aqui está cheio de demônios". Foi um medo terrível, mas um remédio eficaz para mudar o comportamento da menina; já não era possível que ela fosse a mesma menininha inquieta (Positio II, 2007, p. 88).

Evidentemente que o prestígio de uma instituição como o colégio das irmãs Dorotéias jamais permitiria um tratamento semelhante às suas internas. Se percebe na fala da religiosa uma tentativa de impor respeito. Este fato molda o comportamento da menina.

**Figura 3** – Fachada do Colégio Santa Doroteia, Manaus-AM



Fonte: <https://doroteiasbrasil.org/csdmanaus>.

O colégio está em atividade na capital do estado do Amazonas desde 07 de outubro de 1910. Oferece uma educação confessional católica alicerçada na pedagogia das irmãs Dorotéias que ensina os “princípios cristãos, visando promover o respeito e a valorização da vida” (Doroteias Brasil).

Fundada em 1834, pela italiana Paola Ângela Maria Franssineti (Santa Paula Frassinetti), a congregação atua em colégios, realidades sociais carentes e nas paróquias. No Brasil, desenvolve suas atividades nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Goiás, Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Paraíba.

A perspectiva da pedagogia Dorotéia destaca o papel crucial das mulheres na criação de um ambiente familiar e social fundamentado em princípios cristãos. Para Costa (2014, p. 132):

[...] essa esposa e mãe de família formada nos moldes cristãos não seria apenas importante pela sua função social no seio familiar, mas, principalmente, por seu papel de educadora do lar e regeneradora da sociedade. Portanto, o lar doméstico governado

por uma mulher cristã seria o centro disseminador da luz que iria transformar a sociedade.

É neste sentido que as mulheres são formadas como “regeneradoras da sociedade”. A missão das Dorotéias consiste, portanto, em “evangelizar através da educação com preferência pela juventude e pelos mais pobres” (Constituições, art. 26. *apud* Congregação de Santa Dorotéia do Brasil, 2003, p. 46).

Outro ponto digno de destaque na pedagogia das escolas Dorotéias são as habilidades que as religiosas desejavam desenvolver nas educandas a partir do estudo das ciências humanas que deveria, entre outras coisas:

Limitar-se a ensinar as educandas o que convém a uma pessoa chamada a viver cristãmente no mundo, segundo as circunstâncias do seu estado e condição. Por isto, além do estudo da leitura e da escrita, que convém a todos, se lhes dará alguns conhecimentos elementares de gramática, história, geografia e aritmética. Não se descuidava de cultivar-lhes a memória, fazendo-as aprender cuidadosamente o que mais importa saber para o modo de proceder na vida e para ornamento da boa sociedade (Constituições, 1999, p. 66).

A essência dessa pedagogia busca desenvolver muito mais que a mera instrução. Privilegia, sobretudo, a consciência clara dos fundamentos daquilo que é ensinado para, conseqüentemente, construir uma educação precisa, direta e eficiente.

Para assumir uma classe, não é suficiente ser instruídas, mas é necessário ainda conhecer perfeitamente os fundamentos das coisas que se ensinam, a fim de estar prevenidas para explicá-los às alunas, com brevidade, clareza e precisão (Constituições, 1999, p. 71).

É possível perceber, portanto, que a escolha dos pais de Noemy pela instituição Santa Dorotéia, um internato de aclamada fama, dada a experiência das religiosas na educação, não se deu por acaso. O pai sabia o prestígio da instituição e, dado o investimento que estava realizando na educação da filha, esperava que as religiosas Dorotéias lhe impusessem bons costumes e lhe abrissem possibilidades para que a menina Noemy se tornasse uma mulher com um perfil diferenciado.

Orange Cinque, testemunhando ao processo de beatificação, ratifica estes fatos:

O Sr. Vicente pedia às freiras que fossem muito exigentes [...] acreditando que o seu temperamento vivo e extrovertido não era adequado a uma jovem, especialmente num período em que as mulheres eram completamente submissas e a autoridade paterna era absoluta, sem possibilidade de disputa. Contudo, estas freiras conseguiram conquistar o coração da Serva de Deus a ponto de formar o seu caráter, personalidade e prepará-la para uma belíssima vida religiosa (Positio II, 2007, p. 89).

O que o pai de Noemy não esperava era que o contato da menina com as religiosas lhe provocaria o desejo de consagrar-se inteiramente à vida religiosa. Este fato se dá, segundo relatos da própria Noemy, no processo de preparação para a primeira eucaristia, quando as

religiosas lhe falam do sofrimento vivido por Cristo. Noemy decide, portanto, “seguir Jesus, sofrendo e lutando por seu amor” (Positio II, 2007, p. 88).

Essa experiência e decisão marcou profundamente a vida de Noemy. Tendo herdado do pai o ímpeto forte, resistiu a todas as forças contrárias à realização deste ideal: soube esperar pacientemente, mas precisou guardar por mais de 20 anos esse desejo que nascera no desabrochar da adolescência.

A manifestação da vocação de Noemy encontrou a recusa de Vicente e Sarah, que decidiram retirar a filha do colégio Santa Doroteia “para que ela esquecesse a mania de ser religiosa”, como ela mesma disse na entrevista à Irmã Evelina Trindade. Posteriormente os pais da adolescente decidiram adquirir uma casa em Manaus, para que Noemy pudesse continuar seus estudos em uma escola pública. Donna Sarah também ia com outras crianças para estudar na cidade. Era o ano de 1927 e Noemy tinha 14 anos (Positio II, 2007, p. 88).

Silvio Cinque, irmão mais novo, ao visitar suas memórias acerca da infância, é enfático, ao afirmar: “as lembranças da infância estão bem gravadas em minha mente, por isso me lembro bem de ver meu pai gritando com Noemy, muito zangado porque ela queria ser freira” (Positio II, 2007, p. 35).

Freitas (2019, p. 199) recorda que Noemy:

Por dois anos, permaneceu no internato e, durante as férias em casa, no interior do Amazonas, comunica aos pais o desejo de se tornar religiosa. A notícia foi recebida com contrariedade, sendo esta a causa de sua transferência para um Instituto de Educação do Estado do Amazonas.

Anos mais tarde, os trilhos seguidos por Noemy evidenciam aquilo que seus pais se recusaram a acreditar, isto é, que a menina havia mesmo descoberto a vocação para a vida religiosa e que não se tratava apenas de “mania” pela convivência com as Dorotéias.

### 3.3 Adolescência

Na adolescência, ainda como estudante na capital do Amazonas seu comportamento continua a irritar seu pai não somente por conta de sua insistência em se tornar religiosa, mas também pela sua generosidade para com os pobres. Em alguns momentos, seus familiares mais próximos chegam a acreditar que as atitudes de Noemy beiram à loucura.

Estes fatos podem ser observados nos relatos de sua irmã Aura Cinque:

Quando nós, os filhos mais velhos, residíamos em Manaus para estudar, Noemy deu seu salário para uma menina que queria ser freira e teve que se preparar. Ela tinha uma grande caridade para com os pobres, dava seu dinheiro para quem precisava e não

tinha dinheiro e depois veio me pedir. Ela queria um aumento, mas o pai não quis dar a ela porque sabia que daria tudo aos pobres (Positio II, 2007, p. 206).

Silvio, irmão mais novo corrobora:

Lembro perfeitamente que meu pai gritou com ela, em Urucurituba e em Manaus, porque tudo que ela tinha ela dava para os pobres. O meu pai era da opinião que se devia dar, mas a minha irmã também dava o que precisava (Positio II, 2007, p. 206).

A fala de Silvio nos leva à compreensão de que Noemy doava para os pobres até mesmo aquilo que ela precisava para a sua subsistência; valores oriundos da mesada que o pai lhe repassava. É interessante a percepção desse fato ainda na adolescência de Noemy, pois nos faz perceber a vivacidade do seu lema de consagração à vida religiosa anos mais tarde e, naturalmente, seu trabalho como educadora: “Servir desinteressadamente!” (Trindade, 1998).

O senhor Orange especifica, de maneira mais pormenorizada, os gastos de Noemy com os pobres: “quando meu avô vinha para Manaus, muitas vezes a repreendia porque gastava todo o seu dinheiro mensal comprando sapatos e tecidos para os pobres do bairro” (Positio II, 2007, p. 207). Rocilda De Benedetto, sua prima, afirma: “Antes mesmo de ser internada, ouvi nossos familiares dizerem que ela se preocupava demais com os pobres, os doentes e os solitários” (Positio II, 2007, p. 207).

Essa atenção à pessoa humana é uma característica natural de nossa sujeita de estudo e pode ser comprovada por inúmeros relatos. Para a senhora Ighes de Vasconcelos:

Ela não concordava com o ditado: “Uma planta que nasce torta morre torta”. Ela tentou descobrir o que havia de bom na pessoa e valorizou isso. Ela não concordou com a frase que repetimos muitas vezes: “Não vale a pena consumir velas para um falecido mau”. Nisto Noemy foi uma pioneira desta nova filosofia de vida (Positio II, 2007, p. 211).

Noemy vivenciava uma filosofia de vida marcada nas microrrelações cotidianas. Seu ímpeto forte a fazia ser determinada. Acreditava, sobretudo, na possibilidade de mudança, por isso investiu tempo, dinheiro e suor nas atividades que desenvolvia e nas relações que construía.

Como estudante, Noemy apresenta um perfil de curiosidade. Carrega em si naturalmente um sentimento de inquietação; deseja constantemente se lançar em direção a algo que a complete e que ganhe o sentido de sua vida. Esse desejo pelo conhecimento é sagaz, mas não se aplica a todas as áreas e apresenta alguns altos e baixos, conforme veremos adiante, ao analisarmos alguns de seus boletins escolares.

A transferência repentina do Colégio Santa Dorotéia<sup>5</sup> (1928) para uma escola pública do estado, o Instituto de Educação do Amazonas, se torna fato emblemático para Noemy. Seu período de estudos neste instituto vai de 1929 a 1933. Segundo ela:

Depois de dois anos no internato, durante as férias, voltei para casa, para o interior. Perto do final das férias, expressei aos meus pais o desejo de ser religiosa, o que foi recebido com oposição e foi a razão pela qual nunca mais voltei ao internato. Para continuar os estudos, visto que tinha de frequentar o ensino secundário, fui obrigada a frequentar o Instituto Estadual de Educação (Positio II, 2007, p. 137).

No Instituto de Educação do Amazonas, uma das escolas públicas mais antigas do estado, Noemy conclui seus estudos e se habilita como professora normalista. É conveniente salientar que:

Até à década de 1960, a Escola estava dividida da seguinte forma: **Primário: 5 anos. Ginásio: 4 anos, ou Normal Regional - 4 anos**, mais 1 ano de especialização, com o mesmo valor do Ginásio, e que dava direito a lecionar no ensino fundamental. Irmã Serafina, portanto, não frequentou o Ginásio mas, no Instituto Educacional, o Curso Normal Regional (Positio II, 2007, p. 174).

De acordo com Freitas (2019), o instituto foi fundado com a premissa básica de suprir a demanda da formação de professores. Os quadros abaixo foram construídos a partir de informações encontradas no volume II da Positio e apresentam um recorte da trajetória estudantil de Noemy.

**Tabela 1** – Notas da primeira série

| <b>1ª SÉRIE</b>       |    |
|-----------------------|----|
| Português             | 6  |
| Francês               | 8  |
| Geografia             | 7  |
| Aritmética            | 4  |
| Desenho               | 7  |
| Trabalhos Manuais     | 10 |
| Canto, Coral e Música | 4  |
| Educação Física       | 5  |

Fonte: Positio Volume II.

<sup>5</sup> É conveniente salientar a divergência das datas referentes ao período em que esteve no internato das Dorotéias. Conforme é possível verificar em seus registros autobiográficos, são destacados dois anos, e Freitas (2019) corrobora essa narrativa. Contudo, a análise pormenorizada do volume II da Positio apresenta a informação de que Noemy esteve no colégio Santa Doroteia de 1924 a 1928.

Os registros dessa primeira série chamam atenção pelo alto desempenho em um único componente curricular, sendo ele a disciplina de Trabalhos Manuais. Esse fato mostra o caráter prático da jovem Noemy. Outro ponto digno de nota é o baixo desempenho no componente curricular voltado para as artes do canto, coral e música e para a Aritmética.

**Tabela 2** – Notas da segunda série

| <b>2ª SÉRIE</b>       |   |
|-----------------------|---|
| Português             | 5 |
| Francês               | 4 |
| Geografia             | 8 |
| Aritmética            | 4 |
| Desenho               | 4 |
| Trabalhos Manuais     | 4 |
| Canto, Coral e Música | 7 |
| Educação Física       | 5 |

Fonte: Positio Volume II.

A segunda série nos apresenta uma variação de médias com queda expressiva de rendimento na disciplina Trabalhos Manuais, acompanhada de baixo rendimento nas disciplinas de Aritmética, Francês, Desenho e Canto, Coral e Música.

**Tabela 3** – Notas da terceira série

| <b>3ª SÉRIE</b>         |   |
|-------------------------|---|
| Português               | 4 |
| Francês                 | 5 |
| Álgebra                 | 4 |
| Geometria plana         | 4 |
| Física e Química        | 4 |
| História da civilização | 4 |

|                                        |   |
|----------------------------------------|---|
| Música e Canto Coral                   | 5 |
| Trabalhos manuais e Educação doméstica | 6 |
| Desenho                                | 4 |
| Educação física                        | 5 |

Fonte: Positio Volume II.

Se percebe uma pequena melhora na média da disciplina de língua estrangeira e canto coral e música. Seu rendimento em língua portuguesa apresenta uma queda brusca. Segundo Menezes (1998), Noemy sempre apresentou dificuldades com a gramática da língua portuguesa e talvez a razão para tal fato esteja no convívio, quando criança, com os pais italianos que, ora falavam seu idioma original, ora tentavam dominar o português, misturando naturalmente expressões dos dois idiomas.

Nas disciplinas da terceira série, como Geometria plana, Física, Química e História da civilização, Noemy apresentava um baixo rendimento. Esse baixo rendimento parece encontrar explicação na nova realidade da educação recebida na capital, bem diferente daquela vivenciada no interior do estado, ou na mudança tão brusca de uma escola confessional para a escola pública. Há a possibilidade ainda de Noemy não ter interesse por esses conhecimentos.

**Tabela 4** – Notas da quarta série

| <b>4ª SÉRIE</b>         |   |
|-------------------------|---|
| Português               | 4 |
| Literatura              | 5 |
| História natural        | 6 |
| Geometria no Espaço     | 4 |
| Física e Química        | 5 |
| Pedagogia               | 4 |
| História da Civilização | 4 |
| Música e Canto Coral    | 6 |
| Educação física         | 4 |

Fonte: Positio Volume II

Na quarta série, o baixo rendimento em língua portuguesa persiste e se apresenta também nas disciplinas de geometria e educação física. Não se percebe nesse ano nenhuma média expressiva. Sua nota de maior rendimento é 6.

**Tabela 5** – Notas da quinta série

| <b>5ª SÉRIE</b>                      |   |
|--------------------------------------|---|
| História Natural                     | 7 |
| Noções de higiene e cuidados médicos | 8 |
| Noções de cosmografia                | 6 |
| Psicologia                           | 9 |
| História do Brasil                   | 5 |
| Metodologia                          | 5 |
| Educação física                      | 4 |

Fonte: Positio Volume II.

A quinta série nos chama atenção para a média do componente curricular de psicologia e higiene e cuidados médicos. A maturidade física e intelectual da jovem Noemy parece apontar caminho para onde ela iria gastar parte significativa de sua vida posteriormente.

É impossível passar despercebido seu rendimento no componente de educação física que encerra sempre alternadamente as notas 5 e 4. Este fato se explica provavelmente pelas suas condições de saúde frágil que se apresenta ao longo de toda a vida como uma questão que requer atenção particular.

É fato que a mudança forçada para o Instituto de Educação do Amazonas lhe deixou marcas profundas. É possível inferir que o distanciamento das religiosas que tanto lhe ensinaram e fizeram desejar a vida religiosa e dos princípios e valores cristãos que constantemente lhe inflamavam o coração, bem como o distanciamento das amigas que cultivou ao longo dos intensos anos de formação e convívio, influenciou, em certa medida, o seu rendimento escolar no período inicial no instituto.

Em seus registros autobiográficos, ela destaca seus momentos iniciais na nova escola: “Os primeiros dias foram muito difíceis, professores materialistas, companheiros de todas as classes sociais e de todas as formações, mas com muita confiança em Deus, venci” (Positio II, 2007, p. 137).

É interessante, aliás de fundamental importância, destacar que o fato de enfatizar a percepção de “companheiros de todas as classes sociais e de todas as formações” não se caracteriza como uma expressão elitista, haja vista a familiaridade de Noemy com pessoas de todas as classes sociais na fazenda Boca das Garças e seu cuidado para com os mais necessitados (Positio II, 2007).

Parece ser digno de nota, neste recorte autobiográfico, sobretudo, o destaque que ela dá a seus novos professores como sendo “materialistas” e a força de seu temperamento, expressa na afirmação de que “com muita confiança em Deus, venci”. Certamente há uma diferença abissal na comparação da educação oferecida pelo internato das Dorotéias, pautada em uma pedagogia cristã, com a nova realidade enfrentada por Noemy na escola pública de ensino laico e liberal.

O que ela caracteriza como “professores materialistas” pode ser interpretado como uma prática educativa distanciada de valores cristãos, não havendo nenhuma preocupação com ensinamentos de cunho catequético e espiritual. Esse fato certamente fez toda a diferença para Noemy, que estava acostumada com uma educação intrinsecamente voltada ao desenvolvimento de virtudes morais e espirituais.

Sobre estes valores, é digno de nota que Noemy jamais os relegou. Reforça em sua autobiografia a sua rotina religiosa:

Os domingos eram sempre dedicados à catequese nas igrejas, especialmente na de S. Sebastião, que era a nossa paróquia. Nessa época, mais ou menos em 1930, a família veio morar definitivamente em Manaus, pois os demais filhos também precisavam frequentar a escola (Positio II, 2007, p. 137).

Ao narrar sua rotina aos domingos, expressa, nas entrelinhas de sua fala, sua inclinação à docência. A atividade catequética desenvolvida pela jovem diz respeito aos ensinamentos básicos da fé católica, voltados para crianças e adolescentes na preparação para a primeira eucaristia.

É de supor que esse momento tenha um significado para Noemy, uma vez que, ao trilhar esse mesmo caminho com as religiosas do internato, sentiu em seu coração o desejo intenso de se consagrar inteiramente como religiosa. Sobre sua convivência no Instituto de Educação do Amazonas, é possível afirmar:

Ela procurou um meio de fortalecer o seu espírito religioso mesmo no ambiente “pagão” da grande escola pública; fez amizade com quatro companheiras com quem sentia uma harmonia de sensibilidade religiosa e que, como ela, aspiravam à vida consagrada, independentemente de serem chamados de “beatas”, ou seja, fanáticas, pelos seus companheiros porque não participavam das festas, não tinham namorados e evitavam ao máximo os excessos juvenis (Positio II, 2007, p. 128).

Muito embora se destaque esse comportamento da jovem Noemy no ambiente da escola pública, Aura Cinque, sua irmã, relembra as possibilidades de namoro que Noemy teve na juventude, mais especificamente no começo de sua carreira na docência:

Nesse período apareceu um jovem chamado Antônio e passou a acompanhá-la quando ela ia dar aula na escola à noite. Ele se apaixonou por ela e foi insistente. Não sei, mas parece que Noemy já estava começando a se interessar por ele; não posso dizer com precisão e certeza, mas seus pais o obrigaram a se casar com uma garota com quem ele teve um caso: ele a engravidou. Um amigo de Noemy testemunhou o casamento do jovem em São Sebastião e contou a Noemy. Ela apenas respondeu: “Graças a Deus; foi muito chato”. Tinha também outro garoto que estava cortejando Noemy, ele era lindo, mas não continuou, não sei porque (Positio I, 2007, p. 33).

A beleza de Noemy certamente chamou atenção de inúmeros pretendentes. Contudo, à luz das falas das testemunhas oculares e dos documentos oficiais, é possível afirmar que o seu comportamento sempre esteve voltado para um lado mais reservado no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. Esse fato certamente se explica pelo seu desejo de ser religiosa, que persistiu durante toda a sua juventude.

**Figura 4** – Noemy Cinque na juventude



Fonte: Arquivo ASC.

Não é possível precisar a idade exata de Noemy nesse registro, mas é possível supor que, a essa altura, já tenha terminado seu curso de professora normalista no Instituto de Educação do Amazonas. Observa-se, neste sentido, uma jovem de semblante calmo, porém firme, e cabelos curtos, como veremos na maioria das fotografias que retratam o período de sua juventude.

Esse período parece ser marcado por uma fase de maior preocupação com a estética. Este fato parece refletir o padrão de elegância à época, como é possível perceber em outros registros do mesmo período. Ir. Ivone Freitas, ao visitar suas memórias acerca de nossa sujeita de estudos, afirma:

*[...] era uma mulher de estatura alta, elegante, simples, alegre de uma simpatia que atraía a todos com seu jeito de ser. Uma pessoa de um coração simples e generoso, não era de falar alto, porém a sua fala encantava a todos* (Freitas, 2024).

Essa descrição revela um perfil de uma mulher carismática, gentil e humilde, cuja presença era cativante. Sua elegância e simplicidade combinadas com sua alegria e generosidade deixavam uma marca positiva nas pessoas com quem interagiu.

**Figura 5** – À esquerda Aura Cinque, no centro Noemy, à direita Yolanda Cinque



Fonte: Arquivo ASC.

A elegância de Noemy se reflete na sua indumentária e postura. O mesmo padrão se repete nas irmãs mais novas, à esquerda, Aura, e, à direita, Yolanda. É possível perceber que as três irmãs apresentam um corte de cabelo semelhante, fato que pode ser explicado, ou pela influência de Noemy no comportamento das irmãs mais jovens ou pelo padrão de beleza vigente à época.

Retomando o período que passou no Instituto de Educação do Amazonas Freitas (2019, p. 200), afirma:

Neste instituto, permaneceu até concluir o Curso de Professora Normalista. Ao finalizar os estudos, pede permissão ao pai para ingressar na vida religiosa; com a

discordância paterna, Serafina vê na profissão de professora o início de seu trabalho no apostolado.

O final do curso se dá em 1933, quando Noemy está com 20 anos de idade. Após esse período de formação, “foi necessário trabalhar para ajudar na educação dos outros irmãos” (Positio II, 2007, p. 138). Freitas (2019, p. 200) deixa claro um fato importante: “Serafina, vê na profissão de professora o início de seu apostolado”. Isso demonstra a conexão entre sua prática educativa e sua crença religiosa, evidenciando como sua atuação como professora está intrinsecamente ligada ao seu compromisso como cristã.

#### **4 TRILHAS FORMATIVAS: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Nesta seção, abordo a formação de Serafina Cinque, bem como a pedagogia e a filosofia da educação que sustentaram suas práticas educativas. Seguindo os passos de sua infância e adolescência, apresento aspectos de suas vivências na juventude como professora recém-formada e alguns percursos na vida religiosa. Essa conexão entre fé e educação moldou sua abordagem pedagógica, permitindo que ela integrasse princípios morais e religiosos em sua atuação na sala de aula antes mesmo de se tornar religiosa.

Como vimos nas seções anteriores, o percurso estudantil trilhado por nossa sujeita de estudos é marcado pelo seu interesse pelo conhecimento de ordem prática capaz de resolver diretamente as necessidades humanas.

A filosofia da educação pela qual fora formada no período em que estudou no Colégio Santa Dorotéia (1924 - 1928) lhe fez enxergar a vida e o ser humano de forma muito mais ampliada. Essa perspectiva, embora aponte eminentemente para uma prática, isto é, para a ação transformadora, se distanciava fundamentalmente de uma filosofia materialista ou meramente militante.

Havia nessa formação uma preocupação fundamental em desenvolver no estudante a capacidade de perceber e construir o mundo de maneira outra, e isto implicava reflexão, criticidade e, conseqüentemente, a construção de um pensamento autônomo.

A essência da formação religiosa de Noemy na congregação das irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo privilegiava a pedagogia do amor como aporte teórico-metodológico para a ação evangelizadora e educativa. Neste sentido, percebemos que a força da filosofia humanista pela qual Noemy foi formada, aliada a seus valores e experiências religiosas, lhe acompanharam por toda a vida.

#### 4.1 Jovem professora

Após receber o diploma de professora normalista, no ano de 1933, Noemy passa a lecionar no ano seguinte em Tabocal, um pequeno vilarejo pertencente ao município de Urucurituba-AM. Menezes (1998) destaca que, após terminar seu curso de magistério, a experiência em Tabocal com escola em casa de família ensinando português e matemática marca profundamente a carreira docente da professora Noemy.

Se destaca, neste sentido, que esse aceite para lecionar no interior se explica pela obrigatoriedade à época dos recém-formados adquirirem experiência nos pequenos vilarejos para posteriormente terem direito “a uma cadeira na cidade” (Menezes, 1998, p. 15).

Noemy afirma que “as aulas eram ministradas em uma pequena sala que servia, ao mesmo tempo, de residência” (Positio II, 2007, p. 138). Na sequência, em 1936, é transferida novamente. Leciona por um ano no vilarejo em que nasceu, Boca das Garças, fato este que lhe “possibilita muitas alegrias”, segundo afirma:

[...] era uma cidade com escola própria e uma pequena capela; podia exercer melhor a atividade de catequista. A igreja estava totalmente abandonada, servindo de abrigo para animais; depois, porém, mudou completamente de aspecto: todos os sábados e domingos, com as crianças e pessoas piedosas recitava o terço e dava algumas instruções religiosas. (Positio II, 2007, p. 138).

É digno de nota o fato de que seus registros autobiográficos apresentam, por vezes, conflitos entre as datas e os certificados que comprovam suas atividades profissionais. Tal fato, talvez, se explique pelo tempo tardio com que recorda e registra no papel sua trajetória profissional.

É sabido, contudo, segundo dados da *Positio II* (2007), que Noemy leciona em várias escolas em períodos próximos ou concomitantes. Passa a lecionar em 01 de fevereiro de 1935 no Grupo escolar Benjamim Constant, permanecendo nesta escola até 30 de outubro de 1936. No mesmo ano, é transferida para a escola Prefeito Chagas Aguiar, também na capital do estado do Amazonas.

De fevereiro a maio de 1937, leciona na escola Quinze de Novembro, na qual enfrenta um período turbulento em sua trajetória pessoal e profissional.

Estamos em anos de guerra e ela é filha de italianos, portanto italiana. O ódio que as pessoas têm contra os países do Eixo materializa-se na rejeição daqueles que, por nacionalidade, os representam em qualquer caso, mesmo que nada tenham a ver com tudo isto. Estes anos devem ter sido realmente duros e difíceis de suportar se, depois de cerca de 25 anos, ele ainda fala deles com tanta força de linguagem em alguns verbos que se sucedem de forma premente (Positio II 2007, p. 139).

A partir de maio de 1937, ministra aulas na escola São Geraldo. Estes anos seguintes são caracterizados por Noemy como “anos terríveis”, haja vista a turbulência dos anos de guerra.

Em 1941 fui transferida para outra escola, o "Grupo Saldanha Marinho": um período de grandes dificuldades por motivos políticos; sendo filha de italianos, fui acusada de fascista, perseguições, acusações de não dar aulas e sim ensinar Religião, proibição de dar aulas de Catecismo nas salas de aula, vigilância rigorosa. Então, três anos se passaram sob essa pressão terrível (Positio II 2007, p. 139).

É conveniente salientar que, segundo Bertonha (1997), a presença dos imigrantes italianos na América Latina foi um elemento fundamental que influenciou a política externa fascista, moldando as estratégias de Mussolini na região e contribuindo para a difusão e implementação dos ideais totalitários na sociedade brasileira e em outros países da América Latina. Neste sentido, o simples fato de ser italiano ou descendente de italiano era motivo para um tratamento de hostilidade, fato que Noemy deixa claro em seus registros autobiográficos.

Por um período de 3 anos, segundo ela afirma, passa sob essa vigilância rigorosa e acusação de ser fascista. Contudo, diferentemente das acusações de fascismo, o relato da senhora Adalgisa Serrão Cidade nos faz perceber o quanto Noemy buscava apontar caminhos e criar possibilidades de melhorias da qualidade de vida por meio da educação:

Conheci Noemy como professora. Ela queria me levar para estudar em Manaus, mas meu pai não me deixou ir, e eu pensei que era por amor, mas Noemy respondeu: “Se fosse amor, ele deixava você estudar”. Vi nisso o interesse dele em educar as pessoas! (Positio II, 2007, p. 146).

Noemy nutre certa inquietação frente à constatação do descaso na educação de crianças. Neste sentido, Ana M. Dias Fontes corrobora: “Eu senti que ela sentiu muita angústia ao ver as crianças sem ir à escola” (Positio II, 2007, p. 146). Isaurina de Jesus Maranhão que conheceu e conviveu com a professora Noemy por longo período afirma:

De uma simplicidade incomum. Era uma pessoa que tinha um sentido de organização e clareza muito grande no trabalho que realizava. Ela gostava de organizar festas para crianças e fazê-las felizes. Ele tinha a capacidade de incutir conhecimento e persuasão e tinha a sabedoria de Deus naquilo que fazia. O seu rosto esteve sempre sereno, apesar das inúmeras dificuldades que surgiram na sua missão (Positio II, 2007, p. 148).

Organização e clareza são características que, de fato, parecem definir muito bem nossa sujeita de estudo. Essa clareza, em alguns momentos, se expressava de tal modo que Noemy parecia enxergar muito além do que as pessoas de seu tempo. Roberval Rodrigues, que vivera na sua adolescência uma experiência marcante com a professora (e naquele contexto já religiosa), é enfático ao afirmar: “Irmã Serafina era uma profetisa!”.

Faz-se necessário trazer à baila a experiência do senhor Roberval para enfatizar como Noemy está preocupada em ampliar os horizontes de todos aqueles que encontrava e como acreditava que a educação era efetivamente o caminho. Seu encontro com o então adolescente Roberval Rodrigues se dá às margens do rio em Coari, quando ele está fatigado por carregar cargas pesadas para uma embarcação.

Na primeira oportunidade de diálogo, isto é, assim que o menino realiza uma pausa, a professora lhe dirige a palavra com tom imperativo afirmando: “Você não precisa viajar o tempo todo” (Supõe-se que o menino era tripulante da embarcação sendo encarregado, portanto, de carregar e descarregar o barco). “Tem que parar e estudar para preparar o seu futuro porque um dia você será um grande sucesso em Coari” (Positio I 2007, p. 185).

A força de suas palavras reverberara com tenacidade naquele adolescente. Sua matrícula no período noturno é realizada na escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro pouco tempo depois desse episódio, sendo o período diurno ocupado com um trabalho na cidade longe da rotina de carga e descarga de embarcações que lhe furtava o direito de estudar.

Tempos depois, o menino constrói uma carreira expressiva naquele município tendo se tornado prefeito, de 1982 a 1988, e sido reeleito, posteriormente, exercendo o cargo de 1997 a 2000. Desse modo, “em sinal de gratidão, durante seu primeiro mandato, mandou construir em Coari uma escola do primeiro ao quarto ano com o nome de “Escola Irmã Serafina” (Positio I 2007, p. 185).

Na imagem abaixo, é possível verificar que a escola criada por Roberval Rodrigues é, na verdade, um centro de educação especial.

**Figura 6** – Fachada do Centro de Educação Especial Irmã Serafina - Coari-AM



Fonte: Positio Volume II.

Atualmente, a escola que recebe o nome de Irmã Serafina no município de Coari-AM está localizada na Rua Padre Rafael, 1138 - Duque de Caxias, Coari-AM. Nos fatos narrados

acima, se percebe uma capacidade natural em Serafina Cinque para despertar a esperança. Esse fato é reafirmado na fala da entrevistada Lucenir Pereira que, ao visitar suas memórias buscando identificar aquilo que aprendeu com nossa sujeita de estudos, afirma:

*[...] Que é possível termos muita esperança. Que a gente não pode perder a esperança. [...] Então, ali vendo o trabalho dela, vendo que com pouco, ela fazia muito. Então, isso nos dá esperança e vontade de querer fazer. Que não precisa a gente ter dinheiro pra ajudar o nosso próximo. Porque às vezes a gente faz isso, né. [...] Então, digamos que ela correu atrás de quem tinha, de quem podia fazer. E foi isso que a irmã Serafina fez. E tanto que deixou, né, frutos até hoje, né, do trabalho dela. Então, a palavra é esperança. Que é possível, sim, a gente fazer algo. É possível, sim, a gente ajudar esse mundo a ser melhor. E isso eu aprendi com ela, com o trabalho convivendo, conhecendo (Pereira, 2024).*

Sobre o sentido da esperança, Freitas, Mileó e Parente (2021, p. 65) afirmam:

Por ela o homem se move e se supera. Ela é responsável por fazer brotar no íntimo do homem a sensibilidade do direito à liberdade e à libertação do corpo e da alma. Mas ao fazer isso, o homem também conhece a si-mesmo e a outrem; reconhece seu direito e o direito alheio. Sai da subserviência.

Nossa entrevistada, Irmã Socorro Rocha, descreve essa característica de nossa sujeita de estudo: “*Era uma Mulher de esperança, sonhadora, silenciosa, sensível a dor dos irmãos e irmãs*” (Rocha, 2024). Esse esperar surgia, por vezes, numa conversa amiga, em um aconselhamento, um acolhimento e nas suas ações concretas, como reporta a memória da entrevistada Lucenir Pereira: “*com pouco, ela fazia muito*”.

O fazer, isto é, a práxis, a ação, é uma naturalidade para Serafina Cinque. Não faz porque é obrigada, mas porque sente que é impossível ficar inerte ante as adversidades. Se percebe, portanto, que suas ações de assistência social e práticas educativas são fruto de uma inquietação profunda e genuína que anseia por transformação.

Retomando o itinerário da jovem Noemy pelas diversas escolas em que lecionou, vimos que, em 1937, na capital do estado do Amazonas, passa a lecionar novamente no instituto Benjamin Constant, importante centro de referência na educação no Estado. O instituto, segundo afirma Miki (2014), desde a sua criação em 1892 foi uma instituição educacional no estado do Amazonas com uma construção suntuosa, sendo mantido pelo estado, oferecendo “vestuário, alimentação e educação, na modalidade de internato, às alunas órfãs desvalidas” (Miki, 2014, p. 158).

A autora destaca ainda que:

Como uma instituição de caridade voltada para proteger a menina órfã, futura mãe de família, dentro dos princípios benéficos da moralidade, ciência e arte, o Instituto abrigou as contradições sociais de formação educacional à mulher pobre no

Amazonas, junto aos ideais da Igreja Católica e do Estado liberal republicano (Miki 2014, p. 176).

O trabalho educativo desenvolvido com as adolescentes órfãs no interior do instituto era de responsabilidade das irmãs da Congregação Filhas de Sant'Ana<sup>6</sup>. De acordo com Pimenta (2014), ao chegarem no Brasil estas religiosas encontraram:

[...] um país que vivia o fortalecimento das ideias abolicionistas, a consolidação das ideias republicanas, a divisão e as disputas entre Igreja e Estado, a expansão cafeeira, a chegada de imigrantes, a expansão das indústrias, o crescimento urbano e Belém despontava como principal rota de produção e comercialização do látex de borracha (Pimenta, 2014, p. 103).

As Filhas de Sant'Ana atuaram no estado do Pará em inúmeras instituições, dentre as quais é possível afirmar, segundo as pesquisas de Pimenta (2014): Hospital do Bom Jesus (1884); Hospital dos Alienados (1887); Leprosário do Tucunduba (1887); início do Primeiro Noviciado (1889); Hospital São Luís (1897); Orfanato Antônio Lemos (1898); Hospital Domingo Freire (1900); Asilo da Mendicidade Dom Macedo Costa (1902); Colégio Gentil Bittencout (1905); Colégio Santa Rosa (1932) e Hospital São Sebastião (1933).

Segundo Pimenta (2014), após se estabelecerem em Belém, as Filhas de Sant'Ana expandiram suas atividades para Manaus, Maranhão, Ceará, Rio de Janeiro e, posteriormente, para todo o território brasileiro. Em Manaus, aportam, em 1893, sob o convite do então governador Eduardo Ribeiro:

Com fim de melhorar a educação e instrução das orphas desvalidas recolhidas ao Instituto Benjamin Constant contractei quatro irmãs da ordem Diretora de S. Anna para se encarregarem da direcção do mesmo estabelecimento, tendo já conseguido, em pouco tempo, excellentes resultados com a direcção dada pelas irmãs. Julgo ter assim prestado melhores e mais reaes serviços á pobreza e á orphandade desamparada (AMAZONAS – Mensagem, 1893, p. 6).

Sabe-se que essa congregação administrou o Benjamin Constant até o ano de 1974. Portanto, todo o período que Noemy passou ministrando aulas no instituto, recebe a direção pedagógica dessas religiosas. A pedagogia do instituto, conforme é constatado por Miki (2014), tem por finalidade desenvolver uma formação moral e a escolarização do ensino primário, dando ênfase, sobretudo, ao “trabalho feminino”.

Noemy possuía habilidades especiais para a disciplina educação para o lar que caracterizava basicamente o “trabalho feminino”: corte, costura, pintura, culinária, bordados a

---

<sup>6</sup> Madre Ana Rosa Gattorno é a fundadora desta Congregação que nasceu na Itália (1866) e que chegou ao Brasil (inicialmente, em Belém do Pará a 27 de outubro de 1884), sob a influência do processo de romanização que, entre outras coisas, objetivava, ao mesmo tempo, o fortalecimento e centralidade da Igreja Católica em Roma e a conquista de novos campos de missão.

mão e a máquina, dentre outras atividades domésticas. Silva e Alves (2020), comentando a relação entre lar e igreja, concebida pela educação de mulheres, ofertada pela congregação das Filhas de Sant'Ana e pelas irmãs Dorotéias no contexto da Amazônia paraense no período de 1900 a 1927, destacam que essas educandas eram formadas:

[...] com a finalidade, de um lado, pelo ideário republicano **se tornarem futuras mães de família, além de agregar, também, colaboração das futuras mulheres para a construção da nova pátria**; de outro lado, motivado pela riqueza da economia da borracha, a oligarquia paraense **buscava educar e instruir mulheres para atender às demandas dessa nova era de prosperidade na Amazônia**. (Silva; Alves, 2020, p. 1621, grifos nossos).

É esse mesmo ideal que permeia o contexto da educação ofertada no Instituto Benjamin Constant, na cidade de Manaus. Essa é a lógica primária da educação para o lar, disciplina que reforçava os valores conservadores da igreja e que, consequentemente:

[...] concebia a mulher como uma figura que tinha a missão de ser mãe de família, exemplo de esposa, religiosa, habilidosa em trabalhos manuais, além de boa e amável, eficaz companheira, de inteligência culta para acompanhar o esposo e com uma existência honrada. A educação feminina se concentrava em formar a mulher para o universo doméstico baseado em valores morais e religiosos conservadores (Silva; Alves, 2020, p. 1613).

Embora as atividades desenvolvidas nesse componente curricular, a priori, instrumentalizem a mulher, reduzindo-a ao mero serviço do lar, é digno de nota que esse mesmo trabalho realizado pela professora Noemy (já como religiosa no contexto de Altamira-Pará) foi capaz de retirar inúmeras mulheres adolescentes, jovens e adultas da linha da pobreza.

Esse fato é reforçado na fala da entrevistada Lucenir Pereira que afirma:

*E lá tinha algumas atividades de curso, né, curso de costura, inclusive eu fiz um curso de costura, acho que era mais ou menos isso, entre 14 e 15 anos **eu fiz um curso de costura lá, que resulta até hoje no meu ganho, né, ainda hoje o único curso que eu fiz na minha vida foi através do trabalho da irmã Serafina, que ela disponibilizava esses cursos com o pessoal do Projeto Rondon, uns professores que vinham de Minas Gerais, e era tudo gratuito, né, então eu passei a fazer esse curso lá e até hoje eu trabalho fruto desse curso que eu fiz*** (Pereira, 2024, grifos nossos).

A pedagogia das Filhas de Sant'Ana possibilitava à Noemy a realização de um grande ideal almejado por ela desde muito cedo: unir a sua profissão com a missão de catequizar e evangelizar. Neste sentido, Ignês de Vasconcelos Dias, destaca:

Noemy, como professora, se preocupava em levar a palavra de Deus aos alunos, tornando viva a memória de Jesus. Eu era criança e adolescente, mas Noemy era muito amiga da minha irmã e do meu cunhado que eram mãe e pai para mim, e eles a estimavam muito (Positio II, 2007, p. 147).

O relato deixa clara a força das pedagogias cristãs que Noemy vivenciou ao longo da vida. Inicialmente, a pedagogia das irmãs Doroteias, o trabalho catequético e apostólico desenvolvido na paróquia com os padres e, posteriormente, a pedagogia das Filhas de Sant'Ana.

Como mencionado anteriormente, a pedagogia das Filhas de Sant'Ana está pautada na formação moral e no desenvolvimento dos valores da Igreja Católica; reflete uma abordagem educacional que busca não apenas transmitir conhecimentos, mas também moldar o caráter e a conduta das alunas (Silva; Alves, 2020).

É neste sentido, portanto, que parte significativa dos professores das escolas e Institutos sob responsabilidade da Congregação eram as próprias religiosas, devido à importância atribuída pela instituição à formação nos princípios da civilidade e nos valores da educação cristã.

O ano de 1937 também marca um fato importante na carreira da professora Noemy, pois recebe a vaga definitiva para lecionar na escola Quinze de Novembro, na qual permanece até meados de 1946, quando parte para os Estados Unidos.

## **4.2 Os primeiros passos na vida religiosa**

Apesar de desenvolver com maestria sua profissão docente e o trato com pessoas que necessitavam de cuidados de saúde nas pastorais que desempenhava na paróquia como jovem missionária, Noemy guarda em seu coração uma profunda inquietação: o desejo ardente de se tornar religiosa.

Sua vida sofre uma mudança drástica a partir de 1946 com a chegada a Manaus das irmãs Jullita Elsen e Evelyn Gorges, ambas pertencentes à Congregação das Adoradoras do Sangue de Cristo da missão de Wichita, EUA: as irmãs não tardaram em conhecer a história da jovem Noemy e seu desejo mais profundo. O convite para que fosse aos Estados Unidos para se tornar religiosa e, posteriormente, regressar ao Amazonas para abrir novas missões das Adoradoras do Sangue de Cristo reacendeu, em seu coração, a possibilidade de realizar o seu grande desejo, que há mais de duas décadas ficara guardado.

Se faz necessário considerar que:

Na Amazônia a Igreja Católica caracterizou-se como uma instituição chave no processo de organização social dessa região, influenciou na formação de uma cultura enraizada em tradições indígenas e europeias. Nos dias de hoje, ainda, fortalece os grupos sociais em sua formação, principalmente, de comunidades rurais (Oliveira, 2012, p. 25).

Os fatos destacados por Oliveira (2012) são constatados ao longo desta pesquisa, sobretudo, quando tocamos em temáticas, como educação e assistência social. Se faz necessário trazer à baila, ainda, o fato de que “o Estado do Amazonas se desenvolveu sobre uma matriz eminentemente católica devido o trabalho das Ordens religiosas” (Oliveira, 2012, p. 26).

Sobre a chegada das irmãs da província de Wichita a Manaus, Menezes (1998, p. 22) afirma:

Com o espírito de discernimento que a caracterizaria nos anos seguintes, sobretudo na identificação de tantas vocações brasileiras, Irmã Julita percebeu naquela mulher o toque de Deus. **Viu através da aparência frágil daquela mulher alta e de feitio ascético, de olhos profundos e firmes e ao mesmo tempo cheios de doçura e bondade**, uma pessoa e vocação toda especial, que o Senhor chamava para ser uma das pedras fundamentais do grupo de Adoradoras brasileiras que ela e as demais pioneiras norte-americanas fariam nascer, mais tarde, em terras da Amazônia, e propôs a Noeme a ida para Wichita (grifos nossos).

Noemy decide, portanto, deixar tudo e seguir para os Estados Unidos, mesmo sem saber falar inglês e escondendo da família o real motivo que a fizera partir. Dada a sua dedicação com os estudos, o pai acreditara, a priori, que a jovem iria realizar apenas algum curso que a tornasse mais especialista naquilo que já realizava enquanto professora e enfermeira.

Em seus registros autobiográficos, afirma:

Eu devia viajar para os Estados Unidos com as Irmãs, para o Convento! Não posso descrever qual foi a satisfação sentida! Era um sonho que há mais de vinte anos esperava realizar, e que se tornava realidade. Não pensei na língua que não sabia, na distância e no clima, mas só na realização de tão almejado ideal! (*apud* Menezes, 1998, p. 25).

É digno de nota que a mãe de Noemy já havia falecido nesse período. Esse fato é outro marco importante na vida de nossa sujeita de estudo, conforme é possível perceber em seus relatos autobiográficos: “Em 1944 passei o último Natal com minha família – ano de memória bem triste, pois minha mãe adoeceu rapidamente. Desde a noite de Natal, mamãe caiu em coma e, a 11 de janeiro de 1945, veio a falecer” (*apud* Menezes, 1998, p. 18).

Noemy nutria profundo cuidado e preocupação com a mãe. Seu falecimento é passagem um tanto quanto difícil em sua vida, contudo, também abre possibilidades para um desprendimento ainda maior na tentativa de realizar seu objetivo de se tornar religiosa. Sua partida para os Estados Unidos se dá em 07 de novembro de 1946, e o seu real motivo é revelado a seu pai, por carta, somente após alguns meses de sua chegada ao convento, em Wichita.

Menezes (1998) nos apresenta uma das cartas do Sr. Vicente Cinque dirigida à filha, em fevereiro de 1947. Destaca que esta carta fora encontrada sem dobras, entre os poucos

manuscritos que Noemy conservava, fato que talvez possa representar a importância destes escritos para sua vida e missão.

Ontem recebi tua carta de 22 de Janeiro, assim como também a de 7 do mês – respondo. [...] Pedes-me o consentimento para ingressar na vida religiosa dessa congregação para pões em execução o teu desejo. Não me surpreendeu essa mudança de itinerário e propósitos que ali te levou, posto que conheço bastante o ser humano e máxime o muliebre, para avaliar do princípio o fim de alcançar (Menezes, 1998, p. 26).

O senhor Vicente conhecia bem o temperamento da filha e sabia que, àquela altura, seria impossível conter os esforços da jovem para realizar o seu sonho. Ele mesmo já havia tentado sufocar por inúmeras vezes este ideal desde sua adolescência e, sem forças para tal, percebe que, finalmente, é chegada a hora de deixá-la em paz na realização do seu sonho.

Assim, prossegue em sua carta:

Se teu firme desejo é esse, nada tenho a opor, que estou certo não seria atendido, ficando com remorso de te ter contrariado e ser contrariado. Assim minha diletta filha segue o que teu coração te aconselha, certo que tua alegria será a minha e peço a Deus que sempre seja contigo em todo o trance de tua preciosa vida. Teu pai aqui fica esperando pedindo a Deus que me de vida bastante para esperar o teu regresso. Tens idade bastante para um lúcido raciocínio do teu caso portanto acho inútil e supérfluo acrescentar mais conselho (Menezes, 1998, p. 26).

Certamente, a alegria e a paz sentidas por Noemy ao receber essa correspondência do pai no início do seu processo formativo são indescritíveis para ela, restando apenas o silêncio de gratidão por esta consolação recebida de Deus; a aceitação de seu pai para a realização de tão almejado ideal. O final da carta nos revela mais um fato interessante: “Como debes saber, tua licença ficou prejudicada por tua exclusiva negligencia. Pode ser que mais tarde se possa dar um jeito, porém isso é duvidoso...” (Menezes, 1998, p. 27).

Estas linhas finais revelam mais que uma mera negligência. Parecem encetar, sobretudo, o desprendimento de Noemy quanto ao cargo que ocupava. A força de sua vocação e o pouco tempo para se organizar para partir em direção aos Estados Unidos não lhe deram muitas possibilidades de tratar das questões administrativas que envolviam seu trabalho na docência.

A fala do sr. Vicente, “pode ser que mais tarde se possa dar um jeito”, revela também, de certo modo, aspectos de sua influência. Noemy, ao retornar para o Brasil como religiosa, utilizará essa influência do pai para agilizar os trâmites de abertura de escolas e autorização dos cursos de ginásio em inúmeras localidades do Amazonas.

Sobre suas primeiras experiências no Convento, destaca:

Como primeira mestra tive Irmã Florence, que foi bondosa e de grande caridade com minhas incompreensões, sem entender nada. Com as aulas e ouvindo, fui compreendendo melhor, mas foi bem difícil! Deus, porém, sempre me dava

consolações. O noviciado foi bem melhor, pois já podia entender bem as aulas de Doutrina. A mestra, nos primeiros dias, foi Madre Ventura, que logo depois foi eleita Madre Provincial. Seguiu-se Irmã Aurelia, alma santa e generosa, que muito me ajudou com a sua bondade materna (Menezes, 1998, p. 25).

A atitude ousada de Noemy reafirma uma confiança<sup>7</sup> inabalável na providência divina: “Deus, porém, sempre me dava consolações”.

**Figura 7** – Irmãs do Noviciado de 1947 - Wichita EUA



Fonte: Positio volume II.

O registro, datado de 1º de julho de 1947, apresenta 18 religiosas que estão no início de seu processo formativo na província de Wichita, Kansas-EUA. Serafina se encontra à esquerda, no final da fila. Seu retorno para o Brasil se dá em 20 de novembro de 1948. Ao retornar dos Estados Unidos já como religiosa, a primeira Adoradora do Sangue de Cristo brasileira é enviada em missão a Coari, município do interior do Amazonas, onde permaneceu até meados de 1953.

---

<sup>7</sup> Essa confiança a acompanhou desde sempre e se revelará ainda mais forte anos mais tarde no trabalho com os pobres e grávidas na cidade de Altamira-Pará. Aqui se percebe que não é por acaso que ela resolve colocar o nome de Divina Providência na obra que, com muito empenho, construiu naquele contexto.

**Figura 8** – À esquerda Ir. Serafina, Ir. Johana, Madre Ventura, Ir. Marie Leiker



Fonte: Positio volume II.

O registro da figura 8 se deu em 19 de novembro de 1948 e retrata o retorno dos Estados Unidos. Segundo Freitas (2019, p. 201):

Com seu retorno a Coari, Serafina assume a direção do Colégio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dando início aos preparativos para a autorização do Curso Ginásio. A Escola Normal Rural Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Coari resultou de outra ação de Serafina, que foi incansável neste trabalho. Juntamente com as demais religiosas, percorria a Secretaria de Educação do Estado do Amazonas para preencher todos os requisitos necessários para tal autorização. Depois de tanta luta, em abril de 1949, foi finalmente autorizado seu funcionamento. Após dois anos, foi aprovado o Curso do Ginásio Normal Paroquial em Coari.

Se percebe um embaralhamento das datas que retratam esse período da vida de nossa sujeita de estudos. Freitas (2019) afirma que Serafina, após a primeira missão em Coari, foi transferida para Altamira-Pará com a missão de ser superiora no Instituto Maria de Mattias. Os dados da *Positio*, por sua vez, dão conta de que, após Coari, e após sua profissão perpétua no ano de 1954, Serafina teria passado por Codajás, outro município do interior do Amazonas, onde teria permanecido até 1957.

Em carta endereçada à madre geral, Serafina nos apresenta algumas características da missão em Codajás:

[...] Estamos muito felizes, tudo aqui é pobre, a cidade, o povo, tem mais possibilidade de viver unido ao Esposo Divino. Nossa casa não está terminada, no Natal teremos uma casa nova se for da vontade de Deus. [...] Nesta missão somos cinco irmãs e duas aspirantes. Temos 200 crianças na escola. A cidade, as pessoas são mais pobres. As crianças são inteligentes. A faculdade onde moramos não está pronta. Irmã Julitta esteve aqui em março e atualmente está mais preocupada com a obra de construção da nova capela do nosso convento (Positio II, 2007, p. 366).

É interessante o fato de que, apesar de relatar as dificuldades da missão e a realidade social daquele povo, “aqui tudo é pobre”, Serafina faz questão de expressar a felicidade na realização daquela missão; “estamos muito felizes”. Essa característica entusiasta é reforçada pela fala da nossa entrevistada Ir. Socorro Rocha: “*animava todas as irmãs especialmente as mais jovens a serem fiéis a vocação e ao amor a Jesus e Maria Santíssima e não desanimar da vocação diante das dificuldades*” (Rocha, 2024).

Menezes (1998), neste contexto, apresenta a atuação de Serafina junto às demais religiosas para a construção da sede da congregação em Manaus, como veremos a seguir. É fato que a expansão missionária das ASC no estado do Amazonas crescia em velocidade surpreendente. Menezes (1998, p. 30) afirma que irmã Jullita fora nomeada a superiora da missão no Brasil e destaca que já no ano de 1948 “o grupo tinha uma atividade intensa”.

Em Coari, interior do Amazonas,

as irmãs haviam começado um internato para cerca de 80 adolescentes dos dois sexos, provenientes na maior parte da zona rural de Coari, onde não havia escolas àquele tempo. Havia o ambulatório e um pequeno Hospital para atendimento aos doentes, catequese intensiva e aulas de Canto e Trabalhos Manuais (Menezes, 1998, p. 30).

Este fato mostra a atividade intensa e a essência da congregação; a dedicação à educação, cuidados de saúde e obras sociais. Outro ponto digno de nota é o fato de que enquanto Noemy estava sendo formada nos EUA as missionárias norte-americanas trabalhavam sem cessar em terras amazônicas dando início às primeiras atividades. Passados mais de 70 anos dessas primeiras missões se percebe o quanto a província brasileira das Adoradoras teve uma atuação forte, construindo no meio da Amazônia inúmeras escolas de referência, hospitais e outros trabalhos sociais.

Ainda segundo Menezes (1998), não tardou muito e as irmãs logo perceberam que era preciso construir uma sede em Manaus. Com a mesma velocidade com que eram desenvolvidas as obras no interior do estado, iniciaram-se os trâmites para a construção da sede.

Neste sentido, a autora destaca:

[...] a presença de Irmã Serafina foi inestimável. Tendo voltado de Coari, onde fora observar a obra educacional para a qual estava designada, e hospedando-se com Irmã Jullita no Colégio Maria Auxiliadora, **dedicou-se em Manaus a procurar legalizar os papeis junto às autoridades e aos muitos amigos que possuía** (Menezes, 1998, p. 31, grifos nossos).

A dedicação às questões burocráticas e administrativas necessárias para legalizar documentos e procedimentos junto às autoridades competentes será uma marca de Serafina ao

longo dos anos em praticamente todas as missões por onde passou. Esse trabalho se dava, sobretudo, para a abertura de escolas e autorização de curso de formação de professores.

Em Manaus, na construção da sede:

Com seus dons de comunicação e persuasão, ajudava a conseguir recursos para a construção dos prédios que se faziam necessários, saindo por repartições e lojas, enfrentando a burocracia oficial e, ora com Irmã Julita, ora com as Aspirantes que estavam em Manaus, ela fazia o papel de pedinte, com humildade e persistência e com muito espírito de sacrifício (Menezes, 1998, p. 31).

A imagem abaixo apresenta as irmãs professoras das turmas que ingressaram no noviciado de 1949-1950 e 1951-1952. Portanto, são as primeiras religiosas da província brasileira.

**Figura 9** – Primeiras Adoradoras brasileiras



Fonte: Livro – Adoradoras do Sangue de Cristo – Lançando raízes na Amazônia.

Conforme o volume I da *Positio*, a primeira ida definitiva de Serafina para Altamira, interior do estado do Pará, se dá em 30 de janeiro de 1957. No ano de 1958, Serafina consegue a autorização para o funcionamento da escola normal rural de Altamira, o instituto Maria de Mattias, no qual permanece por dois anos como diretora.

**Figura 10** – Fachada atual do Instituto Maria de Mattias



Fonte: Arquivo da pesquisa.

O Instituto Maria de Mattias, localizado às margens do Rio Xingu, é uma das principais instituições de ensino do município de Altamira-Pará. Sua história (embora seja inaugurado somente em meados da década de 1950), é perpassada pela chegada das primeiras religiosas da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo no Brasil, no ano de 1936. Inicialmente, as irmãs vindas da província de Shaan (Principado de Liechtenstein), Europa, se estabeleceram no município de Porto de Moz - Pará e, no ano seguinte, começaram a desenvolver suas atividades na cidade de Altamira.

Em Altamira, iniciam um trabalho intenso com um internato que, além de acolher órfãos, procurava realizar um trabalho com as famílias que tinham interesse em oferecer uma educação diferenciada às suas filhas. Neste sentido, o princípio norteador da educação oferecida pelas irmãs era a educação para o lar e a formação cristã.

[...] as Irmãs dão a aula e ajudam no campo pastoral da Prelazia do Xingú de modo especial em Altamira, e no campo educacional mantém com a ajuda da Prelazia, o único colegio INSTITUTO MARIA DE MATTIAS que abrange o ensino completo de 1º grau (primário e ginásio) e um curso de formação de professores (2º grau) ‘fornecendo assim a mão de obra para o magistério primário do Município’ atingindo as famílias por meio da formação integral e do preparo intelectual dos jovens (Igreja Católica, 1973).

Contudo, o trabalho hercúleo desenvolvido pelas irmãs nessa empreitada é dificultado pela língua, pela impossibilidade de comunicação com suas superiores e agravado ainda mais pela segunda guerra mundial. Estes fatos contribuem para o declínio dessa empreitada. As religiosas retornam em março de 1953, entregando a missão de Altamira aos cuidados da província de Manaus em plena atividade e desenvolvimento desde meados da década de 1940.

Neste sentido, é importante o fato destacado por Trindade (1997, p. 155):

[...] esta área do rio Xingú foi inicialmente o berço a receber as primeiras Adoradoras do Sangue de Cristo, vindas da Europa, como também aí foram desenvolvidas, posteriormente, os trabalhos missionários das irmãs Adoradoras vindas da Província de Wichita, Kansas. [...] Em outubro de 1946 Madre Evelyn Gorges e irmã Julita Elsen visitaram Altamira e asseguraram às irmãs Alemães que Wichita se responsabilizaria pela missão e que a Superiora Provincial de Wichita, madre Alouysia Barthelme, estava planejando enviar missionárias para ajudá-las.

A autora deixa claro ainda que, somente após essa passagem por Altamira, é que as irmãs se dirigem a Manaus e cidades do interior do Amazonas, como Coari, Codajás e Manacupurú. Resolveram, portanto, fixar os trabalhos naquela região, centro das missões realizadas pelos padres redentoristas que, por sua vez, lhe ofereceram apoio e inúmeras possibilidades de atuação.

Desse modo, a autora destaca: “Manaus, uma cidade mais desenvolvida, pareceu-lhes dotada de uma posição melhor para começar o trabalho missionário, mesmo devido ao grande número de vocações nativas que surgiam nesse vasto território amazonense” (Trindade, 1997, p. 155).

Uma vez esclarecidos esses fatos, salienta-se o papel fundamental de Serafina Cinque para o pleno funcionamento do Instituto Maria de Mattias, que foi inaugurado em março de 1953. Segundo Trindade (1998, p. 163), “no ano de 1960 o Curso Normal, criado formalmente em 1958, tinha agora o total de 38 alunos: 14 na 1ª série, 11 na 2ª, 13 na 3ª e no internato 35 alunas”.

Na figura 11, é possível perceber Serafina Cinque à esquerda, na máquina de datilografia, e, ao seu lado, a irmã Patrícia Viana realizando algum trabalho manual. O registro é datado de 1958, e o cenário é a sala de estudos e secretaria da escola Normal Rural Maria de Mattias.

**Figura 11** – Ir. Serafina e Ir. Patricia Viana - 1958, Altamira-Pará



Fonte: Positio volume II.

É pertinente destacar ainda:

Com aprovação do Curso Normal Regional, o orfanato é extinto e passa a existir apenas o instituto sem regime de abrigo. Contudo, **algumas meninas vindas do interior ficavam recolhidas na parte superior do prédio (Casa das Irmãs) e estudavam no IMM – situação comum por décadas na região. Na Casa das Irmãs, as alunas recebiam aprimoramento intelectual e formação moral e cristã mais elevada.** No instituto, faziam o Curso Normal Regional, Educação para o Lar e o Ensino Religioso (Freitas, 2019, p. 120, grifos nossos).

Neste sentido, a fala da autora reforça o perfil da congregação e a gênese de sua fundação; a pedagogia do amor e o cuidado integral com o ser humano. Uma vez mais se destaca uma educação voltada para o lar intrinsecamente relacionada com valores religiosos e que refletia a organização social vigente à época.

Retomando aos aspectos da atuação de Serafina no Instituto Maria de Mattias Freitas, afirma:

Sob a gestão da Irmã Serafina Cinque, a educação no IMM continuou avançando e, com isso, novos cursos foram implantados. Dentre eles, citamos: a) em 22 do mês de fevereiro de 1962, a Portaria 125 autoriza o funcionamento do Curso de Formação de Professor Primário (pedagógico); b) Resolução nº 12 de fevereiro de 1968 do Conselho Estadual de Educação regularizou o funcionamento do Curso Normal Colegial no IMM. A primeira turma se formou em 1962, com dez alunas aptas para lecionar para o ensino de 1ª a 4ª série (Freitas, 2019, p. 121).

É digno de nota que, no período citado pela autora, o IMM já não estava mais sob a direção de Serafina Cinque, haja vista o fato de ter sido transferida para desempenhar suas funções em outras missões. O que de fato se pode afirmar é que os referidos cursos e avanços mencionados por Freitas (2019) podem ser frutos das ações de Serafina enquanto esteve como diretora do instituto.

Seguindo os aspectos cronológicos da atuação de Serafina Cinque, constatamos que, em 1960, é transferida para Santarém, oeste do Pará, onde é lotada no Ginásio São Raimundo Nonato, escola que também pertence à Congregação das Adoradoras do Sangue de Cristo.

**Figura 12** – Colégio São Raimundo Nonato, Santarém-Pará



Fonte: G1 Santarém.

Segundo Freitas (2019), o período que Serafina passa em Santarém é marcado, sobretudo, pela grande incompreensão de sua superiora. Não há, contudo, informações concretas da causa dessa incompreensão, mas é digno de nota que a entrega desmedida de Serafina em tudo aquilo que realizava despertou por inúmeras ocasiões situações desgastantes entre as religiosas de sua congregação. Este fato fica mais claro, principalmente, quando analisamos sua atuação, na década de 1970, em Altamira.

A missão de Serafina em Santarém consistiu basicamente em conseguir o reconhecimento do estado para o funcionamento do curso Normal Rural no Ginásio São Raimundo Nonato, tarefa simples para ela, uma vez que já conhecia e tinha contatos com o secretário de educação do estado à época (Positio II, 2007).

É pertinente trazer à baila, ainda, sua transferência de Santarém para o município de Coari, em 1961, permanecendo neste município até 1963. Sobre essa segunda ida a Coari, em fevereiro de 196, se destaca o novo cenário que Serafina encontra:

Ali, em 1956, uma ASC havia iniciado o Curso Pedagógico, que substituiu o Curso Normal Rural. Com o desenvolvimento de Coari, o Ginásio Normal foi transformado em Ginásio Simples, com a mesma duração de quatro anos, aos quais se seguiria o Curso Pedagógico, de alta qualidade em conteúdo e método, pois formava professores tanto para a área rural quanto à capital do estado (Positio II, 2007, p. 425).

Havia na comunidade das irmãs ASC, naquele contexto em Coari, 18 religiosas. Serafina chegou com a missão de ser professora de inglês e história no Ginásio e também no curso pedagógico. O cenário de progresso encontrado em Coari e na comunidade das Adoradoras em sua segunda passagem a deixou profundamente admirada: “Mas quanto progresso em Coari!” (Positio II, 2007, p. 425).

É pertinente destacar que o ano de 1962 marca o encerramento do mandato de vice-provincial da irmã Jullita, e Serafina encontrará inúmeras resistências da nova superiora regional, a irmã Vivian Miller. Segundo relatos da *Positio*, a nova superiora não compartilhava com o estilo de vida e missionariedade de Serafina Cinque, e a coordenadora local de Coari, irmã Joana Francisca, seguia comportamento parecido, tendo ordenado, inclusive que as demais religiosas não acionassem Serafina para tratar de enfermos. Do mesmo modo, dá ordens à cozinheira da residência para que não deixe comida àqueles que chegam fora dos horários estabelecidos na comunidade. Consta-se uma tentativa de atingir diretamente Serafina.

Este fato se dá provavelmente, porque, corriqueiramente, ao sair da comunidade para algum trabalho na paróquia, na escola, ou algum atendimento de saúde, Serafina ao ser interpelada por aqueles que precisavam de algum auxílio, jamais lhes negou ajuda, fato que lhe tomava tempo e não lhe permitia participar com inteireza das atividades da comunidade com as demais religiosas (Positio II, 2007).

Segundo Ir. Ivone Freitas: “*Ir. Serafina, tratava bem todo mundo, mas privilegiava os marginalizados e desempregados, as mulheres gestantes sem recursos; arranjava para elas trabalho e tirou da prostituição muitas mulheres*” (Freitas, 2024).

Esses acontecimentos parecem se repetir nas diferentes missões em que Serafina desempenhou suas funções. Contudo, parece ter se agravado, sobremaneira, quando fora residir em Altamira, no começo da década de 1970. Ir. Socorro Rocha destaca:

*Era uma irmã desobediente e teimosa por amor. Muitas vezes rompeu com as próprias regras da comunidade para atender quem lhe chamava na porta, ao telefone ou mesmo quem vinha buscá-la para ver alguém doente, ou receber alguma doação para a casa da Divina Providência, mesmo quando estava proibida de sair de casa por motivo de doença* (Rocha, 2024).

Em meados do ano 1963, Serafina parte para Manacapuru, interior do Amazonas, onde permaneceu até meados de 1965. Sobre as pessoas e o município de Manacapuru, naquele contexto, encontramos a seguinte descrição:

As pessoas são muito pobres, vivendo da pesca e do pequeno comércio. Existem doenças de todos os tipos e faltam medicamentos. Os passeios de barco até Manacapuru são muito perigosos devido às grandes pedras submersas no rio, próximas ao local onde os barcos devem se aproximar, principalmente em tempo seco; naufrágios são frequentes (Positio II, 2007, p. 417).

Tal como as cidades pelas quais Serafina havia passado, em Manacapuru, a escola surge como uma necessidade premente para a população. A negligência dos governos tanto federal quanto estadual no atendimento aos direitos fundamentais das populações ribeirinhas e do

interior da Amazônia é uma realidade que se configura em inúmeras circunstâncias e perspectivas (Positio II, 2007).

Neste sentido, embora autores como Oliveira (2012) e Santinon (2009) focalizem a relação de simbiose entre o trabalho de evangelização de algumas congregações e ordens religiosas e o processo de colonização, se faz necessário destacar que o trabalho de evangelização não se reduz simplesmente a ser uma mão do Estado no processo de expansão da colonização, ou na manipulação de corpos dóceis.

Seria, portanto, um reducionismo estapafúrdio resumir a atividade de certas congregações a esse processo. Vê-se, pois, que onde o Estado falhou miseravelmente por negligência, congregações como a das irmãs ASC e tantas outras realizaram trabalhos intensos voltados para o desenvolvimento humano, intelectual e econômico de diferentes realidades na Amazônia. Ou seja, fizeram muito mais do que um simples trabalho catequético e espiritual.

Em Manacapuru, Serafina além de lecionar, trata das questões administrativas do Colégio Nossa Senhora de Nazaré junto à Secretaria de Educação e Cultura e lidera o Clube de Mães<sup>8</sup>. Além disso, Serafina nutria sempre algum interesse particular pelos doentes e pelas grávidas.

O ano de 1966 marca mais uma transferência de nossa sujeita de estudos. Neste ano, passa a desempenhar suas funções em Nova Olinda do Norte, interior do Amazonas, onde permanece até 1969. As primeiras freiras da congregação das ASC chegaram a Nova Olinda no ano de 1965. A missão de Serafina consistia em lecionar na escola paroquial Nossa Senhora de Nazaré, fundada um ano antes de sua chegada. Os desafios enfrentados naquele contexto são enormes.

A cidade era uma potência do ponto de vista de riquezas naturais, tendo sido alvo, inclusive, de explorações de petróleo por parte da Petrobrás. Contudo, a má administração somada às disputas e os interesses escusos tornaram o município um verdadeiro caos. Se constata nos documentos que “durante o ano de 1966 a cidade ficou três meses sem energia elétrica, noite e dia, devido a problemas na Estação Central” (Positio II, 2007, p. 430).

Neste contexto, a missão de Serafina consiste em lecionar ciências e economia doméstica e trabalhar com medidas administrativas para o fortalecimento do recém-criado colégio paroquial que contava, à época, apenas com o curso primário. O ginásio foi criado apenas no ano de 1968. Além da escola, Serafina se dedica ainda aos trabalhos na maternidade e na catequese.

---

<sup>8</sup> As atividades desenvolvidas no Clube de Mãe serão melhor explanadas na seção 5.

A atuação da Irmã Serafina e de outras freiras no tão concorrido Ginásio do Estado alimenta a esperança do povo não mais colocada no petróleo, mas na cultura que garante o desenvolvimento humano de Nova Olinda (Positio II, 2007, p. 433).

A citação faz menção à tentativa de colocar na educação a esperança de desenvolvimento do município. Frente à possibilidade de progresso pelos anúncios da Petrobrás de que havia encontrado petróleo na região de Nova Olinda, a população, os padres e as religiosas ASC sonharam com as possibilidades de melhorias e avanços e a significativa diminuição do índice de desemprego e pobreza encontrados naquela região.

Contudo, a Petrobras não tardou em revelar, por meio de notas, que o petróleo encontrado naquelas terras não compensava a exploração devido à baixa produtividade dos poços, a alta carga de trabalho, a distância de portos e a pouca lucratividade. A retirada da empresa causa uma onda de desesperança no povo. É possível comparar, resguardando as devidas proporções, esse declínio à queda da borracha (Positio II, 2007).

O final de 1968 revela um período difícil para Serafina Cinque. Ela adoeceu de uma tuberculose descoberta já em estágio avançado. Não há médicos em Nova Olinda:

O grande esgotamento não lhe permite dar aulas, cuidar dos seus queridos doentes, ajudar as grávidas. A febre é constante. As freiras e os padres estão muito preocupados. Não há médico em Nova Olinda, por isso a superiora provincial das ASC leva Irmã Serafina a Manaus o mais rápido possível (Positio II, 2007, p. 437).

Serafina vê-se obrigada, pelos médicos, ao repouso absoluto. Recebe de suas superiores a missão de “rezar pela igreja e pela Província”. É possível imaginar que para uma mulher ativa como Serafina o repouso tornava-se com o passar de poucas horas um grande castigo. Por medo do contágio entre as demais religiosas, a superiora a deixou isolada, mantendo contato apenas com uma enfermeira. Essa realidade perdura por boa parte do ano de 1969, como é possível constatar na *Positio*: “Ela passa quase o ano inteiro assim, vivendo este tempo em completa serenidade, em total abandono em Deus” (Positio II, 2007, p. 437).

Somente no final de 1969, após ser submetida a uma bateria de exames se constata a recuperação da tuberculose. Mas, Serafina ainda não pode ser submetida aos trabalhos intensos e desgastantes a que estava acostumada a realizar nas missões no interior da Amazônia. Nesse sentido, visando a lhe oferecer a possibilidade de um trabalho que não lhe exigisse muitos esforços, suas superiores lhe encaminham para a missão das ASC no seminário redentorista, na cidade de Marituba, região metropolitana de Belém-Pará.

Neste local, as Adoradoras coordenam a cozinha e a lavanderia. A missão de Serafina, no entanto, consistia em ministrar aulas no seminário e cuidar da secretaria. Permanece em

Marituba até 1971, quando é transferida novamente para Altamira, permanecendo aí por quase 17 anos.

É neste contexto que ganha ainda mais notoriedade, sobretudo, pelo combate às calamidades geradas pela abertura da BR 230 – se torna conhecida e louvada como o “Anjo da Transamazônica” pelo trabalho social prestado à população pobre na cidade de Altamira-PA. Nota-se que esse período compreende os maiores esforços da professora Serafina no sentido de oferecer educação, assistência social, saúde e qualidade de vida aos moradores de Altamira e proximidades.

### **4.3 A pedagogia do amor**

Serafina desenvolve uma educação que tem por base a pedagogia do amor de influência Pestalozzi, entrelaçada e ressignificada a partir dos valores da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo e, conseqüentemente, a partir de uma pedagogia que nos conduz à compreensão de saberes e práticas alinhadas e ressignificadas na realidade social dos educandos.

Segundo Zanata (2005), a proposta pedagógica de Pestalozzi visava a integrar a formação profissional com a instrução intelectual, moral e religiosa. A educação prática, segundo o autor, consistia em aprender através do trabalho; Pestalozzi enfatizou a importância de relacionar conhecimentos teóricos com atividades práticas. Assim como o exercício mental era essencial para o desenvolvimento intelectual, era igualmente crucial exercitar os sentidos e os membros para o aprimoramento das habilidades práticas.

Pestalozzi está preocupado com a formação integral do ser humano. Neste sentido, afirma:

[...] ensino escolar que não abranja todo o Espírito, como exige a educação do homem, e que não seja construído sobre a totalidade viva das relações familiares conduz apenas a um método artificial de encolhimento de nossa espécie (Pestalozzi, 1997, p. 144).

Essa perspectiva prioriza um processo educacional que enfatiza e abrange todas as dimensões do ser humano e que está enraizado no afeto, nas relações familiares e na totalidade da experiência humana para promover um crescimento genuíno e significativo.

A pedagogia do amor, a partir da perspectiva das ASC, enceta uma práxis que busca “viver a partir da realidade do Evangelho uma educação comprometida com a organização, participação, reflexão e solidariedade” (Instituto Maria de Mattias, 1972, p. 2). Essa abordagem,

que procura cultivar valores, não se limita apenas ao aspecto religioso, mas permeia todas as dimensões da educação, influenciando a maneira como os conteúdos são transmitidos, como as relações são estabelecidas e como as ações são realizadas no ambiente escolar e além dele.

Essa concepção de educação, conforme destaca Freitas (2019), foi implantada por Maria de Mattias, a fundadora da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, em 1834, data da fundação da congregação em Acuto, na Itália. Através da Pedagogia do Amor, as irmãs não visam à mera transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas, sobretudo, fomentar o desenvolvimento integral dos alunos, nutrindo valores éticos, morais e espirituais fundamentais para a formação de indivíduos conscientes, solidários e engajados no bem-estar coletivo. Essa abordagem educacional se destaca por sua natureza humanista, inclusiva e centrada no cuidado e na empatia.

Serafina Cinque é profundamente influenciada por essa concepção de educação<sup>9</sup>. Neste sentido, portanto, acolhimento e inclusão foram pilares de sua abordagem. No atendimento a pessoas em situações de vulnerabilidade, promovia a dignidade e o respeito, criando um espaço no qual todos se sentissem valorizados e motivados a adquirir algum conhecimento que fosse capaz de transformar a realidade na qual estavam inseridos.

Neste sentido, Alencar (2017) destaca:

a amorosidade revela-se fundamentalmente como uma estratégia de ação emancipadora muito potente e de amplo espectro de entendimento. Pode ser estudada desde o aspecto individual, no olhar para si, até uma análise mais ampla, onde a cultura, o meio ambiente e a vida em sociedade são fatores determinantes e determinados por sua expressão no cotidiano dos indivíduos (Alencar, 2017, p. 90).

Na história de vida de Serafina Cinque, a amorosidade não é apenas um sentimento, mas uma prática que se manifesta em ações concretas que visam a transformar a realidade social e educacional das comunidades por onde ela passou. Desse modo, não se limitou ao ensino acadêmico, às atividades burocráticas e administrativas escolares onde poderia ter permanecido com certo conforto e notoriedade, mas buscou desenvolver a formação integral dos alunos, abordando aspectos emocionais, sociais e espirituais.

Segundo Freitas (2019, p. 188): “Diferentemente da Pedagogia do Amor criada por Johann Heinrich Pestalozzi, em 1798, a Pedagogia do Amor de Maria de Mattias tinha fundamentos pedagógicos pautados no bem e no amor caridoso”. Neste sentido, como religiosa,

---

<sup>9</sup> Sua admiração e amor pela fundadora de sua congregação é manifestado inúmeras vezes e testemunhado por suas irmãs de congregação. É possível afirmar, resguardando as devidas proporções, que alguns aspectos de sua vida se aproximam em muito de Maria de Mattias, a fundadora ASC.

Serafina utilizou os princípios da sua fé para inspirar e motivar seus alunos, promovendo uma educação que também funcionava como uma prática de evangelização e formação moral.

A sabedoria do amor de Irmã Serafina tem a intencionalidade de fluir no outro à percepção da alteridade. Assim, a relação com o outro considera, justamente, a bondade, o respeito e o amor como sentimento. O encontro com o outro – que sofre – é, por consequência, a manifestação do simples amor como disposição do amar. Neste interim, o que está em jogo é a sensibilidade humana, alicerçada na sabedoria do amor e da caridade. Trata-se de perceber o outro, como alguém que está disposto a ensinar o que é o amor, seja como louvor ou como obrigação (Freitas, 2019, p. 193).

Na perspectiva da autora, o amor deve ser visto tanto como um louvor à dignidade do outro quanto como uma obrigação moral, reforçando a ideia de que a verdadeira essência do amor reside na disposição de se doar e de se conectar com as experiências e necessidades do outro. Desse modo, é possível afirmar que a prática do amor se torna um caminho para a humanização, promovendo um ambiente de solidariedade e compreensão que transcende as dificuldades e as diferenças.

Conforme destaca Oliveira (2005), a essência da Pedagogia do Amor, à luz do pensamento e das ações de Maria de Mattias, se fundamenta na prática da bondade, da compaixão e da caridade na educação. Segundo essa perspectiva, os educadores devem cultivar um zelo profundo pelo bem-estar e pela salvação de todos, promovendo um ambiente no qual as crianças sejam orientadas a agir com delicadeza e amor.

A importância de tratar cada criança com ternura e afeição é destacada, reconhecendo seu valor intrínseco, simbolizado pelo “Sangue de Jesus” e pelas “dores de nossa Mãe, a Virgem Maria”. Além disso, a alegria e a bondade no acolhimento das crianças, especialmente as mais pobres, são vistas como fundamentais para uma educação inclusiva e amorosa (Oliveira, 2005).

A tolerância com as faltas dos pequenos e a regularidade nas práticas educativas são igualmente ressaltadas, reforçando a ideia de que o amor deve ser a base de todas as interações. Ora, a missão de ver Jesus em tudo parece encapsular a visão de uma educação que transcende o mero ensino, buscando formar um coração e uma alma coletivos, unidos pelo amor e pela solidariedade. Essa abordagem humanista e afetiva é um convite à reflexão sobre o papel do educador como agente de transformação (Oliveira, 2005).

Essa pedagogia se alinha com uma política de assistência e proteção que busca atender às necessidades individuais de cada criança, reconhecendo a importância do autoconhecimento e da individualização no processo educativo, conforme destaca Freitas:

A Pedagogia do Amor, de Maria de Mattias, comunga com o ideal de uma política de assistência, proteção e educação à infância que valoriza a individualização, o conhecimento e o autoconhecimento do ser. Aposta em uma educação que promove a autonomia, a liberdade, a participação afetiva e democrática, considerando nesse

processo o desenvolvimento cognitivo da criança. As Adoradoras do Sangue de Cristo acreditavam no amor acima de todas as coisas e na afetividade como superação das dificuldades do educando (Freitas, 2019, p. 197).

Consoante os relatos de nossos entrevistados, Serafina encarnou a pedagogia do amor em todas as suas vivências. É neste sentido que sua vida se caracteriza como uma manifestação constante, carinhosa e sempre reconhecida de gratidão amorosa que se intensificava em seu coração, à medida que ela percebia a bondade de Deus em cada situação de sua vida. Com o lema “Como Deus é bom”, expressava sua gratidão a Deus e se dedicava a ajudar a todos (Positio, 2007).

Assim, à luz do pensamento de Freire (2013), é possível afirmar que Serafina compreende que cada pessoa é moldada por suas relações e interações com o mundo, e que a educação deve ser um processo que considera essas dimensões. Isso, por sua vez, implica afirmar que o aprendizado deve ser contextualizado, relevante e significativo, permitindo que os educandos se vejam refletidos nas práticas educativas.

No contexto da década de 1970, o Instituto Maria de Mattias era a principal instituição de educação da cidade de Altmira. Em seus estatutos, é possível perceber esse ideal e concepção de educação pregado e vivenciado pelas Adoradoras do Sangue de Cristo:

a) Tornar o educando corresponsável pelo seu desenvolvimento integral, levando em consideração a parte formativa indispensável para torná-lo um verdadeiro cristão um cidadão consciente; b) Despertar-lhe o espírito crítico para que aprenda a julgar e discernir, preparando-o para ajudar positivamente no seu meio; c) Fá-lo sentir-se plenamente integrado na realidade amazônica e nacional, na qual deve agir com autenticidade e trabalho (Instituto Maria de Mattias, 1972, p. 1).

A ênfase na integração do educando com a realidade amazônica e nacional destaca a importância de uma educação contextualizada, que valorizava a cultura local e as especificidades regionais. Esse fato não apenas objetivava fortalecer a identidade do aluno, mas também prepará-lo para atuar de forma autêntica e responsável em seu meio, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico da sua comunidade.

**Figura 13** – Carta das ASC pelo reconhecimento no IDEB 2023



Fonte: Arquivo das Adoradoras do Sangue Cristo.

Os resultados no IDEB, nas Olimpíadas de Matemática, Astronomia e Física são frutos de um compromisso maior com a formação integral do ser humano e com a capacidade de desenvolver no educando todas as suas potencialidades. “Cada pessoa é importante”, ressalta a carta, fato este que evidencia que a educação precisa ser personalizada. O indivíduo precisa ser percebido na sua inteireza, com potencialidades e limitações. O resultado destacado na carta, portanto, não é um acaso ou fruto de um esforço pontual, mas sim o reflexo de um projeto pedagógico contínuo e bem estruturado.

Nos dias atuais, sobretudo, em Manaus capital do Amazonas, onde as Adoradoras do Sangue de Cristo desenvolvem atividades na área da educação com o Colégio Preciosíssimo Sangue, se destacam os seguintes princípios educadores-evangelizadores; a espiritualidade do sangue de Cristo e a espiritualidade de Maria de Matias, diálogo e inclusão, a corresponsabilidade na comunidade educativa, isto é, a parceria indissolúvel entre família e escola no processo formativo, a integração entre colaboradores e parceiros, visando ao bem comum da comunidade, entre outros aspectos.

É interessante salientar que, ao priorizar o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade, a Pedagogia do Amor não descarta a importância de resultados acadêmicos, conforme vimos há pouco na figura 13. Pelo contrário, tais resultados são frutos de processos e sujeitos conscientes e comprometidos com uma educação que seja capaz de elevar corpo e alma, isto é, de fazer o educando transcender os aspectos limitantes de suas realidades. Foi esse o compromisso de Serafina Cinque enquanto educadora, religiosa, enfermeira, missionária, intelectual. Todas essas facetas que compõem sua trajetória de vida indicam para o mesmo norte: a formação do ser humano na sua integralidade.

## **5 A ATUAÇÃO DE SERAFINA NO CONTEXTO DE ALTAMIRA-PA: 1970 - 1988**

Nesta seção, à medida que compreendemos o processo de colonização da Amazônia no contexto da cidade de Altamira no estado do Pará, mergulhamos em detalhes peculiares das ações e da pessoa de Serafina Cinque.

Existe, neste sentido, uma simbiose entre o contexto da rodovia Transamazônica e Serafina Cinque, de modo que não se pode falar de uma sem nos referirmos à outra. Este fato se torna evidente nas falas dos entrevistados e nas homenagens e honrarias que lhe são prestadas por autoridades e órgãos públicos.

O objetivo do programa de colonização da Amazônia, na perspectiva de Souza (2012, p. 53), consistia em ser “o maior projeto de reassentamento já elaborado no mundo”. O plano do governo militar visava a realocar cerca de cem mil famílias, sobretudo, nordestinos, para integrar a Amazônia.

As consequências do ideal de progresso, propagandeado à época, deixaram marcas profundas que se refletem ainda atualmente. Transferida para a cidade de Altamira no começo da década de 1970, Serafina Cinque experimenta na própria pele a dor e o sofrimento do povo que anseia dia após dia por uma resposta prática que amenize seu sofrimento. Neste contexto, seus saberes são testados e ressignificados. Seu lema de consagração “servir desinteressadamente” é vivido ao extremo.

No contexto da cidade de Altamira e região do Xingu, Serafina Cinque se dedica, incansavelmente, ao trabalho missionário. É importante considerar que, ao chegar naquela região, foi designada para atuar como professora no Ginásio Normal do Instituto Maria de Mattias (1971) e como coordenadora do serviço paroquial da Caritas, uma organização altamente ativa incentivada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB –, para auxiliar os menos favorecidos (Positio II, 2007). Posteriormente, Serafina se torna o principal

nome da equipe social e de promoção humana da Prelazia e acumula, conseqüentemente, outras funções.

É esse contato com a Caritas que leva Serafina à percepção da escassez de serviços, em especial os de saúde, para tratar doenças adquiridas no ambiente da floresta. Embora sua atuação no Ginásio Maria de Matias seja relevante, não se compara ao serviço desenvolvido nas ruas de Altamira, nos abrigos improvisados, no movimento que gerou no comércio altamirense e na sociedade em prol de uma causa que não poderia ser deixada para depois: o cuidado com os mais necessitados.

Seu trabalho no ambulatório da diocese e nas ruas é alternado pelas aulas que ministra à noite, no instituto Maria de Mattias, onde, por inúmeras vezes, conforme é possível constatar nos relatos do processo de beatificação/canonização, dado o cansaço, dormia, ou sobre a mesa do professor, enquanto seus alunos copiavam do quadro, ou no corredor, enquanto esperava o seu tempo de aula.

### **5.1 “Integrar para não entregar”: as feridas causadas pelo ideal de progresso**

Os ideais de integração da Amazônia brasileira, no contexto da década de 1970, foram repercutidos para os quatro cantos do país pelo governo militar do presidente Médici e pela imprensa como sendo a melhor alternativa para homens sem-terra, sobretudo nordestinos, que enfrentavam as secas e a escassez de mantimentos.

O ideal de Amazônia propagandeado é o de uma terra que espera pacificamente a ocupação, a mudança, o progresso, a atuação de homens ávidos pelo desejo de construir um novo horizonte, um novo país, uma nova história distante das mazelas sociais (Souza, 2020).

Em um dos muitos discursos sobre esse assunto, Médici afirma:

O Brasil é grande demais, para tão poucas ambições. E está a exigir dos seus filhos uma atuação que realmente corresponda à magnitude do seu território, bem como aos alevantados ideais das gerações que nos legaram esse imenso patrimônio. Uma atuação, enfim, que se eleve à altura dos incontidos sonhos da mocidade que se prepara para dirigi-lo e cuja meta não pode ser outra, senão o triunfo final na arrancada para o desenvolvimento econômico e social (Médici, 1970, p.15).

Dá-se início ao projeto hercúleo de ocupação da Amazônia brasileira; empreitada sustentada pela mobilização da população e levada a cabo, sobretudo, pelo Programa de Integração Nacional, que, entre outras coisas, viabilizava a construção da rodovia Transamazônica.

Destaca-se, neste sentido:

Como parte do empreendimento, sobretudo de colonização ao longo da rodovia, foi elaborado pelo INCRA, o Projeto Integrado de Colonização Altamira - 1 (PIC - Altamira - 1), a ser implementado próximo a região do Xingu, tendo como epicentro o município de Altamira e seu entorno. Esse projeto seria o primeiro de outros concentrados em outras cidades polo, e **possuía uma tabela das áreas pobres do Nordeste, de maior capacidade de expulsão, de onde seriam atraídos os colonos para a Transamazônica** (Souza, 2020, p. 56, grifos nossos).

Sob essa ótica, ganha particular relevância a percepção das diferentes estratégias utilizadas para convencer as famílias nordestinas para a ocupação daquele território: a tabela a que o autor faz referência destaca os estados com maior capacidade de “expulsão”, sendo o Maranhão com 24.270 famílias, Piauí com 6.229, Ceará com 13.152, Rio Grande do Norte com 6.588, Paraíba com 17.826, Pernambuco com 21.350, Alagoas com 8.684, Sergipe com 705 e Bahia com 5.144, famílias (Souza, 2020).

De acordo com Silva (2008, p. 68):

O PIC Altamira - I correspondia a uma área de 350.000 ha., cobrindo uma faixa de 20 a 24 km de largura ao longo de 150 km da rodovia Transamazônica, a partir do seu km 20. O programa de ocupação se caracterizava pelo assentamento em lotes de 500 hectares situados às margens da Transamazônica e de 100 hectares em suas estradas transversais, até dez quilômetros mata adentro. Compreendia também a construção de agrovilas<sup>19</sup> e agrópolis que seriam ocupadas pelas famílias migrantes.

A autora apresenta os dois tipos de colonização vigentes neste processo: um oficial e outra espontânea. Neste sentido, esclarece:

A *colonização oficial* implementada pelo governo federal foi denominada nos projetos de *colonização dirigida*, porque se encarregava da arregimentação de famílias para a Transamazônica e também coordenava o processo de deslocamento e assentamento nas terras loteadas pelo INCRA. A denominada *colonização espontânea* se caracteriza pela forma de deslocamento efetivada com recursos e mecanismos das próprias famílias. Ressalta-se que esse tipo de deslocamento para essa região é anterior a construção da Rodovia Transamazônica, sendo de fato, estimulada e reforçada por esta (Silva, 2008, p. 54).

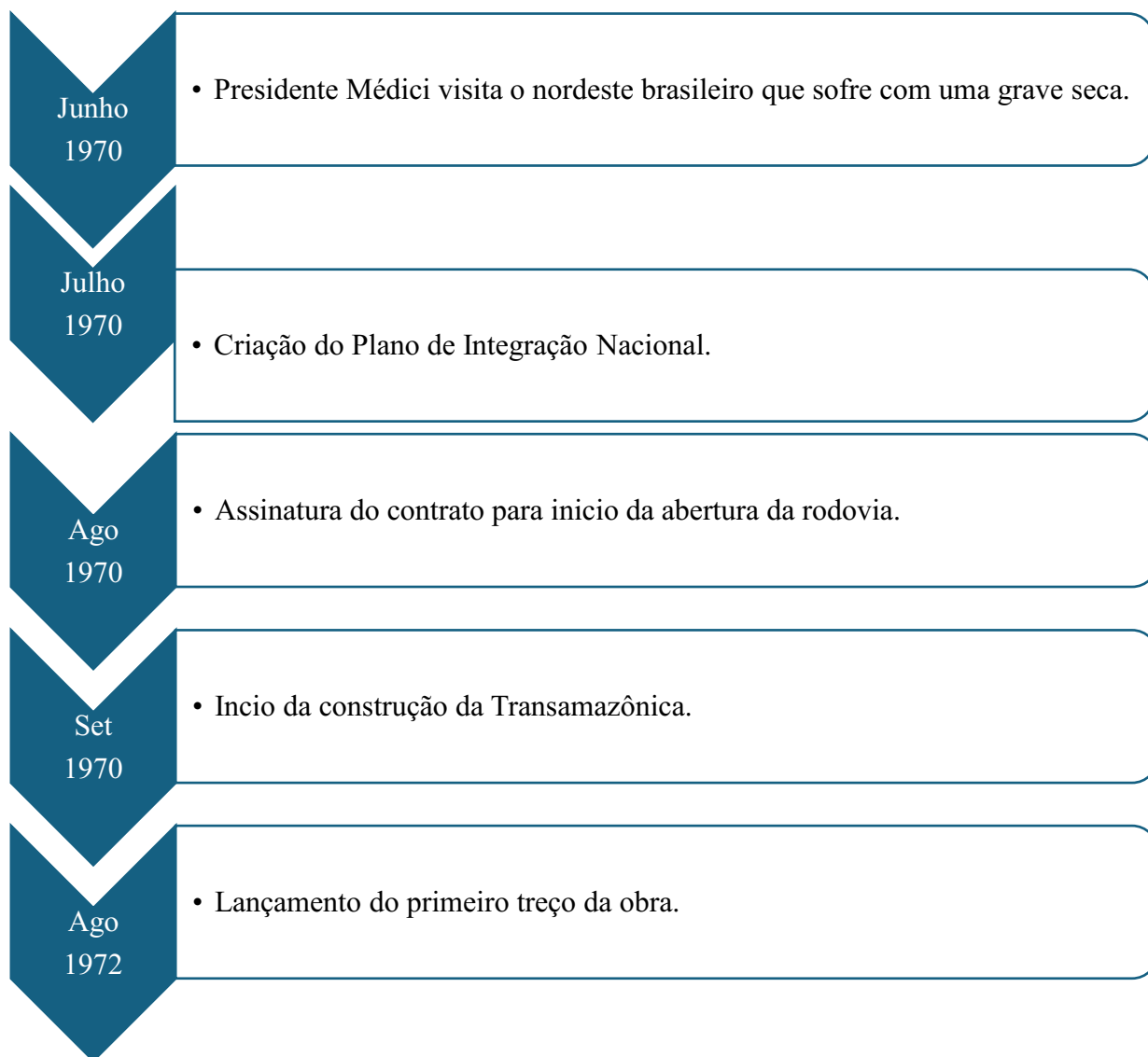
É interessante trazer à baila o fato de que a mídia, de modo geral, a serviço do governo, apresentava os ideais dessa empreitada como sendo uma das melhores alternativas que o governo poderia propor para a escassez de água e alimentos no Nordeste brasileiro. Viver à sombra das árvores na Amazônia e daquilo que a floresta, como uma mãe, lhes ofereceria, seria um sonho possível de se tornar realidade.

Neste contexto, Walter *et al.* (1997) relatam que:

Os objetivos da colonização da Transamazônica eram, principalmente, ocupar o espaço amazônico e resolver os problemas sociais do Nordeste, integrando à economia nacional amplos contingentes da população, antes envolvidas na economia de subsistência e, portanto, condenados à estagnação tecnológica e à perpetuação de um drama social intolerável (Walter *et al.*, 1997, p. 12).

Cabe apontar que, frente ao ideal de ocupação e resistentes à toda tentativa de esclarecimento sobre os impactos e os gastos exorbitantes para tal, os militares seguiram seu plano de colonização da Amazônia sem prever as consequências funestas de tal ação (Menezes, 1998). A seguir, é possível perceber a cronologia dos anos iniciais de construção da Transamazônica.

**Figura 14** – A construção da Rodovia Transamazônica



Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme afirmado por Silva (2008, p. 49): “a realidade daqueles meses de construção provocou efeitos intensos na vida dos que lá viviam antes da estrada e que foram trabalhar na sua construção”. A fala do entrevistado Tarcísio Silva, que nasceu na cidade de Altamira-Pará, no ano de 1971, e que viveu nesta cidade até o ano de 2005, retrata essa realidade:

*Então você tinha dois grupos. Famílias que tinham já para onde ir e famílias que não sabiam para onde iam. O governo militar fez esse chamamento. Chega até ser irresponsabilidade na época. Fez esse chamamento geral e chamou muitas famílias. E aí não tinha estrutura. Não tinha estrutura de escola, não tinha estrutura de saúde. Não tinha nem estrutura de estradas naquela época. Apoio à produção e tal. **Eles foram literalmente lançados no meio da floresta** (Silva, 2024, grifos nossos).*

Neste contexto, fica claro que não houve uma preocupação quanto aos impactos que aquela colonização causaria. O mais consternador, contudo, é constatar que este projeto provocou um contexto de calamidade semelhante, ou ainda maior que àquele vivenciado pelos homens sem-terra do Nordeste. Tarcísio Silva destaca:

*[...] você tinha, por exemplo, o único hospital regional, vamos dizer de atendimento regional, que era em Altamira. E você tinha gente que percorria 180 quilômetros, pra chegar. Pra gente, a gente não acha muito distante, mas se você for fazer em uma estrada que não tem asfaltamento, isso pode levar até três dias de viagem. Principalmente quando é época de chuvas, né. Então essa era a característica. Muitas mulheres grávidas saíam na rede, que era como eles faziam antigamente (Silva, 2024).*

De acordo com Souza (2020, p. 30): “a Rodovia Transamazônica foi praticamente abandonada logo depois que as obras iniciaram em 01 de setembro de 1970”. Esse fato se explica, segundo as considerações da autora, por que as expectativas e propósitos iniciais parecem ter se dissipado ao longo da construção da rodovia, resultando em conflitos individuais e coletivos que surgiram ou se intensificaram com a construção da Estrada. O Programa de Integração Nacional (PIN) não conseguiu resolver os problemas dos milhares de nordestinos afetados pela pobreza e pela seca, e a integração pretendida não foi plenamente alcançada (Souza, 2020).

É conveniente destacar que:

O percurso da rodovia Transamazônica corta longitudinalmente praticamente todo o norte do Brasil, iniciando-se na cidade de Cabedelo, na Paraíba e projetada para chegar à cidade de Lábrea, no estado do Amazonas. A perspectiva era unir povoados e cidades que antes se comunicavam somente por via fluvial. A intervenção desencadeada na região transformou a paisagem, os povos, a cultura (Souza, 2020, p. 144).

A autora deixa claro que as consequências do ideal de progresso são perceptíveis ainda hoje no interior da Amazônia paraense: se destaca, neste sentido, sobretudo, o fato de que a intervenção resultante da construção da rodovia teve consequências significativas na transformação da paisagem, das comunidades indígenas e da cultura da região.

Além disso, o número incontrolável de migrantes que chegavam na cidade de Altamira sobrecarregava, constantemente, os serviços de saúde já precários. Tornou-se evidente, em

pouco tempo de colonização, que Altamira (polo do processo de colonização) não possuía nenhuma estrutura para comportar aquele processo.

Ao nos reportarmos ao Projeto Integrado de Colonização – PIC –, se faz necessário apresentar a fala do Sr. Dionelson dos Santos, registrada em entrevista ao programa Janela Aberta da TV Nazaré, em março de 2017. Dionelson trabalhou diretamente neste projeto como funcionário do INCRA e, neste contexto, conheceu Serafina Cinque.

*Ela me pedia ajuda [...] Eu fazia o cadastro das famílias dos agricultores, a necessidade de cada um e também nessa outra parte sobre assistência médica... que eu já tinha um conhecimento sobre a fundação SESP que hoje é a FUNASA e eu tinha já feito concurso nesse órgão, eu tava aguardando a minha nomeação. Eu já tinha conhecimentos lá dentro e a venerável irmã Serafina, ela já tinha amizade dentro do hospital público da fundação, o SESP. Então o que houve? Ela através do prefeito, que eu não lembro o nome do prefeito daqueles anos, fez um convênio. Ela entrava na parte da habitação dos carentes, dos desabrigados, a fundação SESP entrava com a parte clínica, no caso a internação (Santos, 2017).*

Dionelson, primo de Serafina Cinque, afirma que realizava esses trabalhos, normalmente, aos finais de semana e feriados, uma vez que durante toda a semana se encontrava ocupado com o trabalho hercúleo do Projeto Integrado de Colonização. É digno de nota neste recorte de sua fala, sobretudo, a tentativa de Serafina Cinque de ampliar forças e parcerias com o objetivo de solucionar a problemática do caos na saúde pública.

Dionelson descreve o processo de acolhimento das gestantes, o acompanhamento durante o parto no hospital e o retorno ao abrigo após o nascimento da criança, enfatizando o cuidado abrangente com as mulheres grávidas e seus bebês:

*Aí foi quando foi criada a Casa da Divina Providência que as gestantes vinham no oitavo mês de gestação, ficavam nesse abrigo, nessa casa. Quando era no dia do parto ia ao hospital da Fundação SESP. Tinha a criança, voltava ao abrigo; na quarentena, após os quarenta dias elas retornavam à colônia. Então houve essa participação minha. Depois eu fiquei totalmente participando quando eu fui nomeado, pedi exoneração do INCRA e passei a ser servidor público do Ministério da Saúde (Santos, 2017).*

As memórias do entrevistado Antônio Rocha corroboram os fatos descritos acima. É digno de nota que o fato de o entrevistado acessar suas lembranças de quando era criança demonstra, entre outras coisas, a importância e o impacto duradouro que certas experiências e figuras marcantes, como a de Serafina Cinque, tiveram em sua vida, a ponto de serem lembradas com clareza e emoção ao longo dos anos.

*Eu me lembro, ali por volta de 1972, ainda criança, aqui na cidade de Altamira, Pará, se via uma jovem freira atendendo as pessoas em um barracão na Travessa Comandante de Castilho onde ela fazia atendimento odontológico e também assistência a mulheres que não tinham acesso à saúde nos hospitais de Altamira. E sim, que naquela época o único hospital maior que se tinha por aqui era o SESP, que*

*era da Fundação Nacional da Saúde, que ficava na rua José Porfirio. Então, desde aquele tempo, essa senhora jovem e freira já atendia esse público (Rocha, 2024).*

A menção ao único hospital de maior porte, na época administrado pela Fundação Nacional de Saúde, ressalta a limitação dos recursos de saúde disponíveis para uma população que crescia de forma vertiginosa cotidianamente. O entrevistado apresenta ainda um breve percurso dos locais de atendimento realizados por Serafina até construir a Casa Divina Providência (1984) nos moldes em que está hoje. Neste sentido, destaca:

*Por volta de 1974, ela passou para um galpão doado pelo INCRA na Travessa Pedro Gomes, entre a Rua Sete de Setembro e hoje Djalma Dutra. Foi quando ela ampliou as suas atividades de assistência social às mulheres que vinham da Transamazônica Leste e Oeste e áreas adjacentes daqui da sede municipal de Altamira. Naquela época de 1974, eu me lembro muito bem que o doutor Claudio Silva Nascimento era um médico também recém-chegado por Altamira e fazia assistência a essas mulheres, principalmente mulheres, também atendia homens, crianças, jovens, mas a prioridade era mulheres, e o doutor Claudio prestava serviços também a ela (Rocha, 2024).*

A imagem abaixo destaca Serafina Cinque em um atendimento a uma criança acompanhada de um médico dos Estados Unidos. Segundo informações contidas na *Positio*, este fato ocorreu em Nova Olinda no Norte-AM (1968). O registro complementa a fala do senhor Antônio, (embora não represente o mesmo contexto), sobretudo, porque destaca a facilidade de convivência e contato de Serafina com médicos renomados, fato que se explica pelas suas habilidades práticas com a enfermagem e por seu desejo constante de solucionar os problemas dos moribundos.

**Figura 15** – Serafina Cinque em atendimento a uma criança com um médico dos EUA



Fonte: Positio Volume II.

Na imagem (que é anterior ao seu segundo período de estada em Altamira), é possível perceber a religiosa ainda com o hábito característico de sua congregação à época: trata-se de

uma vestimenta simples e branca que lhe cobre todo o corpo e que enfatiza, entre outras coisas, o sinal da consagração a Deus, a vida de serviço e humildade, o despojamento. Para os tempos de Transamazônica, no entanto, o uso do hábito já havia sido abolido pela congregação e ela caminhava nas ruas empoeiradas normalmente com chinelos de dedos, saia e camisa branca.

As memórias do Sr. Antônio Rocha possibilitam perceber uma vez mais algumas características da religiosa e enfermeira. Ao descrevê-la como gentil, cortês e sorridente, o entrevistado destaca não apenas suas qualidades pessoais, mas também a forma como ela se relacionava com as pessoas ao seu redor e a maneira como realizava seus atendimentos:

*A irmã Serafina era gentil, cortês, atendia as pessoas com aquele sorriso. Não é à toa que é chamada de anjo bom da Transamazônica e eu creio que foi uma grande mulher que fez uma diferença grande entre as mulheres também daqui de Altamira. É claro que tem outras mulheres que fizeram e fazem e muita coisa aqui pela região da Transamazônica extinguiu, mas a Serafina foi uma dessas que deixou uma marca e um legado grande para o povo Xinguara (Rocha, 2024, grifo nosso).*

As memórias de Tarcísio Silva destacam os esforços de Serafina na tentativa de conseguir apoio para o trabalho social. Neste sentido, é possível perceber que a postura de Serafina, ao solicitar auxílio sem discriminação, sem se importar com afiliações políticas, ou posições hierárquicas e partidárias, evidencia o cerne que norteava suas ações: um compromisso autêntico com a pessoa humana.

*A irmã Serafina dizia assim; olha para pedir ajuda a gente vai pedir ajuda para todo mundo, então não importava se o cara era prefeito não importava se o cara era contra o governo não importava se era um pequeno agricultor. Não importava se era vereador da direita ou da esquerda, de cima ou de baixo, a irmã Serafina sempre ia pedir ajuda, ela sempre ia bater na porta (Silva, 2024).*

Retomando os aspectos da migração e a expansão do processo de colonização da Amazônia, Silva (2008) destaca:

Para algumas famílias, sobretudo as nordestinas, que foram arregimentadas pelo projeto oficial, tudo parecia inusitado, não havia muito tempo para pensar e se organizar. A oportunidade de sair da difícil situação em que viviam vinha pelas mãos do governo, em quem geralmente costumavam confiar. Tanto é que ainda repetem com certo entusiasmo os slogans propagados pelo governo para justificar o projeto de colonização que estava sendo implantado: frases como “terra sem homens para homens sem terra”, ou “integrar para não entregar” são repetidas pelas entrevistadas (os), quando solicitadas para falar sobre o Projeto de colonização do qual fizeram parte (Silva, 2008, p. 63).

Essas famílias, em unanimidade, praticamente, viviam em situações difíceis em suas regiões de origem, e viram na oportunidade de migrar, uma chance de melhorar suas condições de vida. A confiança no governo como agente facilitador desse processo de migração e

colonização é evidenciada pelo entusiasmo com que repetem os slogans propagados pelo governo.

As frases “terra sem homens para homens sem terra” ou “integrar para não entregar” refletem a narrativa oficial que buscava justificar e legitimar o projeto de colonização, destacando a ideia de distribuição de terras e a integração de novas áreas para evitar possíveis conflitos ou invasões. Por trás desses slogans e promessas governamentais, havia, no entanto, uma realidade complexa e desafiadora para as famílias migrantes, que enfrentaram inúmeras dificuldades e adversidades ao se estabelecerem na região da Transamazônica.

Silva (2008) apresenta a realidade da Transamazônica por meio de relatos e análises que destacam os desafios, as conquistas e as transformações vivenciadas pelas mulheres que participaram ativamente da colonização e do desenvolvimento da região. Neste sentido, aborda questões, como a participação das mulheres em espaços públicos, a conciliação entre casamento e atuação social, a importância das pastorais da Igreja Católica na formação de redes de cooperação e solidariedade, a feminização do magistério, a organização comunitária e a luta por direitos e reconhecimento.

Desse modo, se evidencia a complexidade da realidade da Transamazônica, ressaltando as diferentes perspectivas, experiências e desafios enfrentados pelas mulheres que migraram para a região e contribuíram para sua construção social, econômica e política. Silva (2008) destaca a importância da análise crítica desses aspectos para compreender a dinâmica social e cultural da Transamazônica e as lutas das mulheres por igualdade, reconhecimento e participação ativa na sociedade.

É importante destacar que Serafina Cinque contribuiu para a afirmação de inúmeras mulheres da Transamazônica, lhes oferecendo, *a priori*, condições dignas de saúde, acolhimento, formação, educação e profissionalização.

Tarcísio Silva corrobora:

*[...] Foi na casa da irmã Serafina, que começou exatamente... Com mulheres. Com mulheres grávidas, né? E aí era um sufoco, porque muitas vezes essas mulheres não tinham marido. Marido abandonava. Aí você tinha que, por exemplo, fazer todo o pré-natal os dois, três primeiros meses antes do parto acompanhava, levava no médico até o parto e depois disso, né pra ela voltar pra sua casa... Pra seu lote, pra sua área rural... ela pelo menos levava algumas coisinhas, né. Levava a roupinha do menino, uma mamadeira. Então tudo isso, a Serafina junto com a equipe dela, pensou (Silva, 2024).*

A narrativa destaca a situação de vulnerabilidade enfrentada por algumas mulheres grávidas que não contavam com o apoio dos maridos, sendo abandonadas durante a gestação e após o parto. A atuação da irmã Serafina e sua equipe na organização e prestação de cuidados

pré-natais e pós-parto para essas mulheres demonstra um esforço em oferecer suporte e assistência em um contexto desafiador para todos os envolvidos neste processo.

Ressalta-se, neste sentido, a importância da solidariedade e da cooperação para garantir que as gestantes recebam o acompanhamento necessário e tenham condições mínimas para retornar às suas casas e cuidar de seus filhos. Essa memória do entrevistado ilustra não apenas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na região, mas também a resiliência e a capacidade de mobilização e organização para enfrentar esses desafios e promover o bem-estar e a dignidade das mulheres grávidas e mães na Transamazônica.

## **5.2 Educação em saúde: conscientização sobre práticas de saúde, higiene e nutrição**

É conveniente salientar, à luz dos estudos de Carvalho (2021), que apesar de os órgãos competentes terem conhecimento sobre as doenças endêmicas presentes na região da Transamazônica, havia uma lacuna significativa em relação à sua incidência e à estrutura de saúde existente naquele contexto. Essa situação contribuiu significativamente para a desorganização e a incapacidade de atender às demandas de saúde da população que crescia rapidamente devido à migração e colonização impulsionadas pela rodovia.

De acordo com Carvalho (2021, p. 328), “a esquistossomose, doença endêmica, à época, em diversos estados nordestinos, passava a preocupar as instituições integrantes da Operação Oswaldo Cruz”. Neste sentido, a autora é enfática ao afirmar que o coordenador da operação Oswaldo Cruz, à época, o Dr. Brito Bastos alertou o ministério da saúde acerca da possibilidade de aumento da esquistossomose na região da Transamazônica. Segundo Carvalho (2021), o Dr. Brito Bastos:

Acusou o INCRA de não realizar os devidos exames nos migrantes nordestinos. Este, por sua vez, negou os surtos de esquistossomose e se defendeu relatando que havia uma forte triagem dos colonos e voluntários que chegavam para colonizar a rodovia, através de rigorosos exames feitos por uma equipe de médicos que ficava localizada no município de Altamira. Ainda segundo os agentes do INCRA, tanto os colonos que seguiam para a região por intermédio do instituto quanto os voluntários que se deslocavam isoladamente eram submetidos aos exames assim que chegavam a Altamira e, somente depois destes, integravam seus núcleos de habitação e de trabalho (Carvalho, 2021, p. 328).

O governo brasileiro, em contrapartida, tratou de apaziguar as relações entre os agentes da operação Oswaldo Cruz e o INCRA. Neste sentido, o discurso oficial tinha como objetivo transmitir a certeza de que, por meio de um planejamento eficaz e investimentos adequados em saneamento e imunização, seria possível evitar problemas de saúde pública, garantindo, assim,

que o projeto de integração e “conquista” não receberia intercorrências por conta das doenças que surgiam na região (Carvalho, 2021).

Segundo Souza (2015, p. 80):

Sem que ao menos fizessem parte das estatísticas oficiais, muitas pessoas que chegaram por conta própria e que não possuíam documentos de identificação, adoeciam, morriam e eram sepultadas na zona rural, a quilômetros de distância dos cemitérios públicos, hospitais e postos de saúde. Desta forma, um número considerável de casos de enfermos e mortos não constam nos relatórios oficiais, subsistindo quando possível, apenas as memórias sobre eles. **Este quadro leva a crer que os poucos e imprecisos dados disponíveis referentes a mortalidade e enfermidade, devem estar muito abaixo da realidade** (grifos nossos).

A situação descrita pelo autor evidencia incapacidade do sistema de saúde em atender a população migrante e marginalizada. A distância física dos serviços de saúde e a precariedade das condições de vida resultam em um número alarmante de adoecimentos e mortes que sequer passam pelos registrados oficiais.

A prelazia do Xingu, conforme destaca Freitas (2019), se configura como instituição de suma relevância para a população de Altamira e região do Xingu, antes mesmo da construção da Rodovia Transamazônica.

É a Prelazia do Xingu que, em 15 de julho de 1967, em resposta às necessidades crescentes da comunidade, inaugura o hospital São Rafael, criado pelo então bispo Dom Clemente com a ajuda de recursos vindos da Alemanha. Além do hospital São Rafael, a prelazia criou e manteve, por muito tempo, o ambulatório João XXIII. Nestes espaços, Serafina Cinque teve a liberdade para realizar uma variedade de atividades.

Segundo Dom Erwin Krautler, à época padre da Prelazia, o hospital São Rafael: “Era para aquele tempo, um hospital de primeiro mundo, que tinha raio-x, tinha centro cirúrgico, tinha maternidade, tinha laboratório, tudo o que se possa imaginar da década de 1960” (Krautler, 2024).

Sobre o funcionamento do hospital, Umbuzeiro (2012, p. 133) afirma:

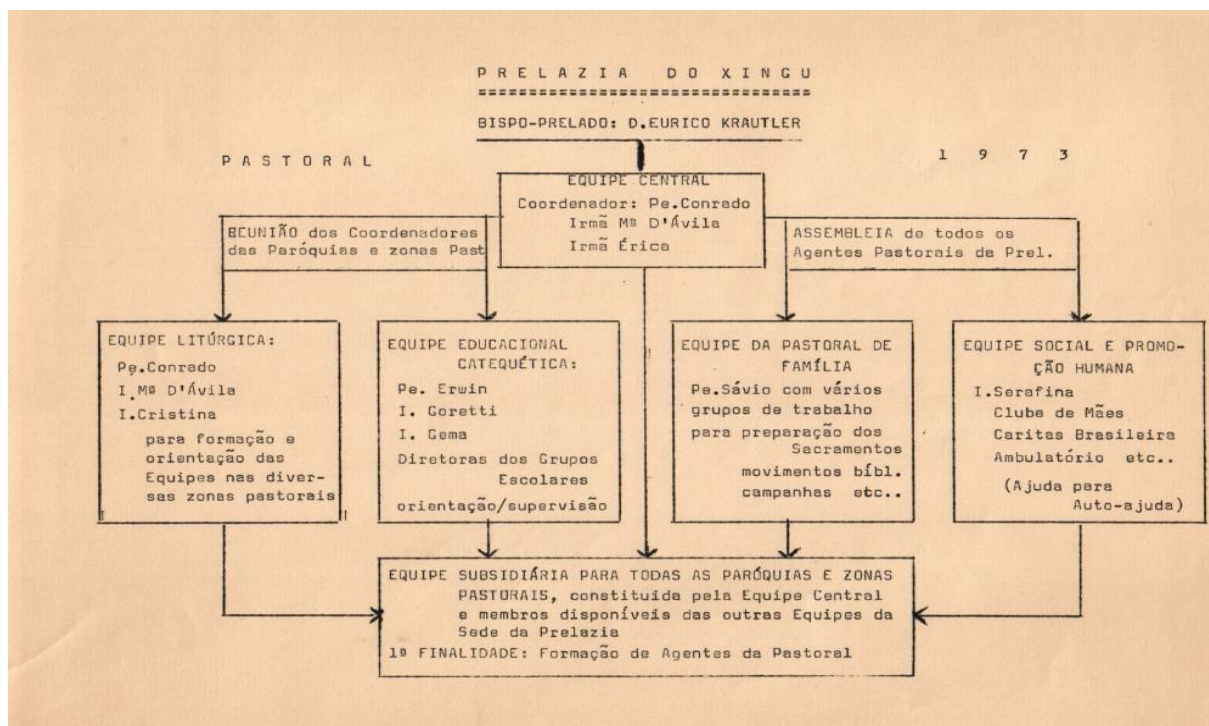
[...] ficou a cargo da Prelazia do Xingú que deveria contratar os serviços médicos, pessoal auxiliar e sua administração. Três jovens enfermeiras vieram da Alemanha, destinadas a instruírem pessoas da cidade para o atendimento e muitos profissionais que hoje trabalham em clínicas particulares e órgãos públicos iniciaram seus trabalhos com elas.

Posteriormente, segundo Krautler (2024), “o governo pegou o hospital, cortou todas essas verbas, porque começou a Transamazônica e não tinha outro jeito para o governo”. Ao abordar esse assunto, Carvalho (2021), além de afirmar que com a abertura da Transamazônica o hospital passa a ser gerido pelo governo, destaca ainda que:

Antes do município de Altamira tornar-se epicentro da construção da rodovia sua densidade demográfica era de mais de 13 mil habitantes em uma área de mais de 153 mil km<sup>2</sup>. Uma unidade sanitária era operada pelo FSESP e havia na cidade o hospital Prelazia do Xingu, com 24 leitos disponíveis precariamente (Carvalho, 2021, p. 322).

Em idos da década de 1970, a Prelazia do Xingu, sob episcopado de Dom Eurico Krautler, estava organizada da seguinte forma:

**Figura 16** – Organização das equipes da prelazia do Xingu - 1973



Fonte: Arquivo das ASC.

É possível perceber que Serafina Cinque é o único nome que compõe a equipe social e de promoção humana. Sob sua responsabilidade, estavam o Clube de Mães, a Caritas Brasileira e o Ambulatório. É digno de nota que este último ponto em destaque no documento, “Ajuda para auto-ajuda”, não conseguimos identificar do que se trata nem como foi desenvolvido.

O Clube das Mães, no contexto de Altamira-Pará, de acordo com Freitas (2019, p. 244):

[...] provia cursos de noções higiênicas, puericultura, cuidados com o recém-nascido e confecção de enxovais que, depois de prontos, eram doados às crianças recém-nascidas da Casa; curso sobre hábitos alimentares, orientação sobre o planejamento familiar, prevenção de doenças, modos contraceptivos e outros. Outro projeto existente na instituição era o projeto de alfabetização, balizado no método freireano, que priorizava a alfabetização de mulheres grávidas’.

A confecção de enxovais para crianças recém-nascidas, juntamente com a oferta de cursos sobre hábitos alimentares, planejamento familiar e prevenção de doenças, reflete uma abordagem integral da educação promovida por Serafina Cinque. Essas iniciativas não

atendiam somente as necessidades práticas das famílias, mas também promoviam a dignidade e o cuidado com a vida, evidenciando um compromisso com o bem-estar das mães e de seus filhos. Tais cursos e atividades visavam a empoderar as mulheres com informações essenciais para a saúde e a educação de suas famílias.

No ambulatório João XXIII, Serafina realiza pequenos atendimentos de saúde; trata-se de casos mais simples que não necessitavam passar por atendimentos médicos. Todavia, é digno de nota que, até mesmo os casos mais simples para aquele contexto demandavam cuidados especiais, haja vista a realidade de transmissão de inúmeras doenças decorrentes da abertura da floresta. A malária, por exemplo, se configura como uma realidade pungente na vida dos trabalhadores da Rodovia.

É neste sentido que Freitas (2019) afirma que Serafina Cinque foi fundamental na construção de hospitais e ambulatórios (na verdade suas ações viabilizaram a agilidade e abrangência dos serviços já oferecidos), que se tornaram espaços de acolhimento e atendimento para doentes, abrangendo homens, mulheres (grávidas ou não) e crianças provenientes tanto da área urbana quanto rural. Segundo a autora, nesses locais, além do atendimento médico, eram realizadas palestras educativas que abordavam temas essenciais relacionados aos cuidados com a saúde do corpo e do ambiente.

Neste sentido, as palestras tinham um enfoque preventivo, abordando questões cruciais, como a maternidade, a alimentação saudável, a vacinação, e a erradicação de doenças, com especial atenção à redução da mortalidade infantil.

Assim, é possível afirmar que, em Altamira, na década de 1970:

[...] medidas como vacinação, limpeza e urbanização das instituições escolares, orientação materno-infantil e acolhimento às grávidas diminuíram o número de atendimentos tanto no hospital quanto na Casa Divina Providência. Isso se deve, também, às ações de Irmã Serafina, enfermeira que ensinou aos pobres os remédios da medicina natural, a serem preparados em casa. Esse entrelaçamento da medicina tradicional/natural não foi um problema, já que muitos médicos, enfermeiras e parteiras que atendiam no Hospital São Rafael e no Ambulatório João XXIII eram sensíveis aos saberes culturais do povo (Freitas, 2019, p. 248).

Identificamos, nesse contexto, um processo educativo que combina saberes tradicionais com conhecimentos da medicina. Assim, Serafina planeja soluções caseiras e naturais para aqueles que não têm alimentos, tampouco remédios para se curar:

[... ] remédios naturais “artesanais”, feitos com as próprias mãos em casa, dos quais ela é grande especialista: farinha com casca de ovo, sopa com restos de comida etc. Esse método, do qual ela é pioneira, seria mais tarde amplamente utilizado na pastoral da criança em todo o Brasil. Todos admiram como tantas mulheres são bem cuidadas na Casa da Divina Providência, para dar à luz um filho, “ganhar um bebê”, como dizem as grávidas, e trazer os filhos para casa, bem nutridos. Não sabemos onde ela

aprendeu esta arte; o fato é que ela usa esse sistema e ensina às mulheres e consegue curar muita gente (Positio II, 2007, p. 594).

Serafina, em meio aos desafios no cuidado de pacientes com inúmeras doenças e a escassez de medicamentos, ensina a população pobre a utilizar remédios da medicina natural, valorizando, assim, os conhecimentos locais.

Tarcisio Silva (2024) recorda que Serafina fora criativa no reaproveitamento dos alimentos e, neste sentido, produziu também uma educação integral para com aqueles que atendia seja no ambulatório, ou na casa Divina Providência.

*Os alimentos tinham que ser reaproveitados, né? Eles eram alimentos que vinham da feira, final de feira, de supermercados... Então, elas trabalhavam também na educação do aproveitamento da alimentação. Coisa que a gente tá vendo agora, né? Porque, tipo assim, o mundo passando fome, né? E a gente tendo que aproveitar alimento. Imagina. E assim, 30 anos atrás já tinha isso aí, né? A primeira coisa era a horta, né? Que tinha lá, ou seja, a gente falou isso, hortas urbanas, né? Virou moda, né? Aí eu vi assim, olhei pra casa da irmã Serafina e falei, ué, horta urbana? A irmã Seraphina já fazia há muito tempo. Entendeu? Ou seja, eles estão tentando inventar uma coisa que já existia, né? Porque ela também trabalhava com isso, né? Ela mostrava lá, né? O que poderia ter, o que era horta aí... Então, tudo isso tá lá dentro de um processo de uma educação integral, né? (Silva, 2024).*

Do mesmo modo, pensando em oferecer melhores condições às grávidas que habitavam no interior dos travessões da Transamazônica, Serafina dá início à formação de mulheres parteiras:

Uma das missões que Irmã Serafina assume é formar parteiras, pois para ela está claro que as estruturas governamentais poderão chegar muito tarde às profundezas da floresta. Muitas mulheres grávidas e trabalhadoras morrem sem assistência, porque permanecem dentro de casa para cuidar da terra e dos seus produtos; seus parceiros não se preocupam muito com isso, pois muitas vezes trabalham em outros locais distantes de casa (Positio II, 2007, p. 594).

Freitas (2019) afirma que Serafina, em ação conjunta com o Serviço de Saúde Pública do Pará, atuou na formação de cerca de 700 mulheres parteiras. Consequentemente; “essas mulheres eram respeitadas e valorizadas em suas comunidades, em razão dos saberes populares da medicina caseira” (Freitas, 2019, p. 234).

Além disso, se destaca o fato de que a receptividade e sensibilidade dos poucos médicos em relação aos saberes culturais da comunidade, seja em relação aos remédios caseiros ou em relação às parteiras, possibilita o desenvolvimento de uma abordagem integrativa na qual a medicina tradicional é respeitada e incorporada ao cuidado de saúde. Esse fato cria um ambiente de aprendizado mútuo e de colaboração.

Serafina é peça chave nesse processo. Apresentava, neste sentido, uma postura de respeito e humildade em relação aos médicos, buscando sempre aprender com eles e, ao mesmo tempo, informá-los sobre as práticas e saberes das mães e parteiras locais. Essa interação

permitia que os médicos compreendessem melhor as necessidades da população e as particularidades culturais que influenciavam os cuidados de saúde (Freitas, 2019).

Como estava constantemente acompanhando grávidas e doentes no hospital, seu acesso e contato com os médicos era facilitado. Sua posição como enfermeira e sua atuação na comunidade de Altamira a tornaram uma figura respeitada e confiável.

### **5.3 A Casa Divina Providência**

Como há pouco mencionamos, a situação crítica resultante da migração em massa ao longo da Transamazônica sobrecarregou a cidade de Altamira e expôs a falta de estrutura e preparo para lidar com o grande fluxo de pessoas. Naturalmente, a falta de estrutura da cidade para acolher tantos migrantes revela a dimensão do desafio enfrentado pelas autoridades.

A desorientação frente ao fenômeno do fluxo migratório parece atingir a todos, autoridades civis, INCRA, religiosos, bispo etc.: parece haver uma sensação de impotência frente a essa realidade. É fato, no entanto, que a negligência de algumas autoridades contribuiu para agravar ainda mais e fortalecer a perpetuação dos problemas sociais, estruturais e humanitários gerados pela migração em massa.

Neste cenário de caos, Serafina Cinque é para os mais fragilizados uma última esperança. Neste sentido, Freitas salienta que:

[...] em uma região onde faltavam médicos, ela foi enfermeira; onde faltavam advogadas, ela foi defensora dos direitos dos excluídos; onde faltava ação social, implantou a equipe social e promoção humana; onde não havia educação, ela foi educadora. E onde não havia políticas públicas para a infância, ela assistiu e protegeu a criança pobre, abandonada e órfã (Freitas, 2019, p. 204).

Evidencia-se, desta forma, a atuação multifacetada de Serafina Cinque em meio às carências e desafios enfrentados pela comunidade de Altamira. Sua dedicação e compromisso com o bem-estar dos mais necessitados a fez desempenhar papéis essenciais em diversas áreas em que a assistência era escassa.

Ao atuar como enfermeira em uma região carente de médicos, Serafina demonstrou sua disposição para suprir necessidades urgentes de saúde. Além disso, assumindo o papel de defensora dos direitos dos excluídos em um contexto no qual faltavam advogados, ela se posicionou como uma voz em prol da justiça e da igualdade (Freitas, 2019).

Silvio Cinque destaca que:

Em suas conversas ela falava apenas de um trabalho que realizava em Altamira para os pobres e mulheres grávidas. Conheci alguns industriais e ela me perguntou seus nomes e endereços, para pedir ajuda para este trabalho em Altamira. Ela fez o mesmo

em São Paulo. Outra coisa que admirei na minha irmã foi a coragem de pedir, de implorar pelos pobres que não a deixavam descansar (Positio II, 2007, p. 689).

De fato, Serafina falava a todos sobre a obra que realizava em Altamira e o seu objetivo era basicamente ampliar forças para ajudar aqueles que mais necessitavam. A fala do sr. Silvio Cinque, seu irmão mais novo, apresenta bem o perfil de Serafina e suas tentativas de conseguir apoio para o trabalho com os pobres e mulheres grávidas. Seus pobres não a deixavam descansar, enfatiza.

A implantação de equipes sociais e de promoção humana demonstram sua visão abrangente em relação às necessidades da comunidade, buscando não apenas soluções imediatas, mas também a promoção do desenvolvimento humano e social contínuos. É digno de nota que essa é uma preocupação da Prelazia do Xingu, que encontra em Serafina a pedra de toque para realizar esse trabalho hercúleo. Além disso, como outrora afirmamos, sua atuação como educadora e religiosa reflete seu compromisso em fazer muito mais que o mero assistencialismo; objetiva criar as oportunidades para que o povo saia da condição de opressão.

É necessário destacar que, das inúmeras ações visando minimizar os impactos sociais decorrentes da abertura da Transamazônica desenvolvidas no contexto de Altamira-PA, uma se reveste de importância ímpar: a Casa Divina Providência, ou Casa Irmã Serafina, como é mais conhecida na região. É neste local onde se circunscreve os maiores esforços de Serafina Cinque e seu trabalho com os pobres, doentes, grávidas e órfãos.

É possível perceber, pelos registros internos da Casa, que boa parte daqueles que eram atendidos ali passavam dias, ou semanas à espera de condições de atendimento médico, ou de melhores condições das estradas para retornarem aos interiores longínquos dos travessões da Transamazônica. Desse modo, enquanto estavam como hóspedes da Casa eram incluídos em alguma tarefa ou lição moral, dentre as quais é possível destacar:

a) Trabalhos manuais: tapeçaria, bordado, pintura, crochê e costura; b) Medicina caseira; c) Orientação Religiosa: os sacramentos e pastoral familiar, campanha da fraternidade, os mandamentos da Lei de Deus, os mandamentos da Igreja e liturgia; d) Aleitamento materno: desenvolvimento e crescimento infantil, imunização, prevenção de doenças; e) Pré-Natal: orientação quanto a doenças sexualmente transmissíveis e higiene; f) Espaçamento entre os partos: planejamento familiar: sexualidade, conhecendo o corpo humano, formas de evitar gravidez, dentre outros temas; g) Prevenção das doenças: higiene corporal e ambiental. h) Alfabetização, por meio do método Paulo Freire. A cada 30 gestantes, cinco foram alfabetizadas e saíram aptas para leitura e escrita. As demais assinavam o nome e liam pequenas frases. Por meio do método Paulo Freire, objetivam os alfabetizadores promover debates críticos sobre a realidade social, política e econômica da comunidade (Regimento Interno, 1979a).

Acerca do item “f”, do regimento interno da Casa Divina Providência, Freitas (2019) afirma que se tratava de orientações pertinentes aos métodos naturais, dentre eles, o Método de

Ovulação Billings. Este método é cientificamente comprovado, 100% natural e vem sendo defendido pela Igreja Católica desde a gênese de sua descoberta, na Austrália, em idos dos anos 1953, pelo casal de médicos John e Evelyn Billings.

O método consiste basicamente na observação das mudanças do muco cervical e das sensações na vulva ao longo do ciclo menstrual, seguido de restrita observância às regras de cada período do ciclo: a partir desses pressupostos, é possível, segundo as regras do método, evitar a gravidez, ou espaçar – (termo comumente utilizado por adeptos do método).

A igreja católica aconselha o uso do Método de Ovulação Billings, de maneira restrita a pessoas casadas, uma vez que o uso deste método de forma indiscriminada, isto é, com parceiros diferentes acarreta o risco de contaminação por IST's, haja vista se tratar de um método natural.

No que se refere aos processos de alfabetização pelo método freiriano na Casa Divina Providência, é possível afirmar:

[...] trocavam saberes experienciais que fluíam pelos atos, de quem sabe-e-faz, ensina-e-aprende. Essa troca de aprendizado acontecia na Casa, por meio de relações dialógicas, observações livres e dirigidas e conversação, cujo objetivo era fazer surgir novas formas sociais de condução do processo de aprender-e-ensinar. Todo trabalho pedagógico era conduzido pautado, preferencialmente, nas formas livres, familiares e ou comunitárias de educação (Freitas, 2019, p. 215).

Podemos perceber, conforme citado acima, que os serviços prestados na Casa estavam muito além de uma mera política assistencialista. Contudo, é pertinente trazer à baila o fato de que os tempos são outros e, embora as mazelas sociais, ainda sejam, em certo nível, incomodamente pertinentes naquele contexto, e a Casa Divina Providência resguarde muito de sua essência, nem todos os serviços há pouco destacados são realizados na atualidade no interior da Casa.

Na atualidade, os serviços prestados na Casa se configuram no acolhimento 24h de grávidas e doentes, no oferecimento de 4 refeições diárias, no traslado diário para hospitais e clínicas e nas celebrações, como missas, novenas e adorações àqueles que têm interesse de participar.

Como foi possível perceber na fala do entrevistado Antônio Rocha, no tópico anterior, a Casa Divina Providência é resultado de um desejo antigo de Serafina Cinque. O seu trabalho de assistência social na cidade de Altamira-Pará começa com as grávidas que, oriundas dos inúmeros travessões que cortam a Transamazônica, se dirigiam ao único hospital da região, muitas delas tendo que ser transportadas em redes e caminhões, conforme destacou o entrevistado Tarcísio Silva.

Inicialmente, o atendimento era realizado em barracões e galpões improvisados. Com o passar do tempo, às grávidas somaram-se todo tipo de doentes, dentre eles, tuberculosos e hansenianos, o que gerou espanto e preocupação com a constatação de que os primeiros espaços já não eram suficientes para a realização daqueles atendimentos.

Tarcísio Silva corrobora:

*Foi quando começou abrigar pessoas que estavam muito doentes. É, pessoas que tinham enfermidades muito graves, né? Câncer, leishmaniose, tuberculose, e tal, tudo isso. E aí, eles começaram abrigar também dentro da casa. (Silva, 2024).*

Conforme os relatórios e as falas dos entrevistados, é possível inferir que recusar um doente ou grávida que lhe pedisse ajuda seria negligência grave que não se encaixaria no perfil de Serafina Cinque. Por isso, preferia correr o risco de unir em um mesmo local doentes de diferentes enfermidades com grávidas e lactantes do que deixar em desabrigo um daqueles que lhe pediam socorro.

**Figura 17** – Segunda sede da Casa Divina Providência



Fonte: Positio Volume II.

A segunda sede da casa Divina Providência estava localizada na travessa Comandante Castilho. Ao perceber que o local, inicialmente disponibilizado para suas atividades se tornou pequeno diante da demanda e da necessidade de espaço adequado, Serafina não hesitou em buscar alternativas para ampliar suas instalações.

A atitude de solicitar aos padres a cessão de quartos adicionais demonstra a capacidade de liderança e a iniciativa da irmã Serafina em superar desafios e encontrar soluções para atender às necessidades daqueles que continuamente procuram por seu trabalho. Do mesmo modo, a disposição dos padres em colaborar e apoiá-la, ressalta o reconhecimento do seu trabalho e a valorização de suas ações em prol da comunidade.

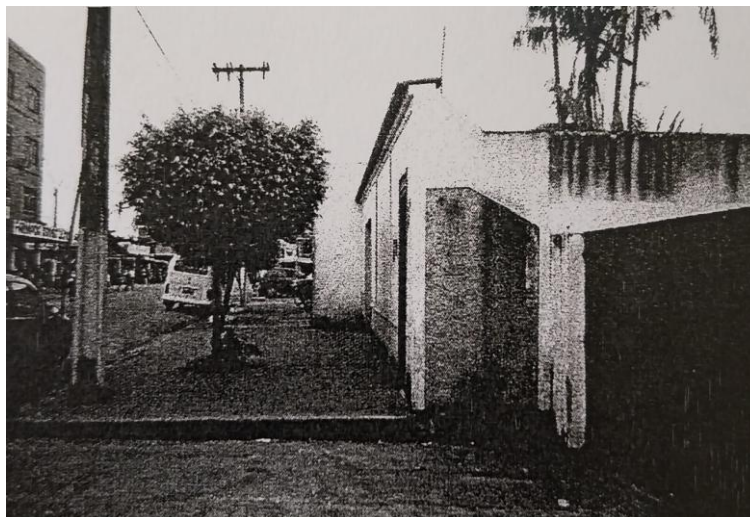
**Figura 18** – Terceira sede da Casa Divina Providência – Trav. Comandante Castilhos



Fonte: Positio Volume II.

Este local em pouco tempo também se tornou inadequado, dada a demanda crescente de pessoas necessitadas de acolhimento e tratamento. A persistência de Serafina na busca por soluções, mesmo diante de obstáculos, demonstra sua determinação para garantir o melhor atendimento possível para as pessoas sob seus cuidados. Abaixo, é possível verificar a quarta sede da Casa Divina Providência.

**Figura 19** – Quarta sede da Casa Divina Providência – Trav. Pedro Gomes



Fonte: Positio Volume II.

A casa também se tornou pequena em pouco tempo. Logo, Serafina não tardou em procurar ajuda novamente:

Irmã Serafina, portanto, em colaboração com um ex-aluno do Instituto Maria De Mattias, Sr. Jephthe de Moraes Feitosa, funcionário do INCRA, instou o gestor do INCRA a ceder dois quartos para receber os enfermos e gestantes, isso foi concedido a ela. Os quartos permaneceram num prédio que foi sede do INCRA, na Travessa Pedro Gomes, atual número 526, e hoje é uma residência que permanece ao lado do Hospital Geral de Altamira. Distância de 1,4 km do Instituto Maria De Mattias (Positio II, 2007, p. 808).

As fotografias destacadas acima foram registradas no ano de 2001 e compõem o corpus documental da *positio* volume II. Não conseguimos ter acesso às fotografias da primeira casa utilizada por Serafina em seus atendimentos, mas, segundo os relatos do entrevistado Antônio Rocha, este local estava situado à Travessa Comandante de Castilho. O local seria um barracão “onde ela fazia atendimento odontológico e assistência a mulheres que não tinham acesso à saúde nos hospitais de Altamira” (Rocha, 2024).

O entrevistado afirma ainda:

*Eu me lembro que no início do projeto de assistência social, eu mesmo me consultei com ela, os assistentes dela, ali por volta de 72, 73, 74, umas duas, três vezes, pra consulta normal, que também atendia homem, como já frisei, e também para extração de dente. Eu me lembro muito bem que uma vez eu fui extrair um dente lá no galpão da Pedro Gomes, entre a Djalma e a Sede de Setembro, e eu me lembro que eu fiz essa extração de dente lá com ela, porque em Altamira dentista só tinha dois ou três. Aí quando apareceu uma oportunidade dessa, a gente caía pra lá, porque era de graça, não pagava nada, né? (Rocha, 2024).*

O relato enfatiza a gratuidade dos serviços prestados, o que tornava essas oportunidades de atendimento ainda mais valiosas para aqueles que não tinham acesso fácil a profissionais de saúde. A fala de Tarcisio de Feitosa da Silva nos possibilita a percepção da abrangência e da referência que se tornou a Casa Divina Providência com o passar dos anos.

*Tinha um livro lá gigante, que tinha o registro de onde vinham todas as mulheres. [...] Eu cheguei a ver mulheres que vinham de Almeirim, vinham de Gurupá, vinham do outro lado do Rio Amazonas, para ficar ali naquela casa (Silva, 2024).*

O entrevistado afirma que ele mesmo chegou a levar para a Casa inúmeras mulheres que necessitavam de atendimentos, dentre elas, mulheres indígenas e ribeirinhas.

**Figura 20** – Fachada atual da Casa Divina Providência – Julho de 2023



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Atualmente, a Casa está localizada à rua Padre Antônio Vieira, nº 214 – Bairro Brasília – Altamira-Pará. Conta com o apoio de 16 colaboradores que se dividem nas funções de recepcionistas, técnico de enfermagem, zeladores, cozinheiros, motorista, cuidadores, secretária.

Construída com recursos vindos da Alemanha e Áustria, sob a influência do padre Frederico Tscholl e do então bispo da prelazia do Xingu, Dom Erwin Krautler, a Casa foi inaugurada do ano de 1984 e é mantida pelas obras sociais da diocese de Xingu-Altamira, pelas ajudas de diferentes entidades da sociedade civil, amigos da obra, dentre outros. A administração é realizada pelas Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo que residem neste mesmo local.

Sobre a Casa, Tarcísio Silva destaca:

*[...] acho que a experiencia da Casa irmã Serafina deve ser uma das únicas na Amazonia se eu não me engano. Não encontrei ainda, e olha que eu já rodei a Amazônia quase de ponta a ponta e eu nunca encontrei uma outra casa similar, que faz essa recepção né três ou quatro meses antes das mulheres parirem né, faz um processo de educação, tem todo um processo de educação lá na casa, delas aprenderem a costurar, aprender a amamentar...tem toda uma educação, educação para a maternidade, alimentações saudáveis (Silva, 2024).*

É digno de nota que a fala do entrevistado repercute determinado tempo vivenciado pela Casa Divina Providência. Nos dias atuais, por exemplo, não há mais a necessidade de as grávidas serem abrigadas na Casa com meses de antecedência, graças a alguns avanços e melhorias nas condições das estradas que cortam a Transamazônica facilitando, portanto, a circulação, a ampliação de atendimento de saúde na cidade de Altamira, acompanhamento pré-natal realizado de forma organizada, dentre outros fatores.

Segundo os relatórios internos da Casa, no ano de 2008, foram realizados 1907 atendimentos a pessoas doentes e 298 atendimentos a gestantes. A tabela 6 e 7 nos possibilitam um panorama dos municípios de origem dessas pessoas.

**Tabela 6** – Atendimentos a pessoas doentes no ano de 2008

| <b>Localidades</b> | <b>Quantidade de Pessoas Atendidas</b> |
|--------------------|----------------------------------------|
| Altamira           | 21                                     |
| Brasil Novo        | 14                                     |
| Medicilândia       | 197                                    |
| Uruará             | 315                                    |
| Placas             | 10                                     |
| Rurópolis          | 04                                     |

|                       |     |
|-----------------------|-----|
| Rondon                | 01  |
| Itaituba              | 05  |
| Castelo dos.Sonhos    | 02  |
| Anapu                 | 384 |
| Pacaja                | 627 |
| Marabá                | 03  |
| R.Iriri               | 03  |
| Vitória do Xingu      | 22  |
| Senador José Porfírio | 177 |
| Porto de Moz          | 95  |
| Almerim               | 23  |
| Gurupá                | 03  |
| São Paulo             | 01  |

Fonte: Arquivo da Casa Divina Providência.

O município de Pacajá, distante cerca de 216 quilômetros de Altamira, foi o que apresentou maior número de pacientes atendidos (627), seguido de Anapú, que está localizado a uma distância de, aproximadamente, 138 quilômetros de Altamira, com 384 pacientes. É digno de nota o registro de pacientes de localidades extremamente longínquas, como a localidade Castelo dos Sonhos, distante, cerca de, 1000 quilômetros de Altamira.

**Tabela 7** – Atendimentos a gestantes no ano de 2008

| <b>Localidades</b>    | <b>Quantidade de Gestantes Atendidas</b> |
|-----------------------|------------------------------------------|
| Altamira              | 13                                       |
| Brasil Novo           | 04                                       |
| Medicilândia          | 18                                       |
| Uruará                | 14                                       |
| Vitória do Xingu      | 11                                       |
| Senador José Porfírio | 86                                       |
| Anapu                 | 69                                       |
| Pacajá                | 82                                       |
| Repartimento          | 01                                       |

Fonte: Arquivo da Casa Divina Providência.

Destacam-se os números apresentados pelos municípios Senador José Porfírio, distante, cerca de, 142 quilômetros da cidade de Altamira, Anapú e Pacajá uma vez mais.

Em 2022, 327 homens, 498 mulheres, 146 crianças e 445 acompanhantes se hospedaram na Casa para realizar algum procedimento de saúde na cidade de Altamira. O relatório deste

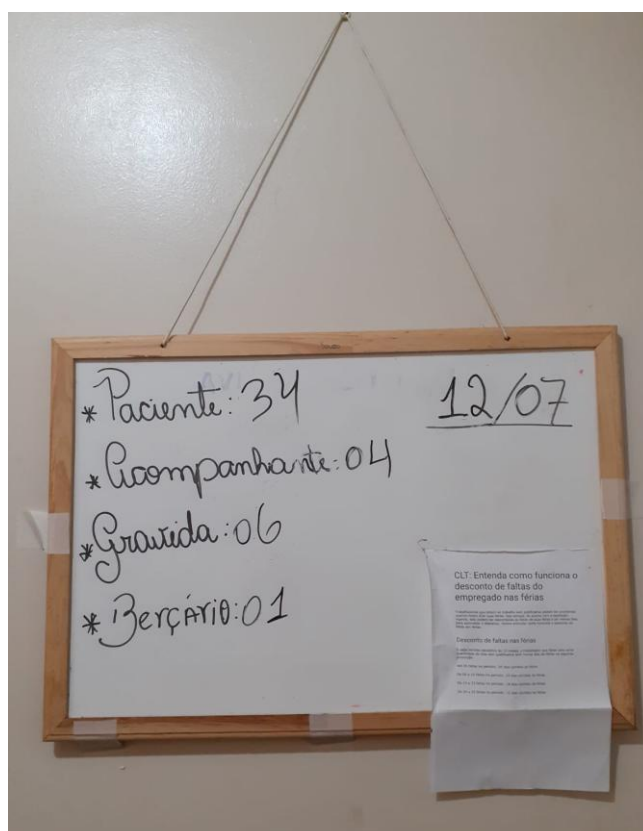
ano destaca ainda um quantitativo de 64 gestantes, 44 parturientes e 93 acompanhantes (Casa Divina Providência, 2022).

O relatório de 2023 apresenta o quantitativo de 1098 doentes e 471 acompanhantes. Destaca-se, ainda, o número de 114 gestantes e 100 acompanhantes. Diariamente, na Casa e Refúgio, são servidas 4 refeições; café da manhã, almoço, jantar e lanche da noite. Em 2023, foram servidas 7.636 refeições para gestantes/parturientes e acompanhantes e 31.598 refeições para pacientes e acompanhantes (Casa Divina Providência, 2023).

Na atualidade, embora algumas grávidas passem períodos mais estendidos, como, cerca de uma a duas semanas alojadas na Casa, nada se compara aos tempos de abertura da Transamazônica e expansão da colonização. Além disso, se destaca que, nos dias atuais, o processo formativo oferecido às grávidas acolhidas na Casa, dada a pouca quantidade de religiosas da congregação das ASC, não é contínuo e não ocorre com a mesma intensidade dos anos passados.

Embora o registro abaixo (assim como os dados de atendimentos acima mencionados) não se encontre no recorte temporal estabelecido para esta pesquisa, optamos por apresentá-lo somente para identificarmos a continuidade dos trabalhos prestados na Casa Divina Providência na atualidade.

**Figura 21** – Quantitativo de atendimentos – Julho de 2023



Fonte: Arquivo da pesquisa.

O registro foi realizado no dia 12 de julho de 2023 e apresenta um quantitativo dos atendimentos realizados na Casa e no refúgio.

**Figura 22** – Mulheres acolhidas na Casa Divina Providência



Fonte: Arquivo Casa Divina Providência.

Serafina e sua equipe não tardaram em perceber que seria arriscado deixar doentes e grávidas reunidos no mesmo espaço. Logo, assim que as acomodações lhe permitiram maiores possibilidades de organização, começaram a surgir os primeiros indícios daquilo que viria a ser o Refúgio São Gaspar (construído em 1989), localizado no mesmo espaço da Casa Divina Providência, constituindo, assim, uma espécie de anexo.

**Figura 23** – Refúgio São Gaspar e Casa Divina Providência



Fonte: Arquivo das Adoradoras do Sangue de Cristo.

No refúgio, são acolhidos os doentes e acompanhantes. Há quartos com camas e espaços para atar redes. As pessoas que circulam nesse espaço, normalmente, não são autorizadas a ter acesso à ala onde ficam as grávidas e lactantes. A imagem abaixo registra o embarque de grávidas e pacientes do refúgio São Gaspar na van que pertence à Casa Divina Providência.

**Figura 24** – Embarque de grávidas e doentes na Casa Divina Providência



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Diariamente, em horário preestabelecido, o transporte é realizado para deixá-los nos hospitais onde realizarão atendimentos de saúde. Posteriormente, a van os recolhe novamente para as dependências da Casa e do Refúgio.

Freitas (2019) critica os ideais higienistas que norteavam a política social da Casa Divina Providência, em idos da década de 1970 e 1980. Neste sentido, o higienismo é caracterizado/descrito como um conjunto de ideais e práticas voltadas para a promoção da saúde pública e da moralidade, frequentemente ligadas a um projeto civilizatório. Essa abordagem se expressa por meio de intervenções destinadas a erradicar doenças, aprimorar as condições de vida e influenciar comportamentos sociais, especialmente entre as classes mais desfavorecidas.

Para Freitas (2019), a ênfase na educação moral e religiosa, fundamentada em princípios higiênicos oferecidos pela Casa Divina Providência visava a moldar comportamentos e valores que atendiam a padrões sociais expressos pelo higienismo. É possível afirmar que, segundo esses ideais, a proteção da saúde materno-infantil, embora importante, era muitas vezes imposta de maneira que desconsiderava a autonomia das mulheres, reduzindo-as à formação de cidadãos “virtuosos”.

Contudo, salienta que:

Como importante espaço de formação doméstica, religiosa, social e moral dos sujeitos, essa instituição, enquanto ação caritativa, acolheu e educou a mulher e a infância e, ao mesmo tempo em que disciplinava, buscava desenvolver novos conhecimentos, habilidades e atitudes a partir de princípios cristãos (Freitas, 2019, p. 217).

Embora a instituição tenha se adaptado e incorporado práticas higienistas em determinadas situações, seu objetivo principal era oferecer assistência e proteção às mulheres grávidas em situação de vulnerabilidade. A Casa buscava proporcionar abrigo, alimentação e apoio pré e pós-parto, o que vai além da mera aplicação de princípios higienistas. Essa atuação na Casa era motivada por valores de solidariedade e caridade que refletiam uma preocupação com o bem-estar humano. Logo, transcendiam as intervenções puramente sanitárias e moralizadoras.

Nossa entrevistada, irmã Socorro Rocha, afirma que até os últimos dias de vida, já em seu leito com quadro terminal de câncer, a religiosa não deixou em nenhum momento de pensar em novas possibilidades que oferecessem à obra em Altamira e a seus assistidos melhores condições.

*Mesmo no leito de dor já em Manaus, onde faleceu, nos últimos dias de vida ainda pensava como conseguir comprar um carro novo e maior para a casa Divina Providência em vista de levar os doentes da casa para o Hospital ou mesmo ir buscar nos travessões da Transamazônica em tempos de fortes chuvas. Isto ela falava para as irmãs quando iam visitá-la no seu quarto (Rocha, 2024).*

A narrativa acima reflete um espírito de serviço e, conseqüentemente, uma visão prática e humanitária, que vai além das limitações físicas que nossa sujeita de pesquisa enfrentava.

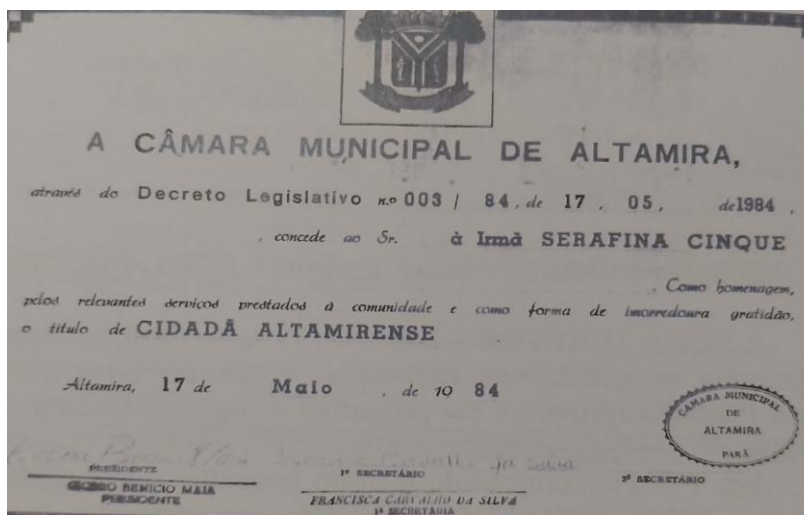
#### **5.4 Títulos e honrarias**

A análise pormenorizada das falas dos nossos entrevistados, dos documentos e fotografias nos permitem inferir que Serafina nutria uma preocupação genuína e desinteressada pelo ser humano e, conseqüentemente, nas ações que desenvolvia. Não conseguimos identificar de sua parte nenhuma tentativa de autorreferencialismo, seja na vida religiosa, como enfermeira ou como educadora. A centralidade de suas ações está sempre dirigida para o outro.

Serafina certamente não estava preocupada com o reconhecimento ou não pelas ações que desenvolvia. Contudo, buscando compreender o diferencial que essa mulher causou nas regiões em que atuou, nos deparamos com menções honrosas, títulos, homenagens com nomes de escolas, centros sociais, dentre outras manifestações de respeito e gratidão por seus serviços prestados e vida oferecida.

Optamos por apresentar estes títulos e honrarias começando por aqueles que Serafina recebeu em vida e no período em que residia na cidade de Altamira-Pará.

**Figura 25** – Título de Cidadã Altamirense



Fonte: Positio volume II.

É interessante destacar as expressões utilizadas no título de cidadã altamirense: “pelos relevantes serviços prestados e como forma de imorredoura gratidão”. De fato, as expressões utilizadas destacam o sentimento que o povo de Altamira nutre por Serafina Cinque.

Com todos aqueles que tivemos a oportunidade de dialogar sobre Serafina, mesmo os que não a conheceram pessoalmente, mas que ouviram relatos de seus avós, pais ou conhecidos, se constata uma expressão de gratidão pelo trabalho e dedicação dessa mulher. De fato, há um sentimento coletivo na população de Altamira de uma “imorredoura gratidão” pela vida de Serafina Cinque.

**Figura 26** – Homenagem Lions Clube



Fonte: Arquivo das Adoradoras do Sangue de Cristo.

O diploma de homenagem inicia com a expressão “a você mamãe” e, de fato, Serafina vivenciou com alguns uma relação muito mais próxima do que aquela realizada nos atendimentos na Casa, no ambulatório e na escola. É o caso da sra. Teresa Pereira, nossa entrevistada, que conheceu Serafina quando ainda era jovem dotada de certa rebeldia, vivendo inúmeras aventuras na cidade de Altamira<sup>10</sup>.

Serafina a acolheu e a levou para trabalhar na casa das religiosas. Teresinha, como é conhecida, é categórica ao afirmar que quando sua filha nasceu “a irmã Serafina pegou ela nos braços no hospital e falou para o médico: olha a minha neta doutor!” (Pereira, 2023).

Na figura 27, encontramos o resultado de uma pesquisa de opinião pública que elegeu a Casa Divina Providência entre os trinta profissionais que mais se destacaram no ano de 1984. Percebe-se, neste sentido, na população de Altamira, uma espécie de inconsciente coletivo que personifica a Casa.

Ao que nos parece, a intenção da pesquisa era destacar os profissionais de maior relevância no município de Altamira-Pará. Contudo, a população elege a Casa Divina Providência, fato que talvez evidencie essa personificação da Casa e a relevância dos trabalhos ali desenvolvidos.

**Figura 27** – Honra ao mérito Casa Divina Providência



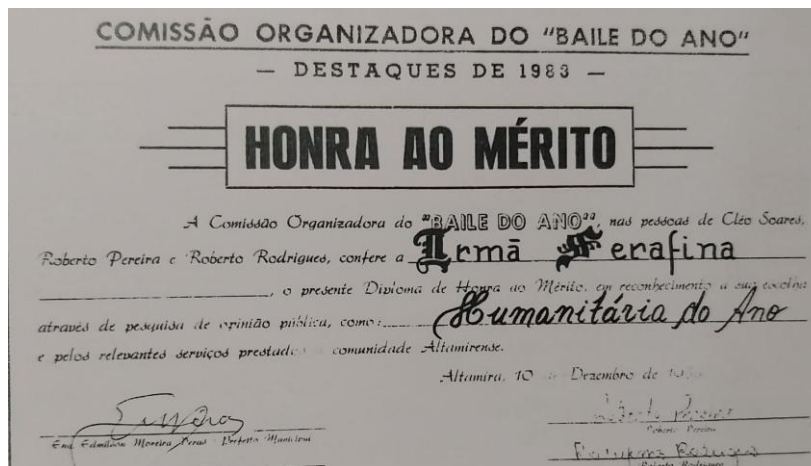
Fonte: Arquivo Casa Divina Providência.

A comissão organizadora do “Baile do Ano” destaca Serafina Cinque, no ano de 1983, com o título de honra ao mérito, como “humanitária do ano e pelos relevantes serviços prestados

<sup>10</sup> A entrevistada foi resgatada por Serafina Cinque de uma casa de prostituição. A religiosa lhe ofereceu um trabalho como doméstica na casa da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo em Altamira-Pará. Segundo relatos da sra. Teresa, Serafina lhe tratava como uma filha.

a comunidade Altamirense”. O documento destaca que essa honraria é fruto de uma “pesquisa de opinião pública”.

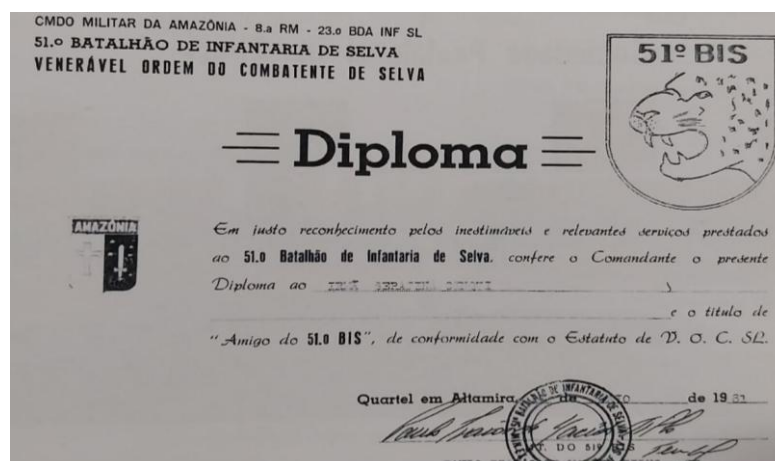
**Figura 28** – Honra ao mérito - Baile do Ano



Fonte: Positio volume II.

A figura abaixo apresenta um diploma expedido pelo 51º Batalhão de Infantaria de Selva de Altamira. O diploma foi expedido no ano de 1983 à irmã Serafina Cinque e destaca que se trata de um “justo reconhecimento pelos inestimáveis e relevantes serviços prestados ao 51º batalhão”. Trata-se, portanto, de um diploma de “Amigo do 51º BIS.”

**Figura 29** – Diploma Amigo do 51º BIS



Fonte: Positio volume II.

Percebe-se, neste sentido, o reconhecimento não somente da população de modo geral, que, por diversas vezes, por meio de pesquisas de opinião pública, fez com que Serafina e a Casa Divina Providência fossem homenageadas, mas também o reconhecimento de instituições, como é o caso do 51º BIS, o IFPA, a câmara de vereadores, dentre outras.

Destacando as homenagens pós-morte, iniciamos com a Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na Comunidade São Francisco s/n – estrada do Tarumã na zona oeste de Manaus-AM, que recebe o nome de Irmã Serafina Cinque.

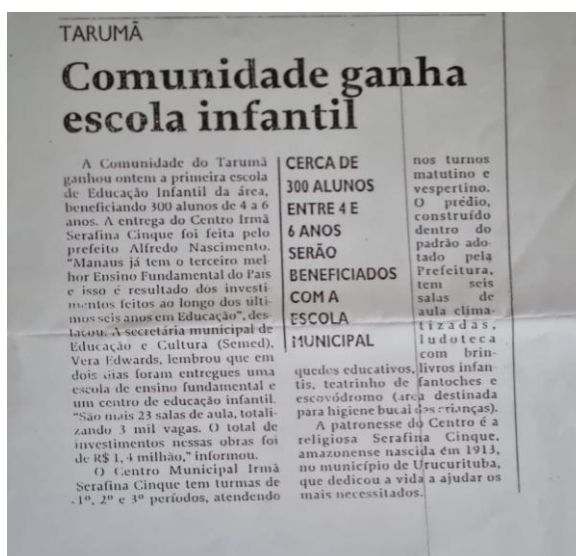
**Figura 30** – EMEF Irmã Serafina Cinque



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100065427611777&mibextid=ZbWKwL>.

Segundo informações contidas na página do Facebook da instituição, esta teve início como um Centro Municipal de Educação Infantil, tendo iniciado suas atividades em 03 de agosto de 2003. Dois anos depois, passou a ser escola de ensino fundamental e, na atualidade (informações obtidas no início do ano de 2024), são atendidos cerca de 382 alunos em treze turmas que estão organizadas da seguinte forma: uma turma de educação infantil, onze turmas de 1º a 5º ano e uma turma destinada ao Programa de Aceleração da Aprendizagem.

**Figura 31** – Manchete sobre a inauguração da escola Ir. Serafina Cinque



Fonte: Arquivo sr. Orange Cinque.

A imagem acima se trata de um recorte de manchete do ano de 2003, destacando detalhes da inauguração da escola infantil irmã Serafina Cinque. O recorte destaca, dentre outras informações, a quantidade de salas climatizadas, ludoteca com brinquedos educativos, livros infantis, as séries atendidas e o destaque final para a patrona do centro: “religiosa amazense que dedicou a vida a ajudar os mais necessitados”.

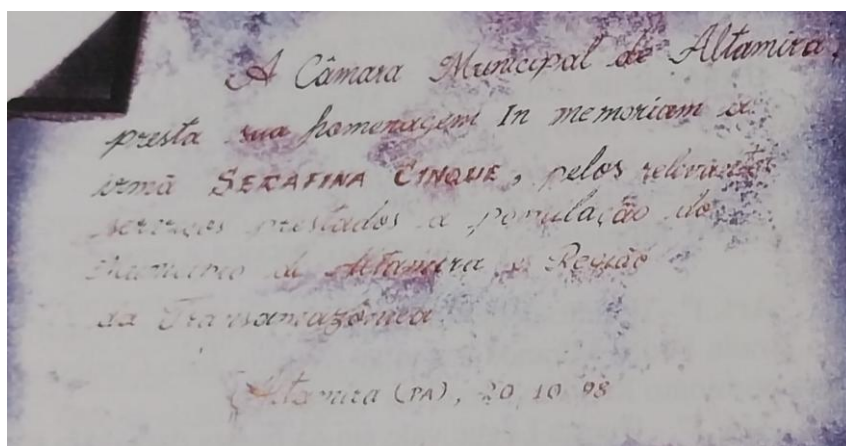
**Figura 32** – Centro Social Irmã Serafina.



Fonte: Positio Volume II.

O Centro Social Irmã Serafina Cinque<sup>11</sup> está localizado no município de Codajás, Amazonas. Foi inaugurado em 21 de outubro de 2002, data em que se recordava os 14 anos do falecimento da religiosa.

**Figura 33** – Homenagem da Câmara municipal de Altamira-Pará



Fonte: Positio Volume II.

<sup>11</sup> Em nossas pesquisas, não conseguimos confirmar os serviços prestados neste espaço, tampouco, se, na atualidade, o centro social ainda está em funcionamento. Sabe-se que, ao ser inaugurado, estava sob responsabilidade da paróquia de Codajás.

Apesar do seu estado de conservação, ainda é possível compreender a mensagem escrita no documento. Trata-se de uma homenagem *in memoriam*, prestada à irmã Serafina Cinque, no ano de 1998, pela câmara municipal de Altamira-PA. No documento está escrito: “A câmara municipal de Altamira presta sua homenagem *in memoriam* à irmã Serafina Cinque, pelos relevantes serviços prestados a população do município de Altamira e região da Transamazônica. Altamira (PA), 20 10 98”.

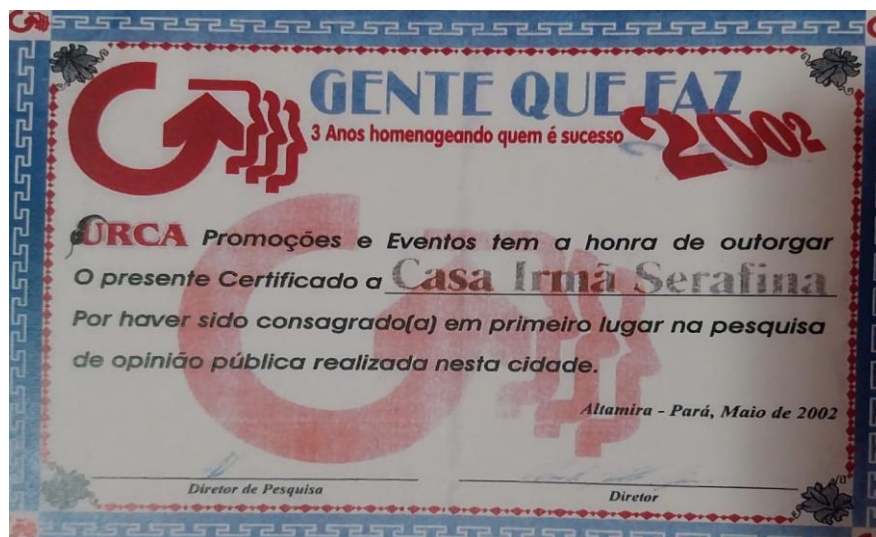
**Figura 34** – Comenda Honorífica de Honra ao Mérito



Fonte: Arquivo da Casa Divina Providência.

A imagem acima destaca uma homenagem da câmara municipal de Altamira-PA, por meio de decreto legislativo, concedendo, por sua vez, à Casa Divina Providência a comenda honorífica de honra ao mérito no final do ano 2000.

**Figura 35** – Homenagem Gente Que Faz



Fonte: Arquivo Casa Divina Providência.

A homenagem é resultado de uma pesquisa de opinião que consagra a Casa Divina Providência ou Irmã Serafina em primeiro lugar, como a mais lembrada no município de Altamira quando se trata de “gente que faz” a diferença.

**Figura 36** – Homenagem do Instituto Federal do Pará



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Este registro foi realizado em julho de 2023, quando estive na Casa Divina Providência. Não foi possível confirmar a data em que esta menção honrosa foi realizada pelo Instituto Federal do Pará, mas salientamos, sobretudo, o trecho final da menção que salienta o reconhecimento de Serafina Cinque na contribuição do desenvolvimento da cidade de Altamira.

**Figura 37** – Creche Irmã Serafina Cinque



Fonte: Google Maps.

A creche está localizada na rua Osório de Freitas no bairro Brasília – Altamira-Pará. Na cidade de Altamira, se destaca ainda o berçário Irmã Serafina Cinque, localizado no hospital municipal São Rafael. O berçário foi inaugurado no dia 31 de março de 2002, conforme é possível constatar na figura 38.

**Figura 38** – Placa de Inauguração do berçário Irmã Serafina Cinque



Fonte: Positio volume II.

A imagem não se encontra em boa qualidade, mas é possível perceber que, no centro, apresenta uma fotografia da religiosa já sem o hábito, e os escritos destacam os responsáveis pela construção do berçário e pela homenagem. É conveniente destacar que “Irmã Serafina vinha ao hospital diariamente, e até várias vezes ao dia, para ver mulheres doentes e/ou grávidas que estavam hospitalizadas, ou os demais médicos” (Positio II, 2007, p. 1049).

**Figura 39** – Rua Irmã Serafina Cinque



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A figura 39 expressa mais uma tentativa do poder público da cidade de Altamira em homenagear irmã Serafina Cinque. A rua, localizada no bairro Brasília, faz esquina com a rua padre Antônio Vieira, onde está localizada a Casa Divina Providência. Destaca-se, na placa, no entanto, o erro na grafia do sobrenome da religiosa, escrito com “s”.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Mergulhar nos detalhes mais amiúdes da história de vida de Serafina Cinque nos possibilita tocar em questões peculiares da Amazônia paraense como, por exemplo, as condições geográficas, econômicas, sociais e educacionais. Ao construirmos uma história vista de baixo, na perspectiva da história cultural, identificamos a força e a garra de uma mulher nortista disposta a não se conformar com a miséria da população pelos lugares por onde passou.

A educação contextualizada foi uma das principais características da prática de Serafina. Ela compreendia a importância de adaptar o conteúdo educacional à realidade dos alunos, levando em consideração suas vivências e necessidades. Ao incluir temas relevantes para a comunidade local, como os serviços desenvolvidos no Clube das Mães, promovia um aprendizado que dialogava com o cotidiano dos envolvidos no processo, tornando a educação mais significativa e engajadora.

Ao motivar a participação da comunidade nas atividades educativas, promovendo um senso de pertencimento e coletividade, fortalecia os laços sociais e mobilizava recursos locais para a educação, tornando-a uma ferramenta potente de transformação. É interessante destacar que essa educação acontecia, por vezes, de maneira livre, distanciada do ambiente institucionalizado, isto é, acontecia na naturalidade do cotidiano e, por vezes, de maneira estruturada e intencional, por meio de cursos, palestras e formações.

Essa abordagem é especialmente pertinente hoje em um cenário global, marcado por desigualdades sociais e econômicas. A educação deve ser um dos instrumentos de transformação, capaz de promover a justiça social e a equidade, tal como Serafina defendia em sua prática. Em um mundo repleto de desafios, é imperativo que a educação não se limite apenas a preparar indivíduos para o mercado de trabalho, mas que também os capacite a questionar, transformar e lutar por um mundo mais justo.

A história de Serafina é um lembrete de que a educação deve ser um ato de amor e compromisso com a humanidade. Suas concepções de educação oferecem um rico campo de reflexão para a educação contemporânea: ao revisitarmos sua trajetória, somos desafiados a

repensar nossas práticas educativas e a buscar formas de promover uma educação que realmente transforme vidas e sociedades.

Para tal, faz-se necessário, a priori, repensar os fundamentos da educação que estamos construindo. Que tipo de educadores estamos sendo? Temos consciência da obra que estamos construindo? Quais serão os resultados das nossas perspectivas e práticas pedagógicas nas gerações futuras? Temos desenvolvido uma educação que contribua para transformar homens e mulheres na sua integralidade, ou estamos “educando” apenas para o desenvolvimento de uma profissão?

Serafina Cinque compreendeu desde cedo que a educação não se restringe às paredes da escola. Compreendeu que é necessário envolver a comunidade, fazer parcerias com organizações locais, famílias e líderes comunitários para desenvolver projetos que atendam às necessidades da população. Essa interação fortalece os laços sociais e proporciona um aprendizado mais relevante e contextualizado. Ao envolver a comunidade no processo educativo, a escola se torna instituição integradora na qual todos os envolvidos aprendem e crescem juntos.

É fato que, na atualidade, o sistema educacional, frequentemente, prioriza resultados quantitativos, como notas e desempenho em testes padronizados e aprovações em vestibulares em detrimento de uma abordagem mais qualitativa e humanista. Essa ênfase em métricas de desempenho nos conduz a uma educação que se concentra na transmissão de conteúdos, por meio da qual alunos frequentemente conhecem tudo sobre diferentes planetas e astros onde jamais pisarão, mas pouco sabem sobre si mesmos, pouco se interessam pelas questões sociais de seus bairros, pouco, ou quase nada, fazem pela transformação das realidades de opressão que lhes envolvem.

Serafina era educadora no sentido mais genuíno do termo; ao acolher um aluno, uma grávida, doente ou um adolescente em situação de vulnerabilidade, ela não realizava apenas um trabalho assistencialista, ou o repasse de um conteúdo meramente intelectual, mas procurava ressignificar o sentido da vida daquela pessoa a partir do cotidiano, lhe ensinando, por exemplo, uma nova prática, uma nova forma de enxergar a vida, um jeito prático de amenizar os problemas sociais os quais eram tão recorrentes naquele contexto.

Sua atuação como religiosa é inseparável, portanto, de sua atuação como educadora, uma vez que um dos focos de atuação de sua congregação é a educação. É de fundamental importância salientar que Serafina realiza tanto uma educação centrada no ambiente escolar como não escolar. Neste sentido, é digno de nota que suas ações, no contexto da década de 1970, se tomadas apenas por uma perspectiva escolar, apresentam pouco, ou nenhum impacto.

Por outro lado, quando identificamos uma preocupação integral com a pessoa humana e o desejo de formar e transformar cada pessoa, vislumbramos a personificação da pedagogia do amor e uma educação que ultrapassa em larga escala o ambiente restrito da escola.

Suas ações e perspectivas estão para além da mera militância ideológica. Há no âmago de Serafina um amor pela humanidade sofrida que não pode ser contido, lhe extrapola. Vislumbrando suas condições frágeis de saúde, é conveniente nos perguntarmos onde encontrava tanta força para se doar por pessoas que ela sequer conhecia, sequer sabia com inteireza sua história. Este humanismo de Serafina, de fato, nos é desconcertante.

Provavelmente se tivesse optado por outros caminhos como, por exemplo, casar – construir uma família, seguir carreira na docência ou na enfermagem, longe dos caminhos da vida religiosa –, seria uma mulher certamente bem sucedida. Na pior das hipóteses, iria gerir os negócios da família, e é provável que, com sua inteligência e sagacidade, os ampliaria ainda mais, pois capacidade e habilidades não lhe faltavam. Contudo, preferiu os pobres, a vida simples, a chinela de dedo, pouco resistente às lamas da Transamazônica.

Como compreender tamanha doação? Como aceitar que mesmo em estágio terminal de câncer esta mulher não fixe o olhar em sua própria realidade, mas continue a pensar em condições melhores para a Casa Divina Providência e para os mais necessitados da Transamazônica? Como conseguiu ser indiferente às rejeições e perseguições das religiosas de sua própria congregação? Há, de fato, uma força que a transcende.

Suas ações não são frutos de mera resistência aturdida e rebelde como de quem tenta carregar o mundo nas costas visando a mostrar que é possível fazer a diferença, ou de quem faz visando ao poder, prestígio e glória. Serafina se move, porque vê no outro o Cristo que sofre, porque compreendeu que somos todos irmãos e que, de fato, não dá pra ficar inerte enquanto a humanidade está morrendo.

São esses fatos que a transcendem, mas que, ao mesmo tempo, lhe são absolutamente naturais que geram estupefação e encanto em todos aqueles que testemunharam suas obras. Neste sentido, é fácil compreender a expressão “o anjo da Transamazônica” e, por sua vez, a tentativa de torná-la santa no catolicismo romano.

Serafina fez de seu lema de consagração a expressão máxima de sua vida: servir desinteressadamente. Compreendemos que a tentativa de declarar a sua santidade nos mostra o quanto suas ações e sua determinação foram impactantes. O santo é aquele que serve de modelo, é um norte, um farol.

Ainda que optemos por vislumbrar sua história de vida sem a prerrogativa da santidade, não será possível, todavia, desconsiderar a força de sua doação, determinação e o impacto positivo de sua vida ainda nos dias atuais (mais de 36 anos após sua morte).

Serafina, porque aprendeu a valorizar as miudezas do cotidiano, o olhar nos olhos, a escuta ativa, a capacidade de gerar esperança, entusiasmo e criticidade nos encontros mais simples, a habilidade de juntar forças para transformar as realidades, se configura como uma mulher gigante, à frente do seu tempo; mesmo após sua morte, sua história continua a reverberar e a promover a vida e um humanismo que encontra na pedagogia do amor o sentido de toda ação.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Sabenças do Padrinho**. Belém: EDUEPA, 2021.
- ALENCAR, Islany Costa. **A perspectiva pedagógica do amor em Paulo Freire**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Educação - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.
- BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista 1922-1943. **Rev. Bras. Polít. Int.** 40 (2): p. 106-130 [1997].
- BIANCHINI, Paolo. Pátria, raça e civilização. Instruções para uma emigração bem-sucedida nos manuais escolares italianos de Geografia entre o final do século XIX e o início do século XX. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 309-328, mai./ago. 2019 e-ISSN: 1982-7806.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. História de vida nas ciências humanas e sociais: caminhos, definições e interfaces. In: **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989** / – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CARVALHO, Erika Marques de. **Uma cicatriz na selva: da propaganda aos impactos sociais e sanitários da rodovia Transamazônica (1969-1979)**. (Tese de Doutorado) Programa de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz. Rio de Janeiro, 2021.
- CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, Rio Grande, 16: p. 7-24, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Maria Manuela Galhardo (trad.). Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CLOSS, Lisiane.; ANTONELLO, Claudia. Simone. História de vida: suas possibilidades para a investigação de processos de aprendizagem gerencial. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. Pernambuco, v. 10, n. 1, p. 105-137, jan/abr. 2012.
- CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **As lutas e resistências do movimento Xingú vivo para sempre diante do projeto hidrelétrico Belo Monte: o padrão de desenvolvimento da Amazônia em disputa**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-graduação em ciências sociais da Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba, 2014.

COSTA, Benedito Gonçalves. **A educação de meninas órfãs, desvalidas e pensionistas no asilo de Santo Antônio, no pastorado do Bispo D. Antônio de Macedo Costa em Belém – Pará: 1878 – 1888**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2014.

FERNANDES, José Guilherme; Fernandes, Daniel dos Santos. Personas e habitus: estudo de perfis antrópicos na Amazônia oriental. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 81-111, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 2013.

FREITAS, Léa Gonçalves de. **Políticas de assistência, proteção e educação à infância pobre, abandonada e órfã e as ações da prelazia do Xingu no município de Altamira – Pará (1970-1979)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Ciência da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

FREITAS, Léa Gonçalves de.; MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira.; PARENTE, Francilene de Aguiar. As ações sociais da Irmã Serafina Cinque na Transamazônica (1970-1979) e as aproximações teóricas de Paul Ricoeur sobre o sentido de esperança. *In: Cadernos do CEOM*, Chapecó (SC), v. 34, n. 55, p. 54-66, Dez/2021.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral, Possibilidades e Procedimentos**. 2ª ed. São Paulo: Humanas, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

IGREJA CATÓLICA. Prelazia do Xingu. **Relatório de atividade**. Altamira, 1973b.

LE GOFF, Jacques. **A nova história cultural**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo. Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LIMA E FONSECA, Thais Nívia de. História da educação e história cultural. *In: GREIVE, Cynthia Veiga; LIMA E FONSECA, Thais Nivia de (Orgs.). História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 49-75.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: Epu, 1986.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. **Mensagem ao Congresso Nacional**. [Relatório Presidencial, 1970]. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1352/>. Acesso em: 29 jan. 2024.

MENEZES, Marília de. **Irmã Serafina Cinque: o anjo da Transamazônica**. CIS ASC. Roma, Itália, 1998.

MIKI, Pérsida da Silva Ribeiro. **Aspectos da Educação Infantil no Estado do Amazonas: o Curso Infantil Froebel no Instituto Benjamin Constant e outros jardins de infância (1897-1933)**. 2014. p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, SP, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira Romeu Gomes; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** /. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007..

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 143-175.

OLIVEIRA, Liliane Costa de. **Vida religiosa ribeirinha: um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, 2012.

OLIVEIRA, Maria Cledes. **Maria de Mattias como eu vejo**. Belém, PA, 2005.  
PEIXOTE, Maria cristina Leite. **Santos da porta ao lado: os caminhos da santidade contemporânea católica**. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006

PESTALOZZI, Johann Heinrich. Carta de Stans: carta de Pestalozzi a um amigo, sobre sua permanência em Stans. *In*: INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1997, p. 140-158.

PIMENTA, Adriene Suellen Ferreira. **Educação de meninas no Orphelinato Paraense**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2013.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EDUFRN, 2012.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**. n. 14, São Paulo, PUC/SP, fevereiro/1997a.

PORTUGAL, Sônia Aparecida Feiteiro. **Transamazônica: Memórias e silêncios da migração**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará, Bragança, 2021.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *In*: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; SIMSON, Olga de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988. cap. 2. p. 14-43.

RODRIGUES, Denise Simões; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de. A pesquisa documental socio-histórica. *In*: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (Orgs.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010.

ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira Couto.; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Couto. **A entrevista na pesquisa qualitativa: Mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

SANTINON, Ivenise Teresinha Gonzaga. **As relações de poder nas pastorais do catolicismo romano pós-concílio vaticano II**. Um estudo de gênero a partir do trabalho das mulheres na Arquidiocese de Porto Velho-RO. (Tese de Doutorado) Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

SCALABRIN, Rosimeri. **Caminhos da educação pela transamazônica**: ressignificando o saber cotidiano e as práticas educativas de educadores (as) do campo. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SILVA, Maria Ivonete Coutinho da. **Mulheres migrantes na Transamazônica**: construção da ocupação e do fazer política. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.

SILVA, Tayana Helena Cunha. ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Entre lar e Igreja: A Educação de mulheres e as Congregações religiosas na Amazônia Paraense (1900-1927). **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1609-1638, out./dez. 2020.

SIQUEIRA. Antônio Juraci. **Irmã Serafina Cinque, o Anjo da Transamazônica**. Belém, PA, [s. d.]. Literatura de Cordel.

SOUZA, Cêzar Augusto Martins de. **A estrada invisível**: memórias da Transamazônica. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012.

SOUZA, Cêzar Augusto Martins de. Morte, saúde e ditadura na construção da transamazônica. Ver. **Tempos Históricos**. Volume 19 - 2º Semestre de 2015; p. 65-91 - 1983-1463 (versão eletrônica).

SOUZA, Matilde de. Transamazônica: Integrar para não entregar. **Nova Revista Amazônica**, Volume VIII - nº 01 - Abril 2020.

TRINDADE, Evelina. **Sangue Redentor nas trilhas da Esperança**. Manaus, 1998.

VENSON, Ana M. M.; PEDRO, Joana M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 125-139, 2012.

WALTER, Robert Toovey; HOMMA, Alfredo K.; OYAMA, Arnaldo J.; CARVALHO, Rui de Amorin.; FERREIRA, Célio Armando. **As contradições do processo de desenvolvimento agrícola na Transamazônica**. Belém: Embrapa Oriental, 1997.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Marias, Franciscas e Raimundas**: uma história das mulheres da floresta Alto Juruá, Acre 1870-1945. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

WORTMANN, Maria; COSTA, Marisa V.; SILVVEIRA, Rosa H. Sobre a Emergência e a expansão do Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr., 2015.

ZANATTA, Beatriz Aparecido. O Método Intuitivo e a Percepção Sensorial como Legado de Pestalozzi para a Geografia Escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 165-184, maio/ago, 2005.

## ENTREVISTAS

PEREIRA, Teresa Paiva. **Entrevista 1**. [Jul.2023.]. Entrevistador Pedro Júnior dos Santos Silva. Altamira, Pará. 8 arquivos. Video (1h).

SILVA, Tarcísio Feitosa da. **Entrevista 1**. [jan. 2024]. Online. Entrevistador Pedro Júnior dos Santos Silva. Santa Maria do Pará – Pará, 2024, 19 arquivos. Mp3 (1h).

CINQUE, Orange Ribeiro. **Entrevista 1**. [jan. 2024]. Online. Entrevistador Pedro Júnior dos Santos Silva. Santa Maria do Pará – Pará, 2024, 1 arquivo (3min).

PEREIRA, Lucenir de Jesus Brito. **Entrevista 1**. [fev. 2024]. Online. Entrevistador Pedro Júnior dos Santos Silva. Santa Maria do Pará – Pará, 2024, 8 arquivos. Mp3 (5 min).

ROCHA, Antônio. **Entrevista 1**. [fev. 2024]. Online. Entrevistador Pedro Júnior dos Santos Silva. Santa Maria do Pará – Pará, 2024, 8 arquivos. Mp3 (4 min).

FREITAS, Ivone. **Entrevista 1**. [Mar. 2024]. Entrevistador Pedro Júnior dos Santos Silva. Santa Maria do Pará – Pará, 2024, 1 arquivo. Mp3 (10 min).

ROCHA, Maria do Socorro Moreira, **Entrevista 1**. [Mar. 2024]. Entrevistador Pedro Júnior dos Santos Silva. Santa Maria do Pará – Pará, 2024, 1 arquivo. Mp3 (8 min).

## DOCUMENTOS

CASA DIVINA PROVIDÊNCIA. **Estatísticas anuais**: 2008 – 2015. Altamira, 2015.

CASA DIVINA PROVIDÊNCIA. **Regimento interno**: normas gerais. Altamira, 1979b.

CASA DIVINA PROVIDÊNCIA. **Relatório Anual 2022**. Altamira, 2022.

CASA DIVINA PROVIDÊNCIA. **Relatório Anual 2023**. Altamira, 2023.

**CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**: São Paulo: Loyola, 2001.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTÉIA. **Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia**. Trad. da Província Brasil-Nordeste (Recife, 1969). Porto Alegre, RS, 1999, 139 p.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTÉIA. **Instituto de Santa Dorotéia**: Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia. Tipografia de G. Battista Marini e B. Morini, 1851.

CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL. **Plano trienal de educação 2004-2006**: 210 Província Brasil Sul pastoral escolar. Belo Horizonte, MG, 2003, 67 p.

INSTITUTO MARIA DE MATTIAS. **Ofício ao Ministro da Educação**. Altamira, 1972.

INSTITUTO MARIA DE MATTIAS. **Histórico**. 1974.

**POSITIO:** super vita, virtutibus et fama sacitatis. Vol. I Roma, 2007.

**POSITIO:** super vita, virtutibus et fama sacitatis. Vol. II Roma, 2007.

## **PROGRAMAS DE TV**

SANTOS, Dionelson Verderosa dos. **Entrevista Programa Janela Aberta**. Tv. Nazaré. Belém - Pará, 2017.

## **SITES**

Site do vaticano destaca detalhes do processo de beatificação de Serafina Cinque. Informação disponível em: <https://www.causesanti.va/it/venerabili/serafina-cinque-al-secolo-noemy.html>  
Acesso em 01 de março de 2024.

Histórico do Instituto Benjamim Constant. Informação disponível em:  
<https://idd.org.br/iconografia/escadaria-do-instituto-benjamin-constant/>  
Acesso em 21 de janeiro de 2024.

Histórico do Colégio Santa Doroteia em Manaus - Am. Informação disponível em:  
<https://doroteiasbrasil.org/csdmanaus>  
Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

Histórico do Colégio Santo Antonio em Belém-Pa. Informação disponível em:  
<https://doroteiasbrasil.org/csdmanaus>  
Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

## ANEXOS



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**  
**Pesquisa**

**SERAFINA CINQUE: TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA E RELIGIOSA NA  
TRANSAMAZÔNICA (1970 – 1988)**

Eu, Pedro Júnior dos Santos Silva, regularmente matriculado no Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado em Educação) da Universidade do Estado do Pará, venho por meio deste documento convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada “Serafina Cinque: Trajetórias de uma educadora e religiosa na Transamazônica (1970 – 1988)” desenvolvida por mim, sob orientação da professora Dra. Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França. A pesquisa objetiva analisar a formação educacional e religiosa que embasou as práticas educativas e ações missionárias de Serafina Cinque no contexto de colonização da Amazônia em Altamira – Pará, no período de 1970 – 1988. Constitui-se como uma pesquisa documental à luz da história cultural mergulhando em aspectos temáticos da história de vida de Serafina Cinque. A pesquisa utiliza como fontes as duas unidades do documento oficial de beatificação / canonização da professora Serafina Cinque, inúmeras fotografias do tempo de sua juventude, dos votos como religiosa, fotografias de seus pais e demais familiares próximos, diplomas, relatórios, bilhetes e anotações pessoais da professora Serafina. Além disso, utilizamos fontes orais empregando como instrumentos de coleta de dados entrevistas não estruturadas que se caracterizam pela oralidade livre acerca da temática investigada. Desse modo, durante as entrevistas utilizaremos gravadores de voz para registrar as falas que, posteriormente, serão transcritas para comporem as narrativas da dissertação. É pertinente ressaltar que sua participação é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento com a garantia de devolução de seus depoimentos. Por fim, esclareço que participar desta pesquisa não implica nenhum tipo de benefício direto, tais como compensações pessoais ou financeiras atreladas à autorização concedida. Sua participação será valiosa no sentido de contribuir para a escrita da história de vida de uma mulher educadora que marcou época no estado do Pará; sua contribuição nesta pesquisa nos ajuda na escrita e reescrita da história da educação na Amazônia.

---

Pesquisador

Pedro Júnior dos Santos Silva

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu \_\_\_\_\_ declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma.

Declaro que, por minha livre vontade que aceito participar da pesquisa, cooperando assim com a construção dos dados para posteriores análises. Belém - Pará: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura do entrevistado (a).



**Universidade do Estado do Pará**  
**Centro de Ciências Sociais e Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo**  
**66113-200 – Belém-PA**